





Para estar sempre actualizado sobre o que acontece no país e no globo siga-nos no


 **twitter.com**
@verdademz


 **@cristovaobolach** na entrada da redacao #Nampula, leitores pedem jornais, que já acabaram e dizem que não vão sair sem o jornal pic.twitter.com/ccDGzCpswT



 **@shirangano** "Jornalistas continuam a morrer por aquilo que acreditam" / Gwen Lister. Homenagem Carlos Cardoso #Powerreporting. @verdademz


 **@TheGoonSensei** @verdademz Amanha. 1º Chegar ao escritório às 6 horas, 2º marca o ponto e receber o seu Pão, dirija-se a Marcha/manifestação Pacífica. Ok.


 **@MontanadaNice** @verdademz Enquanto não houver diálogo, o país continuará em chamas.

 **@echaras** @verdademz teve acesso a imagens do circuito interno do local do #sequestro e pode-se ver os criminosos ASSISTA EM youtu.be/9uSjrO6rVBO




Sequestro em Maputo 26 Outubro 2013

 **@chuabo1961** @verdademz Porque isso tudo, paz, paz, paz.


 **@joaozavala2** @verdademz vejam o prol da realidade da mocambicanidade pic.twitter.com/YKKLmzWxml



 **@ruidurao** @verdademz Já estou a ver amanhã no #jornalnoticias: Armando #Milaco morre de "causas naturais"

 **@echaras** Netherlands ambassador in Mozambique visiting Jornal @verdademz & hearing how the truth is taken to the people [#free pic.twitter.com/UGvPQkT3xp](https://pic.twitter.com/UGvPQkT3xp)



 **@bchicalia** @verdademz raptaram mais 1 criança hoje na Coop. Até quando vamos ficar impávidos e serenos com esta situação...?

Há Guerra em Moçambique



Ataque a comboio T1 em Vilankarua
Ataque a comboio a cerca de 15km de Vilankarua
20-10-2013



FADML atacam interiores da Renamo em Raposo
Ataque a interiores da Renamo em Raposo
20-10-2013



Oficina governamental a cerca de 10km de Marrigosa
Oficina governamental a cerca de 10km de Marrigosa
20-10-2013



Ataque a posto policial em Marrigosa
Ataque a posto policial em Marrigosa
20-10-2013



Ataque a base da Renamo em Vilankarua
Ataque a base da Renamo em Vilankarua
20-10-2013



Tiro na Renamo
Tiro na Renamo
20-10-2013



Ataque a minicarro de passageiros a cerca de 10km de Vilankarua
Ataque a minicarro de passageiros a cerca de 10km de Vilankarua
20-10-2013



Ataque a 1ª unidade viaturas
Ataque a 1ª unidade viaturas
20-10-2013



Ataque a unidade militar
Ataque a unidade militar
20-10-2013



Ataque a unidade militar
Ataque a unidade militar
20-10-2013

Democracia PÁGINA 11-12



Quem pára o consumo de álcool?

Destaque PÁGINA 15-17



Guebuza + Zuma em Mphanda Nkuwa

Democracia PÁGINA 13

Editorial

averdademz@gmail.com

Descansa em paz...

Sangra o país por todos os lados. Não há medicamentos e também segurança. Na Beira uma criança de 13 anos foi raptada, torturada e abandonada sem vida. Como um animal. O retrato do país é macabro. Porém, fácilimo de desenhar. É melhor começarmos por aquilo que ninguém vê, mas que resulta nefasto ao futuro dos 22 milhões de cidadãos que preenchem este rochedo à beira-mar. É um facto que no país não há medicamentos. O que é grave, mas mais grave ainda, é compreender que os medicamentos, para chegarem aos hospitais, centros e postos de saúde, precisam de circular pelas estradas nacionais.

A retórica oficial que dá conta da distribuição de medicamentos não procede. @Verdade entrou em contacto com 113 distritos e atestou, através dos médicos e enfermeiros, que não existem medicamentos e que, dizem, devido ao exaltar das armas na zona centro é melhor esquecer os hospitais, postos e centros de saúde. Portanto, quando se fala de vítimas civis destes ataques no centro é preciso engordar os dados e analisar profundamente o problema. O condicionamento do tráfego obriga a uma engenharia de distribuição de medicamentos que o país, por força da rotina, se desabitou de trilhar. É preciso contar estes mortos.

A falta de medicamentos não é assunto dos dias que correm. É tão antigo como o teatro de enganar que teve lugar no Centro de Conferências Joaquim Chissano. Portanto, é um facto que o país não só não tem medicamentos como também não goza de estrutura logística para os distribuir. Mas a ausência de fármacos causa apenas mortes invisíveis, aquelas que nem a Renamo, nem a Frelimo e muito menos a sociedade civil contam. Esses continuam anónimos num país e numa sociedade que trilham por outros caminhos e escolheram prioridades igualmente outras.

Esses permanecem na vala comum do nosso esquecimento. Contamos um, dois, três e 58 mortos e julgamos que o sangue derramado é muito pouco. Ignoramos os desterrados quando urdimos, aqui e ali, de que lado mora a razão. O povo moçambicano não pode continuar a fazer o papel de África na reedição de uma conferência de Berlim neste teatro da arrogância que montaram na zona centro do país.

Se um eventual conflito político-militar só tem como vítimas os paupérrimos civis de um país onde ser pobre é o mais normal é porque as coisas estão realmente pretas. É isso que nos transmite a morte de um miúdo de 13 anos na cidade da Beira. Vítima de raptos que habitam covis e movem-se nas sombras e morto da forma mais covarde por esta cambada de biltres. Uma morte que, na verdade, representa o cartaz da inoperância das instituições de justiça e da falência de um país, 38 anos depois do seu nascimento.

Descansa em paz, Moçambique.



Boqueirão da Verdade

“Esses crimes reforçam um sentimento de desamparo e desprotecção como nunca tivemos nos últimos vinte anos da nossa história. Esses que são raptados não são os outros, são moçambicanos como qualquer outro cidadão. De cada vez que um moçambicano é raptado, é Moçambique inteiro que é raptado. E de todas as vezes, há uma parte da nossa casa que deixa de ser nossa e vai ficando nas mãos do crime. Neste confronto com forças sem rosto nem nome, todos perdemos confiança em nós mesmos, e Moçambique perde a credibilidade dos outros. Esses sequestros estão a cercar-nos por dentro como se houvesse uma outra guerra civil, uma guerra que cria tanta instabilidade como uma qualquer outra acção militar, qualquer outra acção terrorista”, **Mia Couto**

“O melhor de Moçambique são os camponeses que embalam à pressa os seus haveres para fugirem das balas. O melhor de Moçambique são os que, mesmo não tendo dinheiro, pagam subornos para não serem incomodados por agentes da ordem cuja única autoridade nasce da arrogância. (...) Os melhores de Moçambique não precisam sequer que os outros digam que são os melhores. Basta-lhes serem moçambicanos, inteiros e íntegros, basta-lhes não sujar a sua honra com a pressa de se tornarem ricos e poderosos”, **Idem**

“Os melhores de Moçambique não precisam de grandes discursos para acreditarem numa pátria onde se possa viver sem medo, sem guerra, sem mentira e sem ódio. Precisam, sim, de acções claras que eliminem o crime e a corrupção. Todos os dias, o pior de Moçambique é premiado pela impunidade, pela cumplicidade e pelo silêncio”, **Ibidem**

“É de facto estranho que quando as Forças de Defesa e Segurança, que têm legitimidade e legalidade para actuarem em defesa da segurança do Estado, actuam, dirigentes das organizações da sociedade civil aparecem frenéticos com discursos inflamatórios de condenação. É caso mesmo para perguntar: a quem servem estes dirigentes das organizações da sociedade civil? Qual é a agenda destas organizações? Parece que perseguem objectivos e agendas inconfessáveis, contrários aos interesses nacionais”, **Edson Macuácu**

“Se as duas partes, tanto o Exército como a Renamo, sempre defenderam e informaram-nos de que não houve baixas nem feridos, como pode uma semana depois haver um morto? Estava ferido? E se foi dito e difundido que não houve mortos e nem feridos, donde vem este? (...) Na eventualidade de ter sido ferido, o que a Renamo fez para socorrer a vítima? Não terá minimizado o ferimento e este foi-se agravando com o tempo? Quem deve ser responsabilizado pela omissão de socorro? Não teria sido a tentativa de tentar provar a todos como sempre fazem que não houve feridos que levou ao agravamento do ferimento? O ferimento em si não é causa directa e necessária da morte, pode ser provado por meio da autópsia que

outras causas concorreram sendo lícito questionar: A Renamo terá submetido o corpo da vítima a autópsia?”, **Amosse Macamo**

“O que realmente levou à morte o deputado? Se a família enlutada for conformista, que se conforme com a versão da Renamo, mas se quer chegar à verdade deve ir a fundo. Quero lembrar que o deputado faz parte da ala civil dos que estavam no Parlamento e sem interesse de levar avante qualquer guerra. (...) A última questão: quem pode confirmar que foi a bala do Governo que teria ceifado a vida do deputado em causa? Porquê a fuga para frente? Porque tentar encontrar culpados que não seja quem provocou esta situação toda: o líder da Renamo?”, **Idem**

“Desta vez o caldo entornou-se. O que era previsível aconteceu. Ninguém se pôe a comprar armamento, em grandes quantidades, se não tiver intenção de o utilizar. E de o fazer a curto prazo. E a concentração de forças militares e policiais à volta da base em que se encontrava a residir Afonso Dhlakama não enganava ninguém que não quisesse ser enganado. O pretexto usado, de que era para proteger o dirigente da Renamo, na sua qualidade de membro do Conselho de Estado, mostrou agora o que valia. Para proteger Dhlakama bombardearam a sua base com armas pesadas. Interessante forma de protecção”, **Machado da Graça**

“O que parece terem conseguido foi retirar do comando das forças da Renamo o homem que, melhor ou pior, ia conseguindo manter as suas forças em posição de defesa e não de ataque. Os resultados disso, para todos nós, irão ser conhecidos nos próximos tempos. E não devem ser nada bons. Os vários pequenos ataques que já ocorreram depois da ocupação de Santunjira são disso já um prenúncio”, **Idem**

“A Renamo distancia-se dos ataques de Muxúnguê (...) Realizámos as nossas investigações e concluímos que não foram os nossos homens”, **Fernando Mazanga**

“Há quem reclama da falta de transparência no negócio de aquisição dos navios, pretensamente por não ter havido publicidade suficiente. Ora, nunca ouvimos esses indivíduos a rebelarem-se contra a falta de transparência na gestão de fundos em organizações da sociedade civil cujos líderes são vitálícios, nem mesmo da proveniência de fundos de alguns partidos políticos, ou ainda da gestão nada transparente de fundos alocados pelo erário a favor de alguns partidos políticos com assentos na Assembleia da República”, **Alexandre Chivale**

“Comprova-se um estranho hábito de se questionar, sem racionalidade, muitas vezes escapando à nossa atenção o facto de em Moçambique existirem empresas e pessoas pagas pela CIA para espionarem tudo e todos e a reproduzirem e difundirem propaganda subversiva”, **Idem**

OBITUÁRIO:

Marcia Wallace
1942 - 2013
71 anos



Marcia Wallace, a atriz que dava a voz a Edna Krabappel, a sempre exausta e fumante professora de Bart Simpson, do programa de televisão “Os Simpsons”, faleceu aos 70 anos de idade.

A atriz morreu em Los Angeles vítima das complicações de uma pneumonia, informou o filho Michael Hawley. Antes, tinha sobrevivido a um cancro de mama, sobre o qual falou no seu livro de memórias “Don’t Look Back, We’re Not Going Back”.

Nascida em Creston, Iowa, a 1 de Novembro de 1942, estudou literatura inglesa e teatro. Mudou-se para Nova Iorque, onde trabalhava como professora no Bronx e ia tendo pequenos papéis em peças teatrais e também em publicidade. Mas foi no “The Merv Griffin Show” que se tornou mais conhecida e conseguiu depois entrar na série da CBS “The Bob Newhart Show”.

Pouco depois de começar a trabalhar com a família Simpson, em 1992, Marcia Wallace ganhou um Emmy pela voz dada à personagem de Mrs. Edna Krabappel, a professora primária desiludida com a vida, amargurada, divorciada e eternamente à procura do amor, aparecendo muitas vezes na série de cigarro na boca. Por tudo isto, Edna nunca recusou um possível relacionamento amoroso, tendo-se envolvido, na série, com várias personagens.

Para além do atribulado relacionamento com o director Skinner, que deixa pendurado no altar, Edna envolveu-se também com Sideshow Bob, Moe Szyslak, Jeff Albertson e Ned Flanders, com quem chega mesmo a casar no final da 23ª temporada.

Já Marcia teve uma vida amorosa mais pacata. Casou-se com Dennis Hawley, com quem viveu até à morte deste, em 1992, e ambos adoptaram Michael Hawley.

Os nossos leitores nomearam os Xiconhocas da semana. @Verdade traça em breves linhas as motivações.

Alexandre Chivale

Chilavismo é talvez o estágio mais avançado na profissão do Xiconhoca. O dicionário da sacanice, produzido por um grupo perfeitamente identificado de 40 membros, define-o como “intervalos de cegueira mental, nos quais o insulto toma controlo de indivíduos tidos normalmente por comedidos e essencialmente racionais. Contudo, estes intervalos transformam aquilo que se tinha por discernimento numa vovuzela de linguagem chã, torpe e vulgar. O seu estágio mais avançado foi atingido nas antenas da RDP África, de onde saiu para mostrar ao mundo o quão nocivo pode ser para a democracia que se pretende num país que tem de abraçar a modernidade”.

Alberto Mondlane

O ministro do Interior, Alberto Mondlane, garantiu nesta terça-feira que a Polícia moçambicana tem capacidade para combater a onda de sequestros que tem abalado o país. Os nossos leitores, sábios e incisivos como são questionam: “Que capacidade senhor ministro? Ou enganou-se e quis dizer que a Polícia tem meios para tirar partido financeiro dos raptos? É que se tivesse meios este flagelo que já tirou uma vida inocente já teria respostas firmes. Não acha?” Outro leitor também soltou o verbo: “só se capacidade, no dicionário do ministro, significa o seu próprio antónimo. Aí posso concordar com sua excelência. De outra forma não”.

Damião José

Definitivamente, o porta-voz da Frelimo, Damião José, é um caso de estudo. Desta feita, ocupou o espaço de antena pago pelos nossos impostos para cuspir num direito constitucional. Ou seja, apelar aos moçambicanos para não participarem numa marcha pacífica contra a situação caótica que vivemos graças à governação de um Executivo que continua a marimbar-se para o sofrimento do povo. Além da inércia nas questões relacionadas com os raptos e a instabilidade política, o Governo que o papagaio José defende está a demonstrar uma tremenda falta de transparência na gestão dos fundos estrangeiros alocados visando o desenvolvimento das zonas rurais. O que Damião José devia fazer, neste contexto, é convocar os moçambicanos dos distritos para uma marcha para também defenderem os seus interesses.

Por opção editorial, o exercício da liberdade de expressão é total, sem limitações, nesta secção. As escolhas dos leitores podem, por vezes, ter um conteúdo susceptível de ferir o código moral ou ético de algumas pessoas, pelo que o Jornal @Verdade não recomenda a sua leitura a menores ou a pessoas mais sensíveis.

As opiniões, informações, argumentações e linguagem utilizadas pelos participantes nesta secção não reflectem, de algum modo, a linha editorial ou o trabalho jornalístico do @Verdade. Os que se dignarem a colaborar são incentivados a respeitar a honra e o bom nome das pessoas. As injúrias, difamações, o apelo à violência, xenofobia e homofobia não serão tolerados.

Diga-nos quem é o Xiconhoca desta semana. Envie-nos um E-MAIL para averdademz@gmail.com, um SMS para 90440, uma MENSAGEM BLACKBERRY (pin 2A8BBEFA) ou ainda escreva no Mural defronte da nossa sede.



Xiconhoquices

Os nossos leitores nomearam as seguintes Xiconhoquices da semana.

Menor morto bárbara e cobardemente depois de ser raptado

“Eu sou a mãe da criança, mas não deito nenhuma lágrima e apelo a todas mães em Moçambique para que façam greve contra o Governo”, disse agastada Kulssum Ismael. E nós concordamos com a senhora. Não é necessário derramar lágrimas se o menor morreu de forma tão covarde e devido a uma gigantesca (ir)responsabilidade da Polícia da República de Moçambique. O facto até pode ser casual, mas é inconcebível que o menor tenha sido morto depois de a família ter ousado colaborar com a Polícia. Isto é uma Xiconhoquice de proporções oceânicas. E nem vale, como é costume nas pessoas que amam a coerência, urdirem teorias de um facto (informar a Polícia) que não explica necessariamente o que sucedeu (assassinato do menor).

Até podemos concordar, mas já está mais do que claro que há polícias envolvidos no esquema. E se uma mãe evita jorrar lágrimas é preciso questionar o papel dos órgãos de justiça. A falta de meios não pode, de forma alguma, justificar a inoperância de quem devia zelar pela protecção do cidadão comum e evitar que a inversão do curso cronológico na relação progenitores e filhos. E nem os salários baixos devem servir como almofada para que a Polícia seja abrigo de criminosos. Uma

mãe deve viver para enterrar um filho.

Morte de civis no troço Save/Muxunguê

O troço Save/Muxunguê transformou-se, nos últimos tempos, no corredor da morte. Um traçado onde qualquer civil deve viajar com o coração nas mãos. Uma espécie de cemitério de uma paz que durou 20 anos. Uma parte do sangue que jorrou naquele trecho foi reivindicado pela Renamo, sob a desculpa de que era necessário alargar o perímetro de segurança do seu líder. Sucede, porém, que Dhlakama teve de fugir da sua base em Sathunjira e aquele troço voltou a ser um inferno. As narrativas que chegam daquelas bandas enumeram os mortos e contam os feridos, mas não lhes dão rostos e nem contam os seus reais dramas ou destino das suas famílias depois de os seus entes queridos se cruzarem com a morte. É uma parte desta história que ficou por contar e na qual a sociedade perde a oportunidade de compreender a dimensão do problema.

A Renamo não reivindica os ataques e os defensores da barbárie falam de serviços da contra-inteligência militar. Uma prova de que, no meio da Xiconhoquice, o menos importante é o drama das vítimas e não a estupidez de quem cobardemente executa um semelhante.

Demissão e readmissão

A direcção do Clube de Chibuto demitiu “por maus resultados” o técnico português Victor Pontes. Essa desculpa não calou fundo no seio das gentes que discutem o desporto e a vida dos clubes e chocou os adeptos do clube. E chocou por uma razão. A direcção daquela colectividade fez sempre questão de dizer que o objectivo para a presente época residia na manutenção. A equipa liderada por Victor Pontes conseguiu, faz tempo, a permanência na mais alta competição do futebol nacional. Olhando por este prisma, a decisão da direcção não pode resultar do motivo elencado. Aliás, só na esteira do delírio e depois de uma relação de amor com a incoerência é que se pode invocar desculpa tão estapafúrdia. Ainda assim, quem manda no clube poderia advogar de que Victor Pontes não melhorou a campanha da época passada. Mas isso seria uma mentira grosseira, uma vez que a competição ainda nem terminou.

Importa, contudo, deixar claro, que Victor Pontes levou o Clube de Chibuto à sua primeira final. Portanto, pensar que um indivíduo que eliminou a Liga Muçulmana e depois cilindrou a “nação” por quatro bolas sem resposta não melhorou a prestação da época anterior só pode ser de loucos. Curiosamente, no princípio da semana, fomos surpreendidos com a notícia da recondução de Victor Pontes. Não é Xiconhoquice isso?

Até quando vamos aguentar?

A onda de sequestros que começou em 2011 – nas cidade de Maputo, Matola e Beira – transformou-se num tsunami. Desde a passada segunda-feira (21) os criminosos sequestraram pelo menos sete cidadãos moçambicanos, dentre os quais um adolescente que acabou por ser barbaramente assassinado. A Polícia afirma estar a trabalhar e confirmou o que há muito se sabe: “Há elementos da Polícia que cooperam com os sequestradores.” O Estado, que deveria garantir a segurança da população, parece indiferente e as vítimas desesperam sem saber quando o terror terá fim. No ar fica o apelo dramático de uma mãe do adolescente assassinado: “Eu sou a mãe da criança mas não deito nenhuma lágrima e apelo a todas as mães de Moçambique para que façam greve contra o estado, contra o Governo”.

Texto: Adérito Caldeira • Ilustração: Hermenegildo Como



Um empresário do ramo da restauração foi sequestrado defronte de uma residência na avenida Olof Palme, no bairro Central, na noite de segunda-feira (21) quando se encontrava dentro da sua viatura estacionada.

Na manhã de terça-feira (22), uma senhora na casa dos trinta anos e esposa de um empresário do ramo de venda a retalho, foi sequestrada nas imediações da Escola Portuguesa, quando levava para a escola o seu filho menor. Testemunhas oculares contaram que a vítima foi abordada por um grupo de quatro criminosos, armados, que em poucos minutos imobilizaram a cidadã indefesa, colocaram-na numa viatura e desapareceram.

Entretanto, na cidade da Beira, um adolescente de 13 anos de idade foi sequestrado enquanto brincava nas imediações da residência dos seus pais no coração da urbe, na província central de Sofala.

No início da noite de quarta-feira (23) um outro adolescente foi sequestrado na cidade de Maputo, enquanto estava na companhia do seu pai, um empresário com uma loja de bebidas, em frente à residência dos progenitores, situada no bairro da Coop, na rua E.

Os criminosos, em número de quatro, estavam armados e em menos de cinco minutos abordaram as vítimas, ainda dispararam pelo menos um tiro contra o muro da casa, e desaparecem numa viatura com o adolescente sequestrado.

Na quinta-feira (24) uma cidadã, esposa de um empresário que tem um fábrica de gelados, foi sequestrada no bairro da Malanga, na capital de Moçambique a menos de um quarteirão da Assembleia da República de Moçambique. Testemunhas confidenciaram-nos que a cidadã regressava da Escola, onde no início da tarde deixara o seu filho, e era conduzida pelo seu motorista, numa viatura modesta. Chegados às proximidades da fábrica da sua família, foram bloqueados pelos criminosos que dispararam pelo menos dois tiros para o ar para intimidar as vítimas. Em seguida forçaram a cidadã a sair do carro, mas ela resistiu, até que novo tiro foi disparado para o ar e aí a vítima cedeu ao assédio dos malfetores.

Ainda no mesmo dia, uma outra cidadã, adulta, esposa de um empresário, também foi sequestrada nas proximidades da esquina da avenida Karl Marx e Fernão de Magalhães.

Na manhã de sábado (26) um cidadão, empresário, foi raptado do interior da sua loja na zona baixa de Maputo. Segundo testemunhas oculares, e como pudemos ver nas imagens do circuito interno de segurança da loja, os criminosos armados, em número de oito, chegaram ao estabelecimento comercial da vítima cerca das 8 horas em duas viaturas e entraram na zona traseira onde se

localiza o armazém dos equipamentos. Aí, empunhando as armas de fogo, dominaram facilmente os trabalhadores, agarraram no proprietário e puseram-se rapidamente em fuga.

A gota que transbordou a indignação

O clima de indignação entre os maputenses e beirenses, das zonas urbanas, estava a aumentar pois vários cidadãos da classe média/ alta também receberam telefonemas intimidatórios exigindo dinheiro. “Estou, é o senhor fulano, temos o seu nome na nossa lista para ser sequestrado. Se nos pagar não o levamos.”

Entretanto a cidadã que havia sido sequestrada no bairro da Malanga conseguiu enganar os seus algozes e fugiu. Ao contrário de outras vítimas, a senhora, acompanhada pela família e amigos, foi pessoalmente à esquadra da Machava, bairro onde se localizava o seu cativo denunciando os seus sequestradores. A Polícia agiu e facilmente chegou ao cativo onde a senhora esteve, no bairro adjacente a Bunhiça. Nesse esconderijo, um casa que terá sido alugada pelos criminosos, a PRM terá detido um suspeito de pertencer ao grupo de sequestradores e encontrou armas de fogo. Entretanto a vítima viu, e identificou, um dos seus sequestradores que se encontrava em serviço na esquadra da Machava, um agente da Polícia da República de Moçambique.

Na segunda-feira (28) as atenções viraram-se para o Tribunal Judicial da Cidade de Maputo onde se aguardava a pena a que seriam condenados os primeiros réus a serem julgados na sequência desta onda de sequestros.

O Juiz Adérito Malhope, da 10ª Secção daquele tribunal, terá tido imensas dificuldades em responder à ansia dos cidadãos mas a condenação a 16 anos de prisão maior dos réus Arsénio Chitsotso, Albino Primeiro, Bendene Chissano, Joaquim Chitsotso, Luís Carlos Manuel da Silva e Luís Chitsotso terá sido a primeira boa-nova para muitas famílias que vivem amedrontadas, e para as dezenas que entretanto abandonaram Moçambique com receio de serem as próximas vítimas. Os co-réus foram ainda condenados ao máximo do imposto de Justiça.

Mas os criminosos longe de se deixarem amedrontar, assassinaram barbaramente o adolescente sequestrado na cidade da Beira, apesar de os pais terem conseguido reunir e até entregar a quantia negociada. O corpo sem vida, mutilado e queimado, foi atirado para a chamada “curva da morte” a sensivelmente três quilómetros da cidade do Dondo, que dista cerca de 30 quilómetros da cidade da Beira.

“No tempo de Samora não acontecia isso”

Indignada, a mãe do adolescente não conseguiu conter a sua revolta e veio aos media contar o drama da sua família desde que o menor foi sequestrado. Na quarta-feira (23), os sequestradores entraram em contacto com os pais do menor exigindo um resgate “de um milhão de dólares. Nós não dispúnhamos desse valor. Então eles baixaram para dez milhões. Mesmo esse valor era incalculável para nós. Depois baixaram para cinco milhões. Acabámos por penhorar os nossos bens para conseguir um milhão de meticais que eles aceitaram” disse Kulsum Ismael ao Magazine CRV.

Entretanto, os sequestradores tinham enviado um vídeo intimidatório onde se pode ver o adolescente amarrado pelos braços e com estes nas costas, claramente debilitado, a implorar “papá, mamã entreguem o que eles querem eu

não estou a conseguir ficar aqui, eu não como não bebo... por favor”. Após várias diligências, o pai conseguiu reunir a quantia exigida e aguardou o contacto dos sequestradores.

Nesta segunda-feira (28), já na posse da quantia negociada, foram contactados pelos criminosos que deram instruções para que levassem o valor até um local indicado, que nos pareceu ser numa lixeira. Após a entrega, os sequestradores foram contactando com a família e acabaram por informar que o prazo se havia esgotado e que o seu filho já tinha sido assassinado.

Kulsum Ismael condenou veementemente as autoridades policiais, assim como o próprio Governo por nada fazerem para estancar este mal. “No tempo de Samora não acontecia isso. No tempo de Chissano não acontecia isso, só agora no tempo de Guebuza é que está acontecer isto.”

“Os sequestradores não estavam longe. Estavam aqui na Ponta-Gea. Eu, com os meus trabalhadores, movimentámo-nos e conseguimos identificar, mais ou menos, o local. Mas a Polícia não conseguiu neutralizá-los.” desabafou Kulsum que lamenta ter informado as autoridades policiais sobre o sequestro e o andamento do pagamento do resgate pois “logo que a chefe das operações da PIC teve a informação, os bandidos ligaram-nos a dizer que já sabiam do nosso contacto com as autoridades e acabaram por assassinar a criança.”

“Eu sou a mãe da criança mas não deito nenhuma lágrima e apelo a todas as mães de Moçambique para que façam greve contra o Estado, contra o Governo” apelou a mãe do adolescente assassinado que acrescentou “Ele (Guebuza) diz que está a desenvolver Moçambique. Ele está a destruir Moçambique.”

As desculpas do costume

As autoridades que mantiveram um silêncio cúmplice ao longo de muito tempo desdobraram-se esta semana pelos media com as desculpas do costume: “Estamos a trabalhar (...) existem elementos da Polícia que cooperam com os sequestradores (...) existem funcionários de certas instituições bancárias que facultam informações aos sequestradores (...) para a PRM ter êxito no desmantelamento das quadrilhas dos sequestradores é imperiosa a colaboração da população, isto porque o grosso dos sequestros ocorre à vista de muitos e poucos tomam a iniciativa de denunciar.”

Mas a Polícia esquece-se de que a população tem cada vez mais medo e, pior, não confia nela para resolver os crimes que, ao contrário do que disse um ministro, não acontecem em resultado do desenvolvimento, mas devido à impunidade que os criminosos sabem existir.

Já não há peixe na baía

A Baía de Inhambane já foi, em tempos, um alfobre de não acabar. Mais do que isso, tinha a vocação de um tanque piscícola natural e interminável, construído pela própria Mão de Deus, para dar peixe e todo o tipo de marisco aos habitantes daqui e a outros que, não sendo daqui, vinham desfrutar deste maná. Todos os dias os pescadores desciam ao mar e de lá traziam os cestos fartos, outras espécies capturadas eram devolvidas à água, não porque havia a consciência da preservação, mas constituíam peso desnecessário. Pescava-se diariamente, de dia e de noite, mas o peixe não acabava, até que, já não suportando mais, cansou-se de tanta pressão. E o que acontece hoje são mais lembranças daquele tempo, do que propriamente a alegria de levar para casa o alimento. O peixe já não sai como saía antigamente.

Texto: Alexandre Chaúque

Para começar decidi dar uma volta pela ponte-cais, a partir de onde tenho em todo o meu redor uma paisagem esplendorosa. Indescriível, na medida em que o mar e o imenso coqueiral e as cidades de Inhambane e Maxixe, que se podem contemplar infinitamente a partir dali, entram em perfeita consonância. E tudo o que é perfeito não se descreve. Ou seja, quem está arrebatado não estará em condições de narrar o que vê e sente.

Mas o que me leva ao local não será apenas aquela beleza. Quero ver os pescadores, falar com eles, apreciar o peixe preso ao anzol, ou ainda, ouvir contar as prováveis tristezas destes homens que hoje em dia ficam ali tempos infundáveis, por vezes horas, sem tirar nenhum peixe cá para fora, ou para dentro do cesto. Tenho o desejo também de reconstituir os momentos de faina voraz, com homens espalhados em quase toda a plataforma, atirando constantemente os fios à água e de lá sacando a desgraçada presa que vai engordar as mesas.

Tenho essas passagens na memória, está em mim a imagem daqueles que, não querendo pescar a partir do tampo, desciam até aos pilares, em tempo de maré vaza, com todos os riscos que isso representa. Mas era necessário correr o perigo porque havia objectivos muito claros, e metas para alcançar. E alcançavam. Peixes de diferentes tipos eram ali tirados, a partir da simples pescadinha às monstruosas garoupas e serras e xerewas. Durante o Inverno, era a sardinha que inundava a ponte, convidando pescadores profissionais e desportivos, que voltavam para casa abastados. O que acontece é que esta espécie é muito fácil de caçar, pois ela deixa-se praticamente flutuar na superfície, alimentando ainda mais a gula dos pescadores, que não vão precisar de isca, bastando o anzol. Outros ainda, os mais profusos, amarram ao fio quatro ou cinco anzóis ao mesmo tempo, e aquilo torna-se um espectáculo de pescaria.

Fui à ponte-cais com estas memórias. Com esta nostalgia. E o que encontrei não foi mais que a própria tristeza dos pescadores. Sobre tudo daqueles que nunca souberam fazer mais nada na vida senão acordar de manhã e ir àquele local à busca de meios de sobrevivência. A juventude de alguns que ainda hoje subsistem ao tempo e as intempéries foi escavada ali, sem piedade. E o que ficou deles, depois de garimpada a frescura do físico, são os buracos da dor de nunca terem feito quase nada com o pescado dali tirado e, pior do que isso, a frustração de já não terem o produto nas mesmas quantidades de que usufruíam naquele tempo.

Mas não desistem, são pessoas anónimas que lutam diariamente pela vida, homens cuja energia soçobra visivelmente, e mesmo assim não podem ficar em casa. Continuarão a ir à ponte-cais até ao último suspiro, mesmo que o peixe não saia. “Vamos ficar em casa a fazer o quê?”. Na verdade, ficar em casa seria bem pior, “pelo menos aqui temos a esperança de levar caril para a família”. Contudo, as contingências da vida nem sempre lhes permitem levar o pouco que conseguem para casa. “Sim, às vezes somos obrigados a vender todo o pouco que conseguimos aqui, porque precisamos do dinheiro para comprar outras coisas”.

É isso, na ponte-cais o movimento que se regista é escasso. Vê-se um pescador aqui e ali. E acolá. Desafiando as adversidades da vida. Tentando contrariar a fustigação dos tempos. E muitos já lá não vão, não vale a pena ir por ir. Porém, os jovens, alguns deles com escolaridade suficiente para trabalharem em algum lugar, fazem-se ao terreno, e, como não há emprego, “estamos aqui a queimar tempo de forma proveitosa. Nos dias de sorte conseguimos peixe para comer e algum para vender, mas, como já se disse, e o senhor sabe muito bem disso, as coisas não estão fáceis. Não há peixe. Mas vale apenas estar aqui, divertindo, do que morrer de tédio”.



As canoas são de hoje

Naquele tempo não havia canoas (mombo, em bitonga) na baía de Inhambane. Se havia, era um e outro. Mas hoje esses meios são usados de forma significativa para a pesca. São jangadas minúsculas, geralmente preparadas para acolher apenas uma pessoa, que se aventura na baía portando consigo um ou dois fios de diâmetros diferentes, e um remo para mover a sua embarcação. A partir da ponte-cais podem ser vistas essas barcaças, aconcoradas em lugares identificados, bem conhecidos pelos pescadores, que se movimentam com domínio. Eles conhecem todos os *habitats* da zona, conhecem os ventos e as correntes, o comportamento das marés, e adivinham os perigos antes de chegarem. São homens endurecidos pelo tempo, que se entregam diariamente ao sol e, nos dias de chuva, continuam a desempenhar o seu trabalho, entregando absolutamente o corpo sem qualquer defesa. Mesmo assim não levam muito para casa. Vão para ali porque o desejo de continuar vivo é maior. Senão não valeria a pena.

Olhando para as pequenas canoas estendidas na baía, na solidão de cada um dos seus utentes, e no silêncio que nem os barcos a motor que fazem o transporte na travessia Inhambane-Maxixe e vice-versa conseguem diluir, percebe-se facilmente que a faina aqui é fraca, o que me faz lembrar as recentes palavras de Momad Wa Simbo, em Mucucune: “Deus diminuiu as bênçãos”.

Dá a impressão de que os mimombo, (plural de mombo), vieram substituir os barcos à vela, que levavam, por sua vez, enquanto os outros pescavam na plataforma do cais, vários grupos de pescadores que na baía se espalhavam na procura do marisco. É apenas uma impressão porque esses barcos ainda existem, nem que isso seja em número diminuto. Mas eles também, os que ainda resistem, não fazem muito porque o mar não lhes permite, não lhes dá o que precisam. Vão e voltam, todos os dias, quase sem nada nos cestos. É a desolação em si, numa atmosfera em que as pessoas não param de acreditar. E sobretudo não param de trabalhar, ou de pescar.

Camarão, que camarão?

Este é o marisco de maior procura e, por isso mesmo, de maior escassez. Na baía de Inhambane a pescaria de camarão foi sempre confiada maioritariamente às mulheres. Que vão descer à praia ao princípio da noite, quando a maré é baixa (*mati mafa*, em bitonga), ou ao princípio da madrugada, em tempo de marés equinociais (*maguluti*, em bitonga). Tempos houve em que o resultado desta faina era uma festa, as mulheres iam com a certeza de trazer fartura, e voltam alegres, revigoradas. Outras, obrigadas pela vida, levavam os seus bebés às costas, arrastando com elas a rede por debaixo do frio, por vezes sob fustigação da chuva, mas todo esse sofrimento era compensado. No mesmo cesto (*lisengwe*, em bitonga), a par do camarão, eram apanhadas outras espécies, como *makhulu*, um tipo de peixe minúsculo, muito saboroso quando frito, e aconselhável para o mata-bicho. Vinha *makhulu* e lula e carangueijo e mais, para alimentar os bitongas, e por sua vez os *vathswa* e chopis, que vieram para aqui atraídos pelo mar e pela beleza dos barcos à vela.

O *makhulu* praticamente desapareceu. Quando aparece, em pequenas quantidades, a juventude de hoje não o conhece, desdenha-o, pelas suas características pouco ortodoxas. Hoje as mulheres sentem preguiça de ir à pesca de camarão. Quando vão não trazem nada e, quando conseguem alguma coisa, é um camarão muito fino, insignificante. Que vai ser vendido, mesmo assim, a preços exorbitantes, porque elas têm necessidades. Urgentes. Precisam de dinheiro, cada vez mais minguante.

Nas manhãs e tardes, a baía era engalanada. Por mulheres jovens e adultas e crianças. Que se estendiam desde Inhapossa até muito perto da ponte-cais, numa procissão de apanha de caranguejo, cujas variáveis, em bitonga, nos oferecem-nos *dzindlolo*, *chologo*, *sikalakadani*, *sidzegue-dzegue*, por aí em diante. Elas aproveitavam a maré baixa para procurarem os crustáceos muito perto do canal (*nondlwa*, em bitonga), ou atravessam-no de barco para Boni e Bebebe, nomes dados a dois bancos de areia que ficam expostos quando as águas baixam. Era um regalo vê-las nesse exercício em que os corpos vergavam e endireitavam-se de tempos a tempos para

apanhar o marisco preso por debaixo do pé. Aquela paisagem que elas desenhavam era também uma poesia, ou seja, eram as mulheres e o mar e os barcos e os carangueijos, e mais nada, ou melhor, com Deus a controlar tudo. Por vezes o diabo.

Lembro-me de que se registavam, a espaços, desaparecimentos das apanhadoras de carangueijo, ou das pescadoras de camarão, que iam e não voltavam mais, ou iam e o que voltava para casa eram os seus corpos. Sem vida. Mas elas não paravam de demandar o mar por causa desses acidentes, nem a baía parava na sua generosidade de dar alimento aos vatonga, e aos outros que, não sendo vatonga, vinham para cá degustar da dádiva da água salgada. Vêm-me as lembranças desse tempo hoje, quando desço, descontraidamente, para esses locais e já não vejo o magote dessas pessoas. O que se depreende é um vulto aqui e ali, e acolá, parecendo buscar com as mãos a água num poço que só tira lama.

Na verdade já não há muito caranguejo por aqui, como havia antigamente. Quando aparece os preços doem. Afastam-nos, mesmo recusando-nos a voltar para casa de mãos sem nada. Mas o que vai nos criar a maior revolta é o camarão gigante de Cobane, que regava banquetes e banquetes dos biotongas e de outros. Quando chegava a altura de ele ser cuspidor pelas águas, enchia reservatórios. Os que não tinham como conservá-lo fresco secavam-no. Aqueles que o pescavam vinham à estrada exibí-lo a preços de oferta e, quando a noite chegasse sem que acabasse, voltavam como ele para casa a fim de colocá-lo no processo de secagem, ou ainda, baixavam mais os preços, convidando pessoas que, apesar disso, não se interessavam. Amanhã haverá mais.

Hoje, este crustáceo transformou-se em ouro. Para consegui-lo é necessário fazer encomendas antecipadas. Entretanto, sem a certeza de ter as quantidades desejadas. Os próprios pescadores nunca fazem promessas. Sabem das vicissitudes actuais, que têm a ver, segundo as tradições locais, com a zanga dos antepassados, donos da zona, que “fecharam” a produção por causa dos desrespeitos e abusos que ali se verificam. Há rituais que não são seguidos. Há pessoas que pensam que ali podem dar orientações ou ordens, quando efectivamente não estão permitidos a tal. Nem com a instauração de períodos de defeso o camarão reproduz a contento. Toda a baía está zangada. Aqueles que aqui desapareceram em naufrágios e cujos corpos não foram nunca encontrados estão vivos lá em baixo e controlam tudo. Há nomes conhecidos que aparecem na consulta de curandeiros a reivindicarem direitos, a reclamarem violações feitas por desconhecidos, a apelarem, em primeiro lugar, à restauração da ordem. Um reordenamento que as pessoas não parecem estar dispostas a cumprir.

Cientificamente, o desaparecimento do marisco explica-se pela forte pressão que se faz sobre ele, e pelas mudanças climáticas, mas os sábios naturais dizem que não, Deus sabia que haveria pressão sobre o pescado no futuro, e Ele terá feito tudo para que, quanto mais fosse capturado, mais se reproduziria. Deus não é maluco para não prever o futuro, o que acontece é que os Homens se juntaram ao diabo.

Padecer de cancro é pior que a própria doença

Os especialistas oncológicos estimam que, em 2030, mais de 1.6 milhão de africanos vai sofrer de cancro, principalmente as raparigas com mais de 15 anos de idade, caso não se tomem medidas sanitárias adequadas e céleres para estancar o mal. Neste momento, Moçambique está menos preparado para lidar com este problema. A falta de quase tudo nos hospitais para detectar e tratar a doença a que nos referimos é uma realidade. Apenas os hospitais tais como o Central de Maputo estão minimamente equipado para o efeito.

Texto: Redacção • Foto: Arquivo

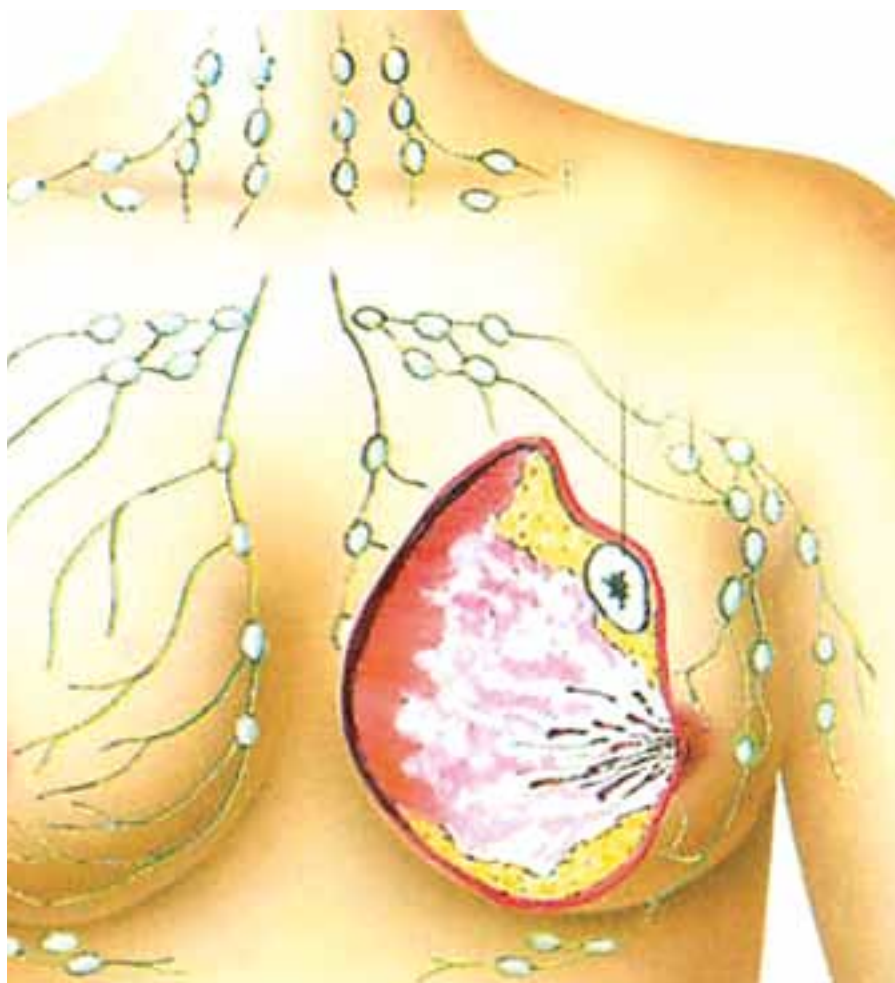
Em Moçambique, as pessoas que se queixam de sintomas provavelmente relacionados com o cancro recorrem aos centros de saúde, de onde são reencaminhados, após alguns exames, para outras unidades sanitárias. Enquanto isso, o tempo de espera – entre a fase de diagnóstico da patologia e do início do tratamento – continua longo e, na pior das hipóteses, começa-se o tratamento numa altura em que a enfermidade está numa fase avançada.

Das doenças cancerígenas de que mais se fala no mundo, os câncros da mama e do colo do útero, que afectam as mulheres, e o de próstata e do fígado, que são mais frequentes nos homens, apoquentam milhares de pessoas em Moçambique e matam centenas delas anualmente. Apesar de serem curáveis, quando os sintomas forem descobertos na fase inicial, o país ainda enfrenta problemas logísticos para tratar estas moléstias. Os aparelhos para o efeito são muito onerosos, por isso, os hospitais ainda não estão devidamente apetrechados para a detecção, o tratamento e a prevenção.

O cancro afecta homens e mulheres de todas as idades, bem como crianças, apesar da existência de algumas enfermidades que apoquentam pessoas com 50 anos de idade ou mais. O tratamento é, na maior parte das vezes, feito através da cirurgia, das radiações e da quimioterapia, cujos meios são bastante penosos e o Governo não está em condições de suportá-los.

Segundo dados do Ministério da Saúde (MISAU), divulgadas na sétima conferência sobre o cancro da mama, do colo do útero e da próstata em África, realizada em Maputo, em cada ano mais de 2.500 compatriotas perdem a vida devido a um diagnóstico tardio, limitações sanitárias que impedem que haja um atendimento adequado a tempo de se evitar danos maiores nos pacientes e o elevado custo da vacina.

Na verdade, é que ainda somos – as fraquezas dos estabelecimentos hospitalares provam isso – um país muito pouco capaz de lidar com o problema e este pode ser fatal se tivermos em conta que os cidadãos ainda enfrentam dificuldades sérias para aceder aos serviços de diagnóstico e tratamento de doenças de menor risco como



Aliás, numa nação onde o grosso da população é pobre, sem meios mínimos de sobrevivência, ter cancro pode ser pior que a própria enfermidade devido à falta de meios para o tratamento. As pessoas abastadas, apoquentadas por esta doença, recorrem à vizinha África do Sul por causa da falta de condições para o efeito no país.

Nesse contexto, a Primeira-Dama, Maria da Luz Guebuza, patrona das campanhas de luta contra as lesões cancerígenas, disse, recentemente, numa das suas visitas a um distrito da zona sul do país, que a vacina contra o Vírus Papiloma Humano (HPV) vai iniciar, na fase piloto, em 2014, e passará a ser amplamente usada dois anos mais tarde.

A primeira campanha de vacinação experimental vai abranger três mil raparigas de nove a 10 anos de idade. Se isso acontecer, efectivamente, será o início do alívio do tormento a que estão sujeitas as mulheres afectadas pelo cancro do colo do útero.

Entretanto, enquanto essa promessa não se concretizar, as unidades sanitárias fazem tratamentos “paliativos” para os casos em que a doença é diagnosticada já num estado grave, pois não há hipóteses de evitar a amputação de uma mama, por exemplo, ou, se for próstata, administrar uma quimioterapia.

Estima-se que mais de seis milhões de mulheres estão em risco de desenvolver o cancro do colo do útero e todos os anos são diagnosticados mais de 3.600 novos casos, para além de que em 100 novos casos cancro nas mulheres, oito são da mama e 32 do colo do útero.

O sector da saúde reconhece que há um número considerável de casos nas comunidades que não é conhecido por causa de vários factores com que os Serviços Nacionais de Saúde se debatem. Neste momento, o país conta com mais de 610 profissionais de saúde habilitados para tratar as patologias em alusão.

De acordo com o MISAU, as altas incidências das enfermidades a que nos referimos resultam da mudança do estilo de vida das pessoas, nomeadamente o elevado consumo do tabaco, álcool, a radiação solar, a poluição ambiental, o consumo de alimentos altamente gordurosos, o sedentarismo, a falta de exercício físico, a exposição ao stress, o início precoce de relações sexuais, dentre outros factores.

Os especialistas da saúde indicam que os adolescentes de 10 a 15 anos de idade, jovens de 25 a 29 anos de idade, as mulheres que tiveram filhos depois dos 35 anos de idade, adultos de 40 a 55 anos de idade, as raparigas que menstruaram pela primeira vez antes dos 12 anos de idade, ou que depois dos 50 anos não menstruam, correm o risco de contrair o cancro da mama. A forma mais eficaz

de reduzir o número de mortes e o sofrimento por causa deste tipo de doenças é a prevenção, detecção precoce da doença bem como o tratamento adequado.

Em toda África, a indicação é de que o cancro da mama mata 50 mil mulheres anualmente, ou seja, 54 óbitos em cada 100 pessoas e há 9.600 casos novos diagnosticados, enquanto o do colo do útero é responsável pela morte de 88 indivíduos do sexo feminino em cada 100. Além disso, no continente africano estima-se que em 265 milhões de habitantes, cerca de 69 mil sofrem de cancro uterino, dos quais 62 mil não resistem, isto é, 78 pessoas morrem em cada 100 casos.

Sintomas do cancro da mama

A presença de um caroço ou inchaço numa das duas mamas ou debaixo de um dos braços, o aumento anormal do tamanho dos seios, o enrugamento da pele da mama e aparecimento de feridas, bem como a mudança da posição do mamilo são os principais sintomas deste tipo de patologia.

Próstata

Na sua fase inicial, o cancro da próstata não apresenta nenhum sintoma, somente na fase avançada em que o homem tem necessidade frequente de urinar, particularmente à noite, pese embora permaneça a sensação de que a bexiga não vazou completamente durante esse processo, dificuldades de urinar e de interromper o acto, e urinar em gotas ou jactos sucessivos.

Para além disso, a enfermidade em causa faz com que a pessoa sinta necessidade de uso da força para manter o jacto da urina, saída espontânea da mesma, sensação de dor na parte da bexiga ou abaixo dos testículos, problemas em conseguir manter a erecção, sangue na urina ou esperma, e dor nos testículos durante a ejaculação e no momento de urinar.

Colo do útero

No que diz respeito ao cancro do colo do útero, a mulher tem sangramentos vaginais anormais, hemorragias durante ou após as relações sexuais, aquando do período, e corrimento vaginal repetitivo, por vezes, com mau cheiro na altura de manter relações sexuais.

Seja um Cidadão e Reporte a Verdade

✉ SMS: 90440

📞 WhatsApp: 84 399 8634

A verdade em cada palavra.

O Jornal mais lido em Moçambique.

Estimula-se o renascimento da rapariga

A fraca promoção e o consequente desconhecimento dos seus direitos, em diversas partes do mundo, tem sido uma das razões que inibem a evolução da rapariga...

Texto & Foto: Redacção

Com o objectivo de expandir a divulgação dos Direitos da Mulher e da Rapariga, no Dia Internacional da Rapariga, 11 de Outubro, o Centro Cultural Brasil-Moçambique, em Maputo, acolheu uma actividade em que, para além de se reflectir sobre a condição daquela camada social, projectou-se o filme Renascer da Rapariga em que se narram factos experimentados pelas meninas em países como Camboja, Egipto, Etiópia, Índia, entre outros.

Neste sentido, no nosso país, o Dia Internacional da Rapariga celebrou-se sob o lema “Inovando em Prol da Rapariga”, enquanto em 2012 o evento decorreu sob o tema “O meu futuro é agora. Quero estudar. Casamento só mais tarde”.

A gestora de comunicação da Plan, a instituição que realizou o referido evento, Eunice Themba, afirmou que a sua organização tem o propósito de fazer a revisão de todos os aspectos que dificultam o processo do ensino e aprendizagem da rapariga. Ela destacou que é a partir deste cenário que se produzem o abandono a escola e os casamentos precoces que propiciam uma certa exclusão social da rapariga dos processos de formação, como cidadã.

Eunice Themba reafirma que o filme Renascer da Rapariga despoleta – para a nossa análise e reflexão – situações em que a rapariga é impedida de ter um desenvolvimento integral. Por exemplo, há meninas que foram impelidas a abandonar a escola, pura e simplesmente, porque tinham de sustentar as suas famílias. Outras ainda narram que os seus pais as trocaram por dinheiro, a fim de que se casassem com determinados senhores poderosos.

Entretanto, o que actualmente se assiste em Moçambique é que a maior parte das raparigas desconhece os seus direitos e – por essa razão – nem pode reivindicá-los. É por essa razão que elas são submetidas a situações que só prejudicam o seu crescimento, incluindo o desenvolvimento da sua personalidade. O pior é que há crianças que acabam por abandonar as suas famílias fazendo da rua o seu abrigo.

Num outro desenvolvimento, Eunice Themba explica que depois de essas crianças abandonarem as suas casas, elas envolvem-se com as drogas, a prostituição e, não raras vezes, acabam por se tornar criminosas.

Carolina Isac Namburete, uma das beneficiárias das iniciativas da Plan para aquela camada social, considera que se sente feliz por ter sido contemplada pela referida organização e, neste ano, pôde celebrar o Dia Internacional da Rapariga com algum sentido de regozijo. No entanto, para si, ainda há muito por fazer em prol de desenvolvimento da menina “porque há muitas crianças cujos direitos são feridos no dia-a-dia sem defesa nenhuma”.

A boa-nova narrada por Isac Namburete é que apesar de os desafios serem grandes, já se começa a valorizar a rapariga na sociedade moçambicana. Por isso, é importante que essa luta pela equidade de género seja realizada continuamente. “A meta é que todas as meninas conheçam os seus direitos e deveres para que possamos ser cada vez mais respeitadas nas comunidades”.

Carolina Isac disse que todos os dias experimenta situações de exclusão social – com impacto na sua vida e na dos outros – em



que a mulher tem sido a principal vítima. Por exemplo, uma das suas amigas viu-se impelida a estudar à noite pura e simplesmente porque ficou grávida precocemente. Entretanto, apesar de considerar esta medida aceitável, não compreende a razão de sancionarem somente as pessoas do sexo feminino: “o deslize foi cometido pela rapariga e pelo rapaz”.

É este o tipo de comportamento, de exclusão social, que desestimula as futuras mulheres em relação ao ensino já que – em princípio – as desfavorece. O Renascer da Rapariga, o filme que no Dia Internacional da Rapariga foi projectado em Maputo a fim de suscitar uma reflexão social, retrata as experiências de nove meninas em relação à exclusão social.

O filme reporta casos de raparigas que são exploradas pelos seus encarregados de educação – com destaque para as madrastas, os tios e as avós – e obrigadas a permanecer nas residências a fim de cuidarem dos irmãos mais novos e de todos os afazeres domésticos.

Todo o drama narrado é consequência dos hábitos que desvalorizam a rapariga, alegando-se que o homem ser quem sempre manda. Na verdade, esta situação está a desencorajar as mulheres de batalhar pela vitória dos seus princípios.

Dados percentuais

Em Moçambique, o acesso e retenção das meninas no sistema nacional de ensino tem sido obstruído por uma série de comportamentos que as move a não concluir o ensino secundário geral.

Por essa razão, em relação aos matrimónios prematuros, as estatísticas revelam que 53 por cento das raparigas moçambicanas casam-se antes de atingirem os 18 anos de idade.

Ora, quando comparado com países da África Austral, Moçambique encontra-se na primeira posição em termos de índice de casamentos precoces, e é o sétimo país a nível mundial. Dados estatísticos publicadas, recentemente, revelam que 41 por cento de raparigas com a idade entre os 15 e 19 anos estão grávidas e/ou já tiveram o seu primeiro bebé.

No entanto, relativamente à mortalidade materna, 40 por cento de mulheres que perdem a vida em complicações de parto são constituídos por raparigas com idades compreendidas entre 15 e 24 anos.

Por exemplo, um estudo do Banco Mundial, de 2007, constata que o casamento infantil é uma das principais causas que origina o abandono do ensino pela rapariga

Caros leitores

Pergunta à Tina...Quando é que se diz que uma mulher está no período fértil?

Meus queridos leitores. Ultimamente temos estado a ser desafiados para mostrar que somos capazes de lutar pelos nossos direitos. Para mim, essa luta deve ser também pela nossa saúde. Por exemplo, as pessoas que estão a tomar os comprimidos anti-retrovirais encontram-se num combate à reprodução do VIH para que este perca a capacidade de se reproduzir. Como todas as lutas, nesta batalha, as pessoas que estão no Tratamento ARV NÃO DEVEM parar de tomar os comprimidos, pois tornam-se cada vez mais saudáveis e reduzem as hipóteses de infectar as outras pessoas. Quero sugerir a todos os leitores que têm acesso ao jornal @Verdade na Internet para lerem as respostas sobre este e outros assuntos. Todavia, se tiverem perguntas diferentes sobre saúde sexual e reprodutiva, por favor enviem-nas através de uma mensagem...

Envie-me uma mensagem através de um sms para **90441**
E-mail: **averdademz@gmail.com**

Um homem pode-se cruzar com uma mulher seropositiva e não contrair o vírus?

Olá caro ou cara. Esta pergunta já apareceu várias vezes na nossa coluna, mas não custa nada voltarmos a responder. Começamos por falar sobre o que é o VIH. É um vírus de imunodeficiência humano, que quer dizer deficiência do sistema imunológico (nosso organismo/nosso corpo) de lutar contra o vírus, já que este adapta-se no nosso sangue para parecer uma célula normal. Este vírus ainda não tem cura, e quanto mais pudermos evitar, melhor. A resposta directa à tua pergunta é sim, qualquer pessoa sem o vírus que mantém relações sexuais com outra pessoa que é seropositiva pode contrair o VIH. Todavia, a infecção que uma pessoa causa a outra ocorre principalmente quando a pessoa que é seropositiva está com uma carga de vírus muito alta. Agora, não é possível saber sobre a carga viral de uma pessoa a não ser que esta pessoa faça o teste e a contagem das células CD4. As células CD4 são as células saudáveis do sangue que, quando se mostram em pouca quantidade, dão a indicação de que o vírus está em massa no nosso organismo. Por isso, o melhor a fazer é: a) usar o preservativo para evitar contrair o vírus e b) fazer o teste do VIH para se manter informado sobre o seu estado de saúde.

Quando é que se diz que uma mulher está no período fértil? E quantos dias são?

Olá amigo ou amiga. O período fértil faz parte de uma fase do ciclo menstrual. Este não é igual em todas as mulheres. É preciso saber primeiro se o ciclo é regular, isto quer dizer que ele chega em intervalos certos (21, 28 ou 31 dias), ou se ele é irregular (vem a qualquer momento do mês, podendo aparecer duas vezes. Dependendo do intervalo entre os ciclos, é possível depois disso fazer a contagem até ao início do período fértil. O primeiro dia do ciclo é o dia em que a mulher vê o sangue da menstruação, que dura entre 3 e 7 dias, em média. Por volta de sete a dez dias depois do último dia da menstruação, o útero inicia uma nova fase de preparação para receber o óvulo que será (provavelmente) fecundado pelo espermatozóide. Este período, que se chama de período fértil, dura, em média, 5 a 7 dias e culmina com a chegada do óvulo no útero. Se fizer sexo neste período, a mulher pode ficar grávida. Entretanto, se tem um ciclo menstrual irregular, este processo não acontece de forma tão linear, tornando a coisa ainda mais complicada. Por essa razão, a melhor forma de evitar a gravidez, para quem quer evitar, é usando pílulas contraceptivas e o preservativo. A vantagem do preservativo é que também ajuda na prevenção de Infecções de Transmissão Sexual. Boa saúde.

A CONTECEU

A verdade em cada palavra.

Seja um Cidadão e Reporte a Verdade

SMS: 90440 WhatsApp: 84 399 8634

@Verdade

O Jornal mais lido em Moçambique

Edifícios alienados pelo Estado desabam em Nampula

As casas do Estado alienadas a cidadãos singulares na cidade de Nampula, sobretudo os prédios, estão todas mal conservadas e não beneficiam de restauração, uma actividade que é da responsabilidade dos inquilinos. Porém, as entidades governamentais encarregues de efectuar a fiscalização das referidas infra-estruturas não aplicam nenhuma medida com vista a garantir a renovação das habitações em causa, as quais nem são pintadas pelo menos uma vez em cada três anos, segundo prevê a Postura Camarária.

Texto: Redacção • Foto: Sérgio Fernando

Um número não especificado desses domicílios está em condições de total descuido, a cair aos poucos e foi transformado pelos proprietários numa fonte de rendimento, uma vez que está a ser arrendado a outras pessoas, principalmente a cidadãos de origem estrangeira que se fazem ao nosso país para desenvolver negócios. Os espaços comuns são utilizados como propriedade privada de algumas pessoas. Para além da falta de guardas, os elevadores e os sistemas de extinção de incêndios não funcionam.

Uma parte do dinheiro proveniente da receita de arrendamento não é canalizada à restauração, apesar de que é um negócio altamente rentável. Os donos das casas a que nos referimos e os inquilinos ignoram simplesmente o estado degradado das mesmas residências e continuam a viver nelas como se nada de anormal acontecesse. Os riscos que esse desleixo representa são visíveis a olho nu, para além de que a própria imagem da cidade já é bastante desagradável.

Aliás, o Governo moçambicano assume que, de há tempos para cá, existem mais pessoas a arrendar imóveis urbanos do que a comprar e este negócio está a gerar muito dinheiro e a enriquecer famílias, porém, uma parte considerável dos ocupantes ou proprietários não paga as devidas taxas, o que lesa sobremaneira o Estado. Por isso, em Junho do ano em curso, o Conselho de Ministros aprovou uma Proposta de Lei do Regime de Arrendamento de Prédios Urbanos entre pessoas singulares e colectivas de direito privado.

O documento a ser submetida à Assembleia da República (AR) para análise e aprovação, pretende combater a fuga ao fisco de muitos senhorios que não pagam o Imposto sobre o Rendimento de Pessoas Singulares (IRPS).

O caos que se vive em Nampula é quase idêntico ao da cidade de Maputo, onde a característica comum dos prédios é a má conservação, para além da construção ilícita de dependências para diversas finalidades, incluindo nos espaços comuns, perante uma total inoperância das comissões de moradores. Há relatos de indivíduos que habitam os prédios sem no entanto pagar as taxas de manutenção dos imóveis. Esta é apontada como uma das razões que aceleram a degradação desses edifícios, pois sem meios para custear os trabalhos de restauração nada se pode fazer.

Na capital da região norte do país, o sistema de saneamento dos imóveis é bastante deplorável e em condições atentatórias à saúde pública, pois a tubagem que transporta os excrementos humanos e outros dejectos já não funciona devidamente. As águas negras transbordam pelas escadas, criam um cheiro nauseabundo nos próprios edifícios e poluem o ambiente à volta.

A saúde dos moradores desses domicílios e dos transeuntes está em xeque, facto que faz com que seja premente melhorar as condições de higiene nos locais em alusão. Contudo, parece



que um trabalho nesse sentido ultrapassa as capacidades dos inquilinos e proprietários dessas casas, uma vez que não estão à altura de refrear a desordem.

A edilidade de Nampula é tolerante

No processo de alienação dos prédios, o Estado vendeu o grosso das suas infra-estruturas a singulares. Contudo, o Conselho Municipal da Cidade de Nampula não aplica nenhuma medida com vista a assegurar que os imóveis sejam reabilitados e mantidos em boas condições. Cada um faz o que lhe apetece.

A edilidade tem um papel fundamental na garantia da conservação desses domicílios, pese embora não esteja a fazer nada para o efeito. A Postura Camarária aprovada pela Assembleia Municipal de Nampula, em 2011, determina que os inquilinos devem proceder à reabilitação ou pintura das suas casas uma vez em cada três anos. Todavia, neste momento, o que acontece é que o Conselho Municipal de Nampula se cinge somente à sensibilização e não aplica nenhuma sanção contra os indivíduos que violam as normas urbanísticas.

“O que nós assistimos é uma vergonha que não devia acontecer na cidade capital da região norte do país. Os edifícios não são reabilitados e a sua imagem está a ficar ofuscada. Além da falta de restauração, os prédios apresentam condições deploráveis de saneamento, facto que periga a saúde dos utentes dos mesmos condomínios”, considerou Milagre da Eufrásia Armando, director do Departamento de Relações Públicas, Comunicação e Imagem do Conselho Municipal da Cidade de Nampula.

O nosso interlocutor disse que a maior parte dos edifícios foi erguida nos anos 40, 50 e 60 pelos portugueses, daí que o sistema de esgotos esteja obsoleto e careça de uma intervenção de raiz.

A sensibilização é inútil

O grosso dos inquilinos não compreende que a reabilitação dos edifícios nos quais vivem é da sua responsabilidade. E por mais que não fosse, é sempre importante observar as regras básicas de higiene colectiva e individual. As pessoas pensam que o Estado é que se deve encarregar desse trabalho, por isso vivem em lugares sem as devidas condições de higiene.

Algumas moradias arrendadas para habitação foram, porém, posteriormente, transformadas em estabelecimentos comerciais, sobretudo pelos cidadãos estrangeiros, e ninguém faz nada com vista a impedir esse tipo de violação da Postura Camarária.

Milagre Armando lamentou o facto de existirem cidadãos que ele próprio classificou de insensíveis, uma vez que até pilam nos prédios e, para além de perturbarem a tranquilidade dos outros inquilinos, aceleram a degradação dos edifícios nos quais se encontram instalados. Há, também, pessoas que fazem mau uso dos espaços comuns dos prédios sendo que as acções de sensibilização realizadas pela edilidade não estão a surtir efeitos.

APIE distancia-se

O chefe do Posto Provincial da Administração do Parque Imobiliário do Estado (APIE) em Nampula, Constantino Macomo, disse que a sua instituição tinha a missão de celebrar contratos de arrendamento, cobrar taxas correspondentes aos impostos de ocupação, garantir a manutenção dos elevadores e imóveis, assegurar ainda a limpeza dos espaços comuns, o pagamento de guardas, dentre outras actividades.

Porém, essas tarefas já não são da responsabilidade da APIE desde 2010, pois a gestão dos imóveis passou para a Direcção Provincial das Obras Públicas e Habitação. Aliás, na cidade de Nampula, não existem, neste momento, prédios com elevadores em funcionamento. Todos os aparelhos foram instalados no tempo colonial e encontram-se avariados há décadas, por isso as dificuldades de acesso a esses domicílios por parte dos deficientes físicos são enormes.

Seja um Cidadão e Reporte a Verdade

SMS: 90440

WhatsApp: 84 399 8634



O Jornal mais lido em Moçambique.

NEGLIGENCIA

A verdade em cada palavra.

Furvela: uma localidade parada no tempo

À beira da Estrada Nacional número Um (EN1), no distrito de Massinga, um quadro pitoresco sobressai sobre a densa paisagem que caracteriza o posto administrativo de Furvela: um grupo de mulheres e crianças oriundo dos pontos mais longínquos da localidade aproveita o fluxo de água de um pequeno riacho para lavar roupa, pois naquela parcela do país o precioso líquido ainda é um luxo.

Texto: Redacção • Foto: David Nhassengo

Regressávamos de uma viagem fatigante, todavia, proveitosa, pelas cidades e vilas municipais que ficam ao longo da EN1, idos de Maputo e tendo como destino Vilanculos. No percurso de volta à capital do país, onde supostamente há abundância de um pouco de tudo, sobretudo no entendimento das pessoas das zonas rurais, as conversas giravam em torno da “escandalosa” actuação da equipa de arbitragem, no jogo que colocou frente a frente a equipa da casa e a Liga Muçulmana de Maputo.

Duzentos e sessenta quilómetros depois do local de partida (Vilanculos), encontrámos um cenário digno de retratar num quadro de pintura se, diga-se, tivéssemos talento para o efeito. Já estávamos perto da cidade de Maxixe quando vemos, na margem esquerda da EN1, mulheres e crianças agachadas a lavar roupa num pequeno rio, não que se tratasse de um caso isolado, mas não deixa de ser surpreendente pelo simples facto de não ser visto todos os dias. Até porque em Maputo isso é completamente desusado.

Diante daquele quadro, relegámos o cansaço para segundo plano e encetámos uma conversa com as senhoras...

Com uma bacia de roupa por lavar na cabeça e uma criança ao colo, Graça Machado, de 37 anos de idade e residente na zona “D” de Furvela, estava pronta para mais uma jornada de trabalho. Perguntámos-lhe o porquê de preterir a privacidade de um lar para lavar roupa aos olhos de transeuntes num rio. A resposta, veio pronta: “não é por vontade própria. Em casa não temos água e venho lavar aqui por ser o ponto mais próximo da minha residência”.

O problema de água é mais grave aos sábados e domingos, dias de semana nos quais o único fontanário existente na localidade não funciona.

Uma senhora, por sinal também chamada Graça, porém, de apelido Machava, igualmente residente na zona “D”, encontrámo-la com uma banheira na cabeça, com trouxa, aparentemente suja, mesmo próximo do rio. Ela estava pronta para efectuar a limpeza da sua roupa e perguntámos-lhe o porquê de ir lavar num rio preterindo a privacidade de um lar. A sua resposta, peremptória, foi a mesma de Graça Machado: tal facto prendia-se com a falta de água em casa e que não era por vontade própria estar naquele lugar, para onde chegou depois de caminhar cerca de uma hora.

Há escassez do precioso líquido em Furvela e o problema agravava-se ao domingo, dia em que a única fontanária não entra em funcionamento, sublinhou Graça Machava, que apelou para que o governo local revisse a situação que apoquentava a comunidade.

Por intuição jornalística batemos à porta da uma senhora, por sinal bastante vivida e acolhedora, identificada pelo nome de Rosa Menete Nhassengo, de 57 anos de idade, residente também na localidade de Furvela, zona “B”, há 36 anos. Ela disse ao @Verdade que a falta de água naquela ponto to território moçambicano tem sido uma inquietação de há longos anos. Todas as zonas, que a nossa interlocutora estima serem em número de seis, dependem de um fontanário, facto que provoca enormes filas. Cada habitante espera minutos a fio para obter um bidão de água.

“Há dias em que as pessoas chegam a ficar quase uma hora e meia na bicha, principalmente nas segundas-feiras porque a Escola Primária Completa de Furvela, proprietária do fontanário não fornece água aos domingos.”

Segundo Rosa Nhassengo, no passado o cenário já foi pior, visto que nem uma única bomba havia; os residentes bebiam água do



rio, a bomba da escola veio apaziguar o sofrimento, a partir do ano de 1994, e já há algumas pessoas ou pequenas empresas que têm poços, aos quais as pessoas recorrem quando o fontanário avaria ou está em trabalhos de manutenção.

Rosa Nhassengo disse que, apesar destes pequenos avanços, a agonia ainda se faz sentir em Furvela porque o fontanário não consegue responder à demanda. Por isso, mesmo aquele meio serve apenas para fornecer água para beber, sendo que para lavar a roupa as pessoas recorrem à natureza. A senhora descreve o rio como uma dádiva, um bem precioso utilizado para diversos fins pelas comunidades.

Falta posto de saúde

Mas os problemas da localidade de Furvela não se resumem somente à crise de água e a falta de um posto de saúde é outro dilema da comunidade. De acordo com Rosa Nhassengo, à semelhança do que acontece com a fonte de água, existe apenas um posto médico para o tratamento da malária. A alternativa para os que padecem de outras doenças é deslocarem-se a Morrumbene ou Mahangue.

Entretanto, para o efeito, geralmente tem havido sérias dificuldades para as populações devido à escassez de meios, quer circulantes, quer financeiros, pois as viagens são onerosas para os bolsos da gente local, uma vez que o transporte para Morrumbene custa 15 meticais e 10 meticais para se chegar a Mahangue. Esta quantia parece irrisória, porém, é significativa para os residentes daquele ponto da província de Inhambane.

Ficámos a saber, também, de que a deslocação para os postos de saúde de Morrumbene e Mahangue não é, muitas vezes, compensada porque os mesmos registam enchentes e, consequentemente, bichas insuportáveis...

Em termos de educação, Rosa Nhassengo revelou ao @Verdade que existem quatro escolas, todas elas primárias, sendo que depois da conclusão deste nível quem quiser continuar os estudos só pode fazê-lo no município de Massinga.

Previsão do Tempo
Sexta-feira 01 de Novembro
Zona NORTE
Céu geralmente pouco nublado. Possibilidade de ocorrência de chuvas fracas locais na província de Cabo Delgado. Vento de nordeste fraco a moderado.
Zona CENTRO
Céu pouco nublado, localmente muito nublado. Possibilidade de ocorrência de chuvas fracas locais na província de Manica. Vento de sueste a nordeste fraco a moderado.
Zona SUL
Céu pouco nublado localmente muito nublado. Possibilidade de ocorrência de chuvas fracas a moderadas por vezes com trovoadas. Vento de nordeste a leste fraco a moderado rodando para sueste soprando por vezes com rajadas.

Sábado 02 de Novembro
Zona NORTE
Céu pouco nublado. Possibilidade de ocorrência de chuvas fracas locais na província de Cabo Delgado. Vento de nordeste a leste fraco a moderado.
Zona CENTRO
Céu pouco nublado, localmente muito nublado. Possibilidade de ocorrência de chuvas fracas locais na província de Manica. Vento de nordeste a leste fraco a moderado.
Zona SUL
Céu pouco nublado localmente muito nublado. Possibilidade de ocorrência de chuvas fracas a moderadas. Vento de sueste a leste fraco a moderado.

Domingo 03 de Novembro
Zona NORTE
Céu pouco nublado, localmente muito nublado. Possibilidade de ocorrência de chuvas fracas a moderadas locais nas províncias de Cabo Delgado e Niassa. Vento de nordeste a leste fraco a moderado.
Zona CENTRO
Céu pouco nublado, localmente muito nublado. Possibilidade de ocorrência de chuvas fracas a moderadas locais. Vento de nordeste a leste, rodando para sueste fraco a moderado..
Zona SUL
Céu pouco nublado localmente muito nublado. Ocorrência de chuvas fracas a moderadas nas províncias de Gaza e Inhambane. Vento de sueste a leste fraco a moderado.
Fonte: Instituto Nacional de Meteorologia

Diga-nos quem é o XICONHOCA,

Envie-nos um SMS para 90440
E-Mail para averdademz@gmail.com
ou escreva no Mural do Povo

Os maus serviços da EDM

Nas últimas duas semanas, o fornecimento de energia eléctrica aos bairros das cidades de Maputo e da Matola foi caracterizado por oscilações e cortes sistémicos. Os munícipes ficaram horas às escuras e, na maior parte das vezes, a empresa Electricidade de Moçambique (EDM) não explicou as razões que causaram a interrupção sucessiva da corrente. Estes e outros problemas fizeram com que a companhia continuasse no pódio das firmas que prestam maus serviços aos seus clientes no país.

Texto: Redacção

O monopólio faz com que a EDM deixe os consumidores sem alternativa senão sujeitarem-se aos danos causados por esta firma. É que mesmo nos momentos em que não existem quaisquer motivos para se interromper o fornecimento de energia, são recorrentes as dificuldades para se assegurar um serviço minimamente aceitável.

Sem falar do que acontece na cidade de Nampula e arredores, em quase todos os bairros das urbes de Maputo e da Matola, os cortes de energia eléctrica são diários, sobretudo nas noites e madrugadas. Os transtornos decorrentes desses problemas são incalculáveis, especialmente no que diz respeito à danificação de electrodomésticos.

No domingo passado, 20 de Outubro, o problema agudizou-se: a capital do país, as províncias de Maputo, Gaza e Inhambane ficaram sem energia eléctrica devido a uma avaria registada na linha de Ressano Garcia-Infulene. A segunda linha que abastece a região sul foi desligada por volta das 23 horas de sábado, 19, para trabalhos de manutenção programada, cuja conclusão estava prevista para o final da manhã do dia seguinte.

Entretanto, algo correu mal e os trabalhos foram interrompidos na linha em alusão porque o público estava a ser privado do consumo de energia. Somente por volta das 11 horas do mesmo domingo é que se restabeleceu o fornecimento normal enquanto se investigava as causas do dano. Porém, pelo menos na cidade de Maputo, sobretudo nos bairros periféricos, a falta de energia era generalizada nas manhãs e madrugadas.

A situação foi crítica no bairro da Polana Caniço “B”, onde dezenas de moradores perderam os seus bens. No bairro em alusão, os residentes contaram ao @Verdade que todos os dias são assolados por cortes frequentes, em qualquer período do dia, o que está a criar transtornos de vária ordem. Algumas pessoas queixaram de prejuízos registados nas suas actividades que dependem de energia. Os produtos frescos adquiridos com tanto sacrifício deterioram-se devido a cortes constantes e ninguém vai ressarcir as famílias.

Stefane Vasco, de 78 anos de idade, residente do quarteirão 38, perto da subestação da EDM, disse que os cortes de corrente eléctrica agravaram-se na quarta-feira passada, 23 de Outubro, altura em que no Posto de Transformação (PT) aconteceu uma explosão, de repente, devido a um curto-circuito.

Por conseguinte, dois postes e os respectivos fios arderam, porém, felizmente, as residências próximas do local do acidente não foram atingidas. Toda a zona ficou às escuras durante quatro dias, pois a equipa da EDM destacada para o terreno não conseguia resolver o problema. Antigamente, segundo Stefane Vasco, as oscilações e cortes da corrente eléctrica aconteciam a partir das 17h:00, mas actualmente de hora em hora fica-se sem energia.

Na altura em que escrevíamos este texto, por volta das 21 horas, nos bairros Inhagoia, 25 de Junho, Bagamoyo, George Dimitrov, por exemplo, não havia energia e não houve nenhum pré-aviso em relação à interrupção dos serviços. Para explicar problemas como estes, no passado, a empresa dizia que as oscilações e os cortes eram frequentes porque as linhas de transporte eram obsoletas, os cidadãos efectuavam ligações clandestinas e cometiam outras irregularidades que influíam sobremaneira na qualidade de energia.

Uma vez esgotadas as manobras dilatórias da EDM para justificar a má qualidade dos seus serviços, é sabido que os bairros das cidades de Maputo e Matola têm sido constantemente assolados por cortes de energia, um problema que tende a piorar em cada dia que passa.



Luís Nhachote
laverdademz@gmail.com

Mamparra
of the week

Afonso Dhlakama

Meninas e Meninos, Senhoras e Senhores, Avós e Avós

O mamparra desta semana é o líder da Renamo, Afonso Dhlakama, cujos homens (dispersos), alegadamente em legítima defesa face às provocações das Forças Armadas de Defesa e Segurança, têm estado a matar cidadãos inocentes.

Em meados do ano passado, o académico Lourenço do Rosário, em entrevista publicada num semanário local, teria dito que as reivindicações da Renamo tinham a sua razão de ser. Refira-se que ele tem sido um elo entre as partes em conflito – Governo e Renamo – a bem da paz!

Mas o líder da Renamo, ao invés de retaliar, querendo, deve ter como alvos militares e não civis – incluindo menores – que não têm nada a ver com as palavras (e alguns nem sabem o que significam) paridade, despartidarização do Estado, etc.

Os relatos de assassinatos de civis agora são quase que diários, e a pergunta teima em sair de forma lancinante: que mal fizeram eles, senhor líder da Renamo?

Quando em Abril mandou atacar um alvo paramilitar, Afonso Dhlakama disse para todos os holofotes, a partir de Sathunjira, que tinha sido ele quem dera a ordem de ataque à esquadra de Muxúnguê.

Estas mamparrices são crimes hediondos. É inconcebível que um líder que protesta, ainda que de forma hilariante, o estatuto de “pai da democracia”, manifeste um desprezo condenável pela vida alheia.

As diferenças de opiniões entre a Renamo e o Governo devem ser ultrapassadas através do uso da palavra. É de todo condenável que as diferenças de pensar impliquem necessariamente o derramamento de sangue.

A Renamo, como qualquer outro partido, não conhece todos os moçambicanos eleitores que escolheram este partido nas últimas eleições gerais, o que lhe fez garantir 51 vagas na Assembleia da República.

Portanto, Afonso Dhlakama pode estar a matar os seus próprios eleitores na sua absurda investida contra civis que atravessam a região centro do país. A paridade não é mais importante do que a vida de uma pessoa

Dhlakama parece ter assinado um pacto com o diabo.

Que raio de brincadeira é esta afinal?
É que alguém tem que pôr um travão neste tipo de mamparrices.

Mamparras, mamparras, mamparras.

Até para a semana, juizinho e bom fim-de-semana!

A CONTECEU

A verdade em cada palavra.

Seja um Cidadão e Reporte a Verdade

SMS: 90440 WhatsApp: 84 399 8634

@Verdade

O jornal mais lido em Moçambique

Quando a razão da força se sobrepõe à força da razão

Será que voltamos à guerra em Moçambique? O Presidente da República, Armando Guebuza, que continua na sua campanha eleitoral permanente (embora o povo não saiba para que cargo vai concorrer pois em 2014 termina o seu segundo e último mandato constitucionalmente permitido), tranquiliza-nos afirmando que a actual situação política vivida em Moçambique constitui um teste aos moçambicanos se realmente querem a paz.

Texto: Adérito Caldeira • Foto: Cidadãos repórteres

Fiz essa pergunta a Pedro, um jovem residente da vila de Maríngue, obrigado a fugir da sua casa com a roupa do corpo na passada segunda-feira (28), quando as forças governamentais decidiram tomar a base da Renamo naquela região centro de Moçambique, ao que ele me respondeu, questionando: “Senhor jornalista, qual é a finalidade de todo este sofrimento?”

“Quando tentámos ir para casa esta manhã (terça-feira) buscar alguma comida e outras coisas, de repente os FADM dispararam para o ar e nós voltámos para o mato (...) estão a queimar casas da população, outros soldados estão dentro das nossas casas (...) nós aqui não temos como, nós a falar assim parece que é uma brincadeira mas já que ainda estamos vivos e estamos a respirar quem sabe é mesmo Deus.”

A versão oficial reza que as Forças de Defesa e Segurança de Moçambique (FADM) em cinco horas tomaram o controlo nesta terça-feira (29) do antigo quartel-general da Resistência Nacional de Moçambique (Renamo) sem derramamento de sangue. Contudo, várias fontes asseguram que quando as FADM chegaram naquele que era tido como o principal bastião das forças de Afonso Dhlakama, desde a guerra civil dos 16 anos, não encontraram, mais uma vez, ninguém!

Alguns residentes de Maríngue que se refugiaram na mata, desde que as tropas governamentais sitiaram a vila sede e arredores cerca das 13 horas de segunda-feira (28), relataram telefonicamente ter havido troca de tiros incluindo de armas pesadas durante a noite e na manhã de terça-feira (29), “só as FADM é que estão na vila sede de Maríngue (...) estão a disparar também armas pesadas, fazem muito ruído (...) agora mesmo, começou agora mesmo”.

Não há informação sobre mortos ou feridos, quer do Governo, quer da Renamo, mas os residentes confidenciaram-me que “o fumo e o cheiro que se sente nas matas faz-me pensar que estão a queimar carne, neste caso os mortos.”

Até ao fecho desta edição, milhares de residentes de Maríngue, entre eles idosos e crianças, continuavam nas matas escondidos à espera que a guerra que oficialmente não existe termine para regressarem às suas casas.

Estrada Nacional da Guerra

Passados 37 anos da independência, Moçambique continua a ser conectado entre o norte, centro e sul apenas por via terrestre, através da Estrada Nacional nº1 (EN1). A opção aérea é apenas permitida aos poucos moçambicanos que podem pagar por uma viagem norte-sul um preço similar ao de uma passagem para a Europa. Desde que a Renamo decidiu, a 19 de Junho, condicionar o trânsito rodoviário entre a região do rio Save até ao distrito de Muxúnguê só é seguro viajar do sul para o centro (ou vice-versa) com escolta militar.

Ou pelo menos é nisso que acreditam os milhares de moçambicanos que todos os dias fazem à EN1 pelas mais



variadas razões, como a jovem Nucha que regressava de um passeio à cidade da Beira nesta terça-feira (29) quando o autocarro onde viajava, confortavelmente numa cama, foi atacado na região de Zove, posto administrativo de Muxúnguê, distrito de Chibabava, província de Sofala.

“Eram 7 e pouco, só tínhamos uma viatura da escolta militar à nossa frente (carrinha 4x4 branca com uns oito militares nela) quando de repente começámos a escutar tiros, não sei quantos (...) os camiões que estavam à frente da coluna seguiram viagem mas o nosso autocarro, porque tinha sido atingido, foi mandado parar pelos militares, dentro do machimbombo também havia um militar, armado, e bem preparado sentou-se ao lado do motorista à frente (...) os militares deram instruções ao motorista para parar, apesar dos nossos gritos de pânico a implorar para o motorista seguir, mas não tinha como” contou-nos a jovem, já em segurança em Vilankulos.

“Depois de mais de cinco minutos de troca de tiros, os militares vieram levar os feridos, um china gordo e um moçambicano, e mandaram o motorista seguir viagem para o Save sozinhos. Deixámos os militares atrás a trocarmos tiros e continuámos, com muito medo.” Segundo Nucha, que afirma que no autocarro estavam várias crianças, os atacantes apareceram na mata à esquerda, para quem viaja no sentido centro-sul.

Segundo esta jovem quando partiu da Beira estava um pouco receosa, tinha visto as notícias do ataque de sábado (26), quando um “mini-bus” de passageiros decidiu cruzar o troço sem escolta e foi atacado na mesma região. Manuel, um dos passageiros do Toyota Coaster que transportava um pouco mais de três dezenas de passageiros desde a Vila de Machanga para o distrito de Muxúnguê, o ataque aconteceu pouco depois de terem parado para dar boleia a um soldado das FADM estava próximo da ponte sobre o Rio Ripembe. A viagem continuou e alguns instantes depois começaram a ser atacados.

Os tiros vinham da mata e, após um pneu ter sido furado e o motorista atingido, a viatura imobilizou-se tendo ele, e outros passageiros, procurado sair até pelas janelas e fugido do local. Manuel relatou-nos que, uma vez fora da via-

tura, viu pelo menos 15 homens armados, trajando fardamento completamente verde-escuro, ajudarem os feridos que tinham ficado no “mini-bus” a saírem e depois incendiarem a viatura com rajadas de metralhadoras.

A Renamo em Maputo negou que os seus homens tenham sido os autores deste ataque, que fez um morto, deixou nove feridos e outros tantos passageiros sem os seus haveres.

A jovem Nucha, apesar de ter ficado bem impressionada com os militares bem constituídos que viu, descrevendo-os, assim: “são homens fortes, não são aqueles molezinhas, chamaram-me a atenção pois vi-os a prepararem trincheiras em Muxúnguê e parecem estar bem preparados e têm cara de poucos amigos”, não hesita em dizer que “eu não aconselho ninguém a viajar (...) está assustador, não está bom para mim, tiveram coragem de atacar um machimbombo grande com escolta militar.”

Há informações oficiosas da presença de militares do Zimbábue, de Angola e até alguns cubanos, entre as forças governamentais que estão no teatro de operações.

Confrontos chegam ao norte

Na manhã de terça-feira (29) a guerra, que não existe, chegou ao norte de Moçambique. As Forças Armadas de Defesa de Moçambique afirmam ter desactivado e ocupado mais uma base da Renamo, desta vez na zona de Havevene, na localidade de Naphone, distrito de Rapale, província de Nampula, após uma troca de tiros com os homens armados da Renamo, não havendo vítimas humanas.

Segundo apurámos estes homens armados pertencem à guarda pessoal de Afonso Dhlakama e estavam afectos à sua residência na Rua das Flores, na cidade de Nampula. Após o ataque à base de Sathunjira estes indivíduos, cerca de uma centena, abandonaram a cidade “capital do norte” e refugiaram-se na região montanhosa do povoado de Naphome,

Segundo um residente do referido local, os homens da Renamo chegaram, apresentaram-se “avisaram a população local para que não se intimidasse com a presença deles e para que prosseguissem com as suas actividades” e escalaram a serra, sem causarem nenhum tipo de incidente contra a população local, porém “hoje fomos surpreendidos com disparos, numa perseguição levada a cabo pelas forças governamentais contra eles, mas estes não responderam, e acho que ainda se encontram naquelas montanhas.”

“Eles sempre falavam que estavam no local aguardando que a situação regressasse à norma-

Democracia



lidade, e nunca nos passou pela cabeça que se tratava dum eventual retorno à guerra”, disse a nossa fonte, que é um professor e residente neste povoado localizado a pouco mais de 30 quilómetros da cidade Nampula.

Contudo, o nosso interlocutor confirmou que este homens armados da Renamo “estão equipados com armas de fogo de diferentes calibre.” Refira-se que durante a guerra civil esta zona foi um dos bastiões da Renamo.

Mais tarde um camião que transportava 18 pessoas, do posto administrativo de Iapala, no distrito de Ribáuè, para a cidade de Nampula, foi atacado a cerca de 15 quilómetros do posto administrativo de Mutivaze, no distrito de Rapale. Segundo testemunhas, quatro homens armados com metralhadoras AK 47, supostamente da Renamo, dispararam sobre a viatura. Há registo de uma vítima mortal. Até a hora do fecho desta edição tinham sido localizados apenas sete ocupantes, sendo que os restantes estavam desaparecidos.

Já na manhã de quarta-feira, mais uma coluna de viaturas civis, protegida por escolta militar, voltou a ser atacada por homens armados. Até ao fecho desta edição só conseguimos apurar a existência de vários feridos e de uma viatura incendiada.

Na mesma altura registámos confrontos armados na região de Sathunjira. As poucas informações que conseguimos confirmar indicavam que os homens da Renamo estariam a tentar recuperar a sua base, onde residia Afonso Dhlakama, e que foi tomada de assalto pelas forças governamentais no passado dia 21 de Outubro.

E agora?

Tal como o primeiro tiro da Luta de Libertação Nacional, em 1964, não está claro quem disparou primeiro no dia 21 de Outubro de 2013, na região de Sathunjira. A verdade é que, apesar de não estarmos oficialmente em guerra, as armas continuam a disparar, cidadãos estão a morrer, outros a serem feridos e ainda outros a serem privados da sua liberdade.

O diálogo que se afigurava difícil antes, parece cada vez mais distante. “Custa imenso imaginar como se pode discutir a paz e estabilidade política do país com alguém que está a ser caçado, vivo ou morto, pelo exército governamental, o qual usa, para o efeito, o seu mais sofisticado equipamento bélico, como se estivesse em combate contra um exército estrangeiro” escreveu Salomão Moyana no Editorial do jornal Magazine Independente.

No auge da sua clarividência o Presidente Armando Guebuza e Comandante-em-Chefe das FADM considera que “a Renamo entrou em situação de inconstitucionalidade”, a partir do momento em que os ex-guerrilheiros daquele partido da oposição “deixaram de ser guardas do dirigente da Renamo e passaram a instrumento de chantagem contra o Estado, começaram a realizar ataques contra civis, contra unidades militares e policiais, a Renamo entrou em situação de inconstitucionalidade, pois, nos termos do artigo 77 da Constituição da República, é vedado aos partidos políticos preconizar ou recorrer à violência armada para alterar a ordem política e social do país”.



Democracia

Os interesses de Jacob Zuma no projecto da barragem de Mphanda Nkuwa

O Presidente sul-africano, Jacob Zuma, é acusado de ter agido em benefício próprio ao apoiar a construção da barragem de Mphanda Nkuwa, uma vez que o projecto irá favorecer o seu filho, Saad Zuma, que deverá entrar no negócio como “testa de ferro”.

Texto: Lionel Faul/Luanchote/jornal Mail & Guardian • Foto: Mail & Guardian



É que, de acordo com uma correspondência a que o @Verdade e o AmaBhungane, o Centro de Jornalismo do Mail & Guardian, uma publicação sul-africana, tiveram acesso, Jacob Zuma não só sabia do papel de seu filho no projecto, como também se reuniu com representantes do mesmo, apesar da aparente violação de ética em casos desta natureza.

Ele também teria discutido com o seu homólogo moçambicano, Armando Guebuza, e deixou os outros (parceiros e intervenientes) com a impressão de que iria ajudar no avanço do projecto directamente, como sugere a correspondência. Na África do Sul, o Código de Ética Executivo é explícito sobre conflitos de interesses: “Os membros do Executivo não devem expor-se a qualquer situação que envolva o risco de um conflito entre as suas responsabilidades oficiais e os seus interesses privados”.

A primeira reunião terá supostamente sido realizada na residência oficial de Zuma, em Pretória, em Outubro de 2010. De acordo com uma fonte próxima, Saady Zuma levou Celso Correia, presidente do conselho de administração do grupo Insitec, parceiro privado moçambicano do projecto, para conhecer o seu pai. A fonte afirmou ainda que Correia queria assegurar-se de que Jacob Zuma, com quem ele falara por telefone, e Saady eram realmente quem este dizia ser: pai e filho.

Celso Correia, de 35 anos de idade, é um dos empresários mais bem-sucedidos de Moçambique, onde se acredita ser um protegido de Armando Guebuza. Especula-se que o Presidente da República tenha uma participação oculta na Insitec, realizada nominalmente por Correia.

Na reunião de Pretória, que teria durado menos de uma hora, a nossa fonte disse que Zuma garantiu a Correia que o seu filho era “um indivíduo sóbrio”. Correia, afirmou a fonte, saiu com uma “impressão inequívoca” de que o Presidente Jacob Zuma aprovou o envolvimento do Saady no projecto.

Sobre os encontros

Ao @Verdade e ao AmaBhungane, quando questionado sobre o facto, Celso Correia disse que “nós não usámos qualquer Zuma no desenvolvimento de qualquer coisa. Infelizmente, o projecto não avançou nos últimos cinco anos porque não conseguimos vender a energia. Eu não conheço nenhum Zuma e nós nunca usámos lobbies”.

Apesar de Celso Correia negar que se tenha encontrado que Saady, tudo indica que a reunião foi útil pois este último conheceu, em Fevereiro de 2011, Brian Dames, o presidente da Eskon, na região de Stellenbosch, enquanto decorria um jogo de “golfe presidencial”. Depois disso, ele enviou um e-mail a Dames no qual diz num dos trechos que “quando nos conhecemos, eu disse-lhe que era uma parte da equipa do projecto Mphanda Nkuwa Hidroeléctrica, Dam”.

Posteriormente, ele (Saady) organizou uma série de reuniões que foram realizadas entre a Eskom e representantes do projecto Mphanda Nkuwa desde 2008 e manteve encontros com Dames. No princípio, o chefe executivo da Eskom parece não ter gostado da abordagem e da proposta do filho de Zuma, o que lhe fez recusá-las. Entretanto, a Eskom disse, na semana antepassada, que embora Dames não se lembre de ter conhecido Saady, entretanto, admite ter recebido um email seu, que depois encaminhou a um departamento competente.

A Eskon disse ainda que também consultou o diário de Dames, e não foram encontrados elementos que o ligassem a Saady. “A Eskom lida com o Governo moçambicano, através da empresa Electricidade de Moçambique e outras com interesse no

projecto (Mphanda Nkuwa) e não com indivíduos”, disse.

Falta de progresso

Em Março de 2011, de acordo com a correspondência, Saady disse que o seu pai “estava a receber telefonemas de Mr G (Guebuza) sobre a falta de progressos neste assunto (projecto Mphanda Nkuwa)”. Se as insinuações sobre a participação oculta de Armando Guebuza na Insitec são verdadeiras, então os dois chefes de Estado estavam interessados em aliar-se para, juntos, fazerem parte de um projecto da dimensão do Mphanda Nkuwa. E que Jacob Zuma far-se-ia representar pelo filo, Saady.

Em Agosto de 2011, Saady terá trocado mensagens acerca do projecto Mphanda Nkuwa com o então ministro da Energia da África do Sul, Dipuo Peters. Numa delas o dirigente dizia: “Olá Saady, nota que eu ainda estou à espera das informações sobre a visita do [??] Mphanda Nkuwa e de mais desenvolvimentos. Obrigado. Dipuo”.

Uma fonte disse que o então ministro da Energia Dipuo Peters terá visitado a casa de Saady Zuma para esclarecer sobre a posição política do Governo. Um porta-voz de Peters confirmou que ele havia conhecido Saady, mas que isso era uma coisa normal uma vez que tal “aconteceu no âmbito das suas responsabilidades oficiais como um ministro de Estado”. “O ministro Peters conhece e interage com diversas partes interessadas. Refiro-me a indivíduos e a organizações”. Em Dezembro de 2011, uma segunda reunião entre Jacob Zuma e Celso Correia teve lugar em Maputo, durante uma visita de Estado a Moçambique, como sugere a correspondência, porém, Saady não esteve presente.

A confirmação do encontro

Milva Santos, uma empreendedora moçambicana, cuja família acomodou Jacob Zuma em Maputo, entre os meados da década 1970 e 1980, quando esteve exilado como membro sénior do Congresso Nacional Africano (ANC), e que trata o chefe do Estado sul-africano por tio, revelou os detalhes da reunião realizada durante a tal visita de Estado.

“Eu consegui organizar uma reunião para Celso Correia e o meu tio (Jacob Zuma) e tudo correu bem. O meu tio fez a necessária pressão para que as coisas andassem e tudo está a correr a uma velocidade incrível agora...”, disse.

E, ao que tudo indica, estão a correr a uma velocidade incrível pois um porta-voz da Eskom confirmou ao @Verdade e ao AmaBhungane que, “depois de uma reunião binacional entre África do Sul e Moçambique, em Dezembro de 2011, as autoridades da Eskom conheceram os representantes do Mphanda Nkuwa no início de 2012 para discutir os detalhes do projecto...”.

Entretanto, Milva Santos terá solicitado a reunião alegadamente como membro da Insitec. No relato da visita de Estado que Zuma efectuou ao país, ela também afirmou ter “colocado frente a frente Celso Correia, o chefe executivo da Eskom [Dames] e as suas respectivas equipas”. A Eskom confirmou o encontro, mas disse que foi “realizado informalmente durante uma pequena pausa na agenda formal, ou seja, não fazia parte do compromisso bilateral”.

Relação entre Zuma e Milva Santos

Quando contactou a Insitec, Milva Santos terá dito que tem laços de familiaridade com Jacob Zuma, que é grato à sua mãe por lhe ter acomodado durante os anos em que esteve em Moçambique na era do Apartheid. Zuma participou no casamento de Milva Santos, em Maputo, há alguns anos como convidado de honra. Na página LinkedIn no perfil de Milva Santos refere-se que ela tem formação em Marketing e Relações Públicas, com passagem pela SABMiller Moçambique, Hotel Polana e Coca-Cola, em Moçambique.

Após o contacto com o @Verdade e o AmaBhungane, Milva Santos exigiu que as questões que lhe seriam feitas fossem enviadas por escrito. Porém, apesar de isso ter sido cumprido, ela não as respondeu.

Problemas técnicos

Funcionários da Eskom têm mantido discussões com os seus homólogos de Mphanda Nkuwa desde o início de 2012, mas nenhum acordo de energia foi assinado ainda, apesar do papel de Saady, que recebeu o apoio do pai, Jacob Zuma.

Há muitas razões possíveis para o atraso, sendo alguns técnicos, financeiros e alguns políticos. A Eskom agora diz ter resolvidas 80% a 90% das questões técnicas, especialmente

as que dizem respeito a uma linha de transmissão de 1.500 quilómetros de comprimento que precisa de ser construída.

A Eskom está empenhada em minimizar a sua exposição ao risco financeiro, o que significa que quer pagar pela electricidade em randes, moeda sul-africana. A firma também não pretende assumir nenhuma responsabilidade por falhas de transmissão, por isso insiste em comprar a energia na fronteira sul-africana e não directamente na barragem de Mphanda Nkuwa.

Enquanto isso, correm rumores de que o Governo moçambicano terá perdido os parceiros deste consórcio, particularmente com os brasileiros, e está a pensar em substituí-los por uma empresa chinesa.

Os brasileiros já gastaram dezenas de milhões de dólares em estudos de viabilidade do projecto, o que dizer que qualquer mudança significaria mais atrasos. Apesar disso, Celso Correia garantiu que a sua empresa manterá uma participação em qualquer consórcio que vier a ser constituído, embora tenha procurado minimizar o tamanho de um jogo futuro.

A situação permanece indefinida, mas é possível que Saady Zuma ainda possa sair beneficiado caso o projecto da hidroeléctrica avance.

A Eskon, companhia estatal de energia da África do Sul, ainda não celebrou o acordo definitivo no consórcio de energia para a viabilização da barragem de Mphanda Nkuwa, que será construída a jusante de Cahora Bassa.

As delegações sul-africana e moçambicana encontraram-se pela primeira vez em 2010, quando Jacob Zuma envolveu o seu filho Saady Zuma visando pressionar os decisores sul-africano em benefício próprio.

Os detalhes para este lobby continuam revestidos de algum mistério e os elementos em torno da aproximação de Saady Zuma ao consórcio com a Mphanda Nkuwa não são totalmente conhecidos. Saady é o irmão mais velho dos gémeos irmãos Duduzani e Duduzile, que nasceram em Moçambique durante os anos em que Jacob Zuma esteve exilado.

* Em Joanesburgo

** Em Maputo

Democracia

Política da Juventude não reflecte os anseios desta camada social

É sentimento comum na camada jovem ouvida pelo @Verdade que a actual Política da Juventude, aprovada semana passada, por consenso, pelo Parlamento moçambicano sob proposta do Conselho de Ministros, não reflecte de forma cabal os anseios desta camada social, situação que é causada, segundo justificou, principalmente pelo facto de o processo da sua produção não ter sido inclusivo.

Texto : Redacção • Foto : Arquivo @Verdade

O Governo de Moçambique, em 1996, reunido em Conselho de Ministro, aprovou a primeira Política da Juventude do país e definiu como objectivo principal “fazer da juventude a faixa mais participativa da sociedade no processo de construção da Nação Moçambicana”. Passados 17 anos, os resultados mostram-se bem distantes daquilo que se pretendia. Os jovens ainda se sentem excluídos dos grandes debates no âmbito do processo de construção do país.

Este ano, consciente do fracasso que foi a primeira política e pressionado por jovens com vista à sua actualização, o Governo propôs à Assembleia da República a revisão daquele instrumento. Na “Casa Magna” a proposta do Executivo foi discutida e aprovada em consenso pelas três bancadas que constituem o Parlamento. Algo, diga-se, um tanto inédito numa Assembleia da República (AR) cujos constituintes parecem estar mais preocupados em resolver questões umbilicais e partidárias em detrimento das do povo.

É uma política tímida e simplista

Relativamente ao teor do instrumento aprovado pela Assembleia da República, a ilação é a de que ele “não traz grandes novidades”, comparado com o que já existia.

O Parlamento Juvenil (PJ), por exemplo, um movimento social analítico e apartidário orientado para a advocacia em prol dos direitos da juventude, entende que apesar de ser louvável a aprovação dessa Política da Juventude, não se pode julgar que ela trará soluções para os problemas dos jovens moçambicanos, principalmente por ser “tímida e simplista.”

O líder deste movimento, Salomão Muchanga, disse ser importante não esquecer que “Moçambique é campeão” em boas políticas e leis, mas que continua a cometer o crasso erro de não implementar tais dispositivos. Entretanto, essa, defende, é uma situação que apela a uma reacção por parte dos jovens no sentido de não cruzarem os braços, mas envidarem esforços com vista à monitoria da aplicação efectiva desta política, apesar das suas deficiências.

O argumento de Muchanga é o de que o documento em causa é apenas uma manobra ilusória de boa governação por parte de Executivo, daí que defende ser a altura de o Governo perceber que a aprovação de políticas nacionais não se deve reduzir a uma simples “demonstração de intenção governativa,” mas deve significar a concretização real dos objectivos de desenvolvimento inclusivo do país. “Este instrumento deve estar acima de qualquer partido político”, fundamentou.

“Devemos saudar a Assembleia da República (AR) pela aprovação, por consenso, deste dispositivo que deverá indicar os caminhos a serem trilhados para fazer frente aos desafios inerentes à Juventude. Mas cabe a nós jovens monitorar a sua implementação”, defendeu Muchanga em contacto com o @Verdade.

O facto de ser aprovado num momento conturbado da história do país, com as principais cidades do país, Maputo, Beira, a serem fustigadas por uma onda de raptos sem precedentes em convivência com alguns agentes da Polícia da República de Moçambique e também a crise político-militar, cujos efeitos se fazem sentir em grande medida no centro de Moçambique onde se vive um cenário de “quase guerra”, representa, no seu entender, um desafio para esta camada social no sentido de ser mais interventiva na pressão para a busca de soluções para estes problemas.

Muchanga é da opinião de que esta política não reflecte os anseios da juventude do país. E indica como uma das razões desse posicionamento o facto de o processo de produção deste instrumento não ter sido inclusivo, embora tenha havido encontros nacionais, que, entretanto, foram dominados pela presença massiva dos membros da Organização da Juventude Moçambicana (OJM), braço juvenil da Frelimo, em detrimento de outras organizações. “Nós participámos nas discussões, mas a política não reflecte o nosso posicionamento”, concluiu.

Pilares da política da juventude

A Política da Juventude ora aprovada pelo Parlamento moçambicano, se-



mana passada, apresenta nove áreas eleitas como sendo os seus pilares. Uma delas é o “financiamento de actividades da juventude” através do qual se pretende alargar as bases de mobilização de recursos financeiros e respectiva afectação em programas e áreas definidas por essa política.

Sucede que o documento faz referência apenas ao Fundo de Apoio às Iniciativas Juvenis (FAIJ), que, no entanto, se tem mostrado um fracasso desde a sua criação. Para perceber isso, basta recordar as palavras do actual dirigente do Conselho Nacional da Juventude (CNJ), Osvaldo Petersburgo, no ano passado (2012), quando se referia ao FAIJ.

Petersburgo disse na altura ser “mentira” o que o Governo andava a dizer acerca do sucesso deste Fundo, pois “se tal existe ainda nenhum jovem beneficiou do mesmo”. Na altura, ele denunciou que o critério da alocação desse dinheiro pelo Governo não era transparente, tal como não é a alocação de Fundo de Desenvolvimento Distrital, ou simplesmente “Sete Milhões.”

Todavia, como que a reconhecer esse fracasso, o Executivo, através da Política da Juventude, preconiza a descentralização do FAIJ e a sua consequente institucionalização, como forma de torná-lo mais efectivo.

No sector da habitação, a proposta é “garantir a criação de condições de habitação própria para os jovens”. Nesse âmbito, sem entrar em detalhes, o Governo compromete-se a facilitar o acesso à terra, adoptar medidas que visem a redução dos custos de construção de habitação, estimular as instituições financeiras e as agências de crédito a oferecerem programas, produtos/serviços de concessão de crédito habitacional e, por fim, consolidar o papel do Fundo para o Fomento de Habitação (FFH), e outras entidades público-privadas na promoção de habitação para jovens.

Mas importa aqui referir que Moçambique é o país com o mais elevado custo de habitação ao nível da região Austral, como resultado da carência de materiais de construção que são, maioritariamente, importados. Por outro lado, a solução apresentada pelo Executivo de estimular a redução das taxas de juro, tal como o Governo pretende fazer para que os jovens possam aceder ao crédito, não irá, por si, resolver o problema, propondo-se, por conseguinte, que o Executivo crie facilidades que tornem a habitação social um investimento atractivo e lucrativo para o sector privado.

Outro pilar diz respeito ao emprego, o auto-emprego e o empreendedorismo juvenil, cujo objectivo é incentivar a atracção de investimento e iniciativas que criem oportunidades de emprego e auto-emprego para jovens. Pretende ainda promover o acesso dos jovens aos programas de capacitação para o desenvolvimento de habilidades na área empresarial.

Ora, em Moçambique, os jovens, por constituírem a maioria da população, são também as principais vítimas de ocupação. Neste momento, estima-se que a taxa de desemprego esteja acima de 22 por cento só nas zonas urbanas; todavia, as rurais são as que albergam mais jovens no país. Entretanto, por causa destes elevado índice de desemprego, a solução para muitos tem sido o mercado informal. A situação é de tal maneira preocupante que até os jovens com formação técnico-profissional são engolidos pela onda.

Na verdade, actualmente, um em cada três jovens tem emprego formal no país. E num universo de mais de três milhões, menos de 10 mil têm acesso ao mercado laboral anualmente, segundo dados do Instituto Nacional de Emprego e Formação Profissional (INEFP), uma entidade ligada ao Ministério de Trabalho. E, perante essa situação, o que os jovens exigem, neste momento, é que haja transparência nos processos de recrutamento.

Deve haver transparência no acesso ao emprego

Jovens que falaram ao @Verdade em reacção à aprovação da Política da Juventude mostraram-se cépticos quanto à possibilidade de este dispositivo alterar o actual cenário no que se refere ao desemprego. Entendem eles que, sendo esse um problema que se arrasta há bastantes anos, pouco já se fez no sentido de se ultrapassar a questão.

“Mais do que políticas, nós precisamos de acções”, disse Mário Manjane, tendo seguidamente levantado uma questão: “Nós sabemos que o Governo aprova todos os dias leis para reduzir a criminalidade, mas os crimes não diminuem. Por que motivo a aprovação de uma Política de Juventude iria diminuir o desemprego?”.

Para os jovens entrevistado pela nossa equipa de reportagem, um dos grandes constrangimentos para se ter acesso ao emprego em Moçambique é a falta de transparência no processo de ingresso. É que, segundo entendem, geralmente o anúncio de vagas nos jornais e outros meios, tanto para as empresas públicas assim como as privadas, é feito só para se cumprir uma formalidade, o que significa que os lugares já foram



Esteja sempre actualizado sobre actualidade política do país e no globo seguindo-nos no
twitter @democraciamz

ocupados. “Os concursos públicos são apenas para o inglês ver e legitimar a afectação de familiares e amigos”, disse José Samo.

Por seu turno, o jovem Gabriel Mathé defende que para a questão da habitação, ao invés de o Governo trazer a projectos de casas construídas, devia criar condições para facilitar o acesso a um pedaço de terra onde o próprio jovem possa construir a sua habitação e, a par disso, criar mecanismos de redução dos preços do material de construção.

“Se se criasse um maior número de postos de emprego ou facilidades de acesso ao crédito para desenvolvermos negócios e nos dessem terra, não seria preciso construir casas para o jovem”, disse o nosso entrevistado, para quem “uma casa já construída não está para um jovem comum”.

CNJ satisfeito

O presidente da Comissão Nacional da Juventude, Osvaldo Petersburgo, entende que a aprovação deste dispositivo representa o alcance de uma grande etapa na caminhada rumo à superação dos desafios da juventude. “Hoje estamos mais firmes e convictos de que o caminho a seguir é para a materialização do que está escrito, porque se isso não acontecer esta política será ‘letra-morta’ e não servirá para nada”.

Neste espírito de raciocínio, Petersburgo compreende, primeiro, que o facto de este ter sido aprovado por consenso é um sinal representativo de que há um interesse em se ver implementado o que está preconizado no documento.

Em segundo lugar, “é o facto de a Comissão de Assuntos Constitucionais, Direitos Humanos e Legalidade da AR ter incorporado um novo artigo que obriga o Governo anualmente a vir ao Parlamento apresentar resultados desta política”. Ele considera ainda que as questões cruciais na vida do jovem, tais como o emprego e a habitação, estão devidamente acauteladas neste documento.

“Na habitação temos os problemas relacionados com as taxas de juro que são muito elevadas e esta política traz uma indicação para se baixar as taxas de juro para que haja projectos sociais aos quais o jovem que auferir o salário mínimo na Função Pública se possa candidatar”, argumentou, e seguidamente refutou a ideia de que esta política não espelha os anseios de jovens pois “foi feita uma auscultação ao nível de todos os sectores e de todo o país.”

Outros pilares

Para além dos acima mencionados, a Política da Juventude tem como pilares a Organização, Planificação e Enquadramento Jurídico da Juventude; o Associativismo Juvenil; a Educação e Formação Profissional; a Ciência, Tecnologia, Comunicação e Informação; o Desporto, a Cultura e o Turismo e a Cooperação e Solidariedade Juvenil.

Não é a lei que vai refrear o álcool

O Governo moçambicano aprovou, em Setembro passado, um regulamento que visa controlar a comercialização e o consumo de bebidas alcoólicas. A medida tem ainda em vista proteger a saúde dos cidadãos, em particular, e assegurar o bem-estar da sociedade, em geral. É sintomático que o Executivo promulgue a referida lei na tentativa de estancar aquilo que já se considera um caos social: o consumo excessivo do álcool, pese embora algumas pessoas não vejam nisso algum mal, pois consideram que beber é cultura secular e, por isso, negam que haja norma que refreie a bebedice.

Texto: Redacção

Foto: Feling Capela / Miguel Manguzeze



As cidadãos entrevistados pelo @Verdade reconhecem que o álcool é causador de consequências nefastas incalculáveis. Bebe-se em todo o lado, incluindo em lugares públicos onde devia ser proibido esse costume. Bebe-se em todo o lado porque o produto é comercializado em todo o lado também. Em desrespeito às normas da Postura Camarária. Bebe-se de verdade, aos olhos de toda a gente e de quem devia pôr travão a este espectáculo que não dignifica, primeiro o próprio usuário, e depois a comunidade, que é ela a pagadora dos efeitos colaterais do facto em questão.

Bebe-se todos os dias sem qualquer observância dos horários. Tem álcool para todas as categorias, mas quem sofre a dobrar são os mais fracos, aqueles cujo poder de compra não vai por aí além. E esses, nas condições em que se encontram, tendo o desemprego como agravante, que por sua vez gera a precariedade da vida, e esta a frustração, mergulham no álcool como forma de afogar toda essa dor. Contudo, como sempre ficou claro, quanto mais se mergulha no álcool como forma de esquecer as feridas, mais essas chagas se levantam e vivem.

Ao aprovar o dispositivo que regulamente a comercialização e o consumo de bebidas alcoólicas, o Governo explica que “o alcoolismo é uma grave toxicod dependência. Constitui a maior das toxicomanias, sendo considerada a mais destrutiva e dispendiosa dentro do campo das toxicod dependências, pelas graves consequências que provoca tanto no indivíduo como na sociedade”.

Sustenta-se igualmente que “a intoxicação alcoólica e os efeitos crónicos do consumo de bebidas alcoólicas podem provocar danos permanentes à saúde do indivíduo tal como síndrome fetal alcoólico, perturbações neuropsiquiátricas e outras perturbações, com consequências a curto ou longo prazos”.

Aliás, segundo o legislador, “estudos mais recentes confirmam que o consumo nocivo e abusivo de bebidas alcoólicas é um factor de risco para as doenças infecciosas (incluindo o VIH/SIDA e a tuberculose) e doenças cardiovasculares. Por outro lado, o consumo excessivo de bebidas alcoólicas tem impacto social resultante da diminuição da capacidade de produção e da aprendizagem, uma maior exposição aos acidentes de trabalho e de viação”.

“Deste modo, é necessário prevenir o consumo de bebidas alcoólicas para evitar que as pessoas se envolvam precocemente; ajudar aqueles que já se envolveram a evitar que se tornem dependentes do álcool; e aos que já se tornaram dependentes oferecer meios que os permitam recuperar, o que pode incluir a abstinência total.”

“O melhor é suicidarmo-nos”

Em conversa com os seus interlocutores, o @Verdade

Bebida alcoólica: toda a bebida de fabrico industrial ou caseiro (tradicional) que por fermentação, destilação ou adição, contenha um teor alcoólico superior a 0,5% Vol.

apurou que a maior dor surge quando se apercebe que a faixa etária que mais se entrega ao consumo do álcool é a jovem, aparentemente desnorreada. Parece não ter a consciência do que lhe pode acontecer depois de o fígado estar queimado, ou sabe, mas não se importa. Esses jovens, padecendo, parece que estão a dizer: “não trabalhamos. Sem trabalho não podemos construir nenhum programa para o futuro. Sem trabalho a vida não faz sentido. E que fazemos neste mundo? O melhor é suicidarmo-nos”. E suicidam-se mesmo. Devagar.



Ingerindo bebidas com um teor alcoólico que eles próprios não sabem e nem se preocupam em registar. Para quê? O que eles querem é ficar “pedrados” e esquecer, momentaneamente, o desespero de não ter uma ocupação produtiva.

Há tempos atrás, um dirigente de proa deste país – reagindo à reclamação do povo sobre a fabricação e venda de bebidas como “Tentação”, “Paradise” e outras dessa linha maléfica – respondia que nada se podia fazer com vista a parar a sua produção porque os seus fabricantes pagam impostos. Na verdade, os que fazem essas bebidas extremamente fortes e venenosas continuam a colocar no mercado os seus produtos, procurados e devorados vorazmente pela juventude. As pessoas, sobretudo os jovens, bebem de tal forma que as sequelas mais salientes ficam no rosto, tumefacto. Outras ainda estarão instaladas, indubitavelmente, no fígado. E no sistema nervoso. Muitos são aqueles que já foram internados no Hospital Psiquiátrico com fortes sinais de esquizofrenia e outros ainda vão demandando aquele sanatório, segundo informações que são passadas amíúde nos órgãos de informação por especialistas da área e familiares. Mesmo assim as fábricas não fecham. Pelo contrário!

O álcool em si não será, com certeza, prejudicial à saúde. A bebida não pode ser a causadora desses males todos. O problema surge na forma como ela é consumida. E as estatísticas mostram-nos que se bebe a potes neste país. Será que a proibição da venda de álcool em locais públicos vai reduzir o seu consumo? Não sabemos. O Governo veio agora a terreiro com este decreto, na tentativa de pôr as coisas na linha. Coloca-se também a possibilidade de se proi-

Destaque



bir a comercialização de bebidas aos domingos. Tudo isso com a intenção de manter a ordem e proteger vidas.

Depois da bebedice, a regeneração

Recentemente, ouvimos, na província de Inhambane um homem que não quis ser identificado, o qual aplaude fervorosamente a lei que proíbe a venda de bebidas alcoólicas em lugares públicos, porém, ele diz que o homem é superior a qualquer lei, porque é ele mesmo que produz.

“Não são as leis que vão mudar as coisas. É a consciência de cada um. Para mim, mais do que beber em lugares públicos, o que mais me preocupa é ver jovens a caminharem diariamente para o pricipício, tendo como meio de transporte para a morte essas garrafas de plástico com rótulos do diabo. Estou a falar de “Paradise”, “Tentação”, “Tipo Tinto”, “Boss”, etc. Todas estas bebidas são vendidas em catadupa em todo o lado e, mais grave ainda, são publicitadas nas televisões, incluindo públicas, algumas delas com rostos de mulheres, para nossa desgraça. Onde é que anda o Governo para parar esta chacina que está a dizimar a juventude?”.

O nosso interlocutor não apoia muito os que se referem ao álcool como sendo prejudicial à saúde. “Tudo é prejudicial à saúde, até a água. O que se recomenda é a dosagem equilibrada. Tenho por exemplo a minha própria experiência. Fui um dependente do álcool. Bebia sem responsabilidade mesmo sabendo que estava a caminhar para o lado contrário, mas quando tomei consciência do perigo de morte que corria, recuei para reflectir. E hoje sou um homem são. Orgulhoso de ter vencido o diabo. Sou uma pessoa regenerada. Renascida. E não precisei de nenhuma lei governamental para me salvar.



Consumo de alto risco:
quando o padrão de consumo diário for igual ou superior a 3 (três) copos de bebida alcoólica ou em cada ocasião consumir 5 (cinco) ou mais copos de bebida alcoólica.

A consciência individual supera tudo. Mas se este Governo é responsável, tem que mandar parar a fabricação e venda dessas bebidas diabólicas. Estes homens que nos governam estão mais preocupados com o dinheiro dos impostos do que com a vida dos seus concidadãos. Ora essa!”

“Mais do que a consciência individual, o Governo tem uma grande responsabilidade no estágio a que se che-

Consumo de baixo risco:
quando o padrão de consumo for de 2 (dois) ou menos copos durante cinco dias da semana.

Comércio ilícito:
qualquer prática ou conduta proibida por lei, relacionada com a produção, envio, transporte, recepção, posse, distribuição, venda ou compra, incluída toda prática ou conduta destinada a facilitar essa actividade.

gou. Faltam políticas eficazes de Educação e, consequentemente, de emprego. Temos uma enorme franja de desempregados desesperados. E a tendência de uma pessoa desesperada é fazer tudo de qualquer maneira, incluindo beber até se tornar um bêbado. Espero bem que esta lei surta algum resultado, não no sentido de não vermos “colemans” sobre os passeios, mas sim, de deixarmos de ter jovens internados na psiquiatria por causa do álcool, ou outros ainda precocemente envelhecidos e inúteis por causa dessa “porcaria” de bebida que anda por aí”.

O Governo devia criar empregos

Morais Nhapossa é um jovem que nunca experimentou bebidas alcoólicas, mas tem colegas alcoólatras e outros que caminham perigosamente para aquele patamar da desgraça. “É difícil comentar este decreto do Governo, que na minha opinião é discutível. Acho que eles estão mais preocupados com o que se passa nas cidades, mas nos subúrbios e no campo o caso é muito mais grave. Há pessoas que acordam para ir sentar no “Senta-baixo”, todos os dias. As bebidas comercializadas naqueles lugarejos sombrios não têm rótulos. Não se sabe muito bem sobre a sua origem, sobre o teor alcoólico que possuem nem sobre as condições higiénicas em que são fabricadas. Isto é um verdadeiro ‘holocausto’, as pessoas morrem devagar sem que ninguém se compadeça delas, nem o Governo, cujos governantes passam a maior parte do seu tempo nos gabinetes com ar condicionado, ou nos carros luxuosos, ou nas suas mansões, ou ainda nas instâncias turísticas onde vão degustar do bom e do melhor”.

Nhapossa não desdenha o bem-estar, o que lhe preocupa são os seus compatriotas que vão mingando diariamente, bebendo sem nada no estômago, e sem nada para fazer porque não há emprego. “Isso é que me preocupa. Antes de o Governo aprovar esta lei, devia interessar-se em saber o que motiva a proliferação dos bêbados do ‘senta-baixo’ e os consumidores de “Tentação”. Esses é que são os mais desgraçados porque os outros, aqueles que bebem na praia da Costa do Sol, ou no “Calçadão” de Maputo ou de Inhambane, a maior parte deles tem uma ocupação”. E os que vendem bebidas na rua não são malucos. Estão à procura de sustento. Neste país não há emprego. Todos nós sabemos disso. Vamos resolver esse problema primeiro, que é o mais importante, depois voltaremos para falar dos “colemans”.

Somos civilizados

Maria Otília apoia a decisão tomada pelo Governo. “Eu pessoalmente sou de opinião de que esta é uma medida salutar porque somos cidadãos. Um dos deveres de cidadania é respeitar a postura camarária. Não podemos andar a beber na rua porque não somos um país de bêbados. É necessário que se devolva a ordem. Volta e meia somos obrigados a mudar a nossa rota nos passeios porque deparamos com um “colemans” de cerveja. O que é isso? É verdade que não é a lei que vai refrear o consumo no álcool porque os jovens, e não só, têm motivos muito fortes para enveredarem por essa linha. As pessoas andam frustradas e vêem no álcool um meio propício para afundar as mágoas. E nunca será. Pelo sim, pelo não, é um assunto para debate, mas beber na via pública é que não”.

Destaque

Alcoolismo: para além da lei dos homens

Reza a Bíblia, no livro de Mateus do novo testamento, que durante certo matrimónio, onde Jesus Cristo estava na companhia de Maria, sua mãe, o vinho teria esgotado para desilusão dos nubentes e dos convidados que dele se deliciavam.

Jesus Cristo, naquele que é considerado o seu primeiro milagre público, teria ordenado que se enchessem os barris de água, que, de seguida, transformou em vinho da melhor qualidade, para espanto e reconhecimento dos mestres que o provaram. E lá prosseguiu o casamento, para gáudio dos presentes, que sorveram aquela bebida.

O vinho, nos dias que correm, faz parte do ritual de uma das mais antigas religiões que a humanidade tem registada, ao ser tragado pelos discípulos de Cristo em cálices dourados no altar, perante a presença de milhares de crentes que querem ser salvos e entrar no reino dos céus. Leis e leis ao longo dos tempos da história em que a humanidade tem consciência da sua existência racional, têm sido produzidas para regular o álcool, e o Governo moçambicano acaba de produzir uma proposta de lei com o mesmo propósito.

Leis para constarem no papel...

A proposta de lei para a regularização e penalização aos infractores – vendedores e consumidores – os seus 18 artigos e o seu respectivo anexo são, do ponto de vista ético e moral, uma espécie de lufada de ar fresco que o Governo já há muito devia ter elaborado e o Parlamento aprovado e legislado. Mas as leis em Moçambique, como tem sido apanágio, poucas são as que têm saído do papel. Este regulamento, peca, de per si por ser uma proposta de lei quase extemporânea. Vivemos num mercado agressivo, com direito a publicidade para a publicitação e promoção do álcool. As bebidas contrafacionadas, essas estão em todo o lado. As de fabrico caseiro estão disponíveis no primeiro quintal, em qualquer cinturão de qualquer perímetro urbano da Pátria Amada.

Em suma, o álcool é o pão de cada dia e acessível a qualquer bebedor, em função do seu bolso. Há bebidas para tudo e para todos. De todos os gostos.

O artigo 3 da referida proposta de lei, diz e passamos a citar: “toda a pessoa deve ser informada sobre a natureza aditiva e as consequências do consumo de bebidas alcoólicas”. Desde os primórdios dos anos de chumbo da primeira República que tinha à testa Samora Machel, o álcool serviu de tubo de escape para aqueles que sempre o consumirem para esconderem as suas frustrações e outros para celebrarem os seus dias de fartura quando todos erámos iguais e se queria construir o “homem novo”.

Nas vitrinas das cooperativas de consumo e outras lojas do “povo”, venderam-se bebidas, com nomes como “Xidiba N’dota”, (o mesmo que derruba o homem), “Três Estrelas”, “Torajinha”, dentre outras, cujo teor de álcool, segundo os mais velhos, variava de garrafa para garrafa. Isto é, ninguém sabia exactamente da natureza aditiva do que bebia.

Nesses anos de chumbo que são conhecidos por tempo do “repolho e carapau” – onde faltava quase tudo e era possível descortinar, por vezes, baratas nas vitrinas dessas cooperativas – as bebidas de fabrico caseiro foram a “salvação” e as ripas para vários caixões de milhares de anónimos.

Nesses anos, nas cervejarias, a bebida era vendida em pouquíssimas quantidades aos clientes, porque era tempo de crise. Bares havia onde a comercialização da cerveja era condicionada à compra de uma refeição.

Hoje de muito desses bares só ficou a memória de quem por lá passou. A título ilustrativo, a cer-

vejaria “Pigalle”, situada ali na Avenida 24 de Julho, virou um balcão de um banco conhecido da praça. O “Goa”, na Avenida Eduardo Mondlane, fechou. O “Pica-Pau” da mesma avenida virou loja de roupa. E por aí em diante...

Liberalização

Com a viragem do socialismo para a economia de mercado, o álcool foi praticamente liberalizado. Abriram-se as primeiras barracas nos arredores das escolas. Em Maputo é mesmo um caso sui generis. Nas proximidades das escolas Comercial e Josina Machel, temos as barracas do Museu. Entre as escolas Estrela Vermelha e Francisco Manyanga, as barracas do Estrela e do Mandela. E um pouco por todo o lado. Os principais clientes, nos dias correntes, são alunos e professores que querem um pouco de “paulada” para aliviar o stress social. Porque é o que é do costume, as raparigas também alinham nesses copos, para não ficarem fora da moda.

E, tal como nos anos de chumbo, há bebidas para todos os tipos de gosto e de bolso. O grosso dessas bebidas, embaladas em recipientes plásticos, tem uma origem desconhecida, assim como o teor real de álcool delas, pois a “paulada” varia conforme garrafa que os contém. As empresas que as produzem têm a anuência deste mesmo Governo que hoje quer pôr travões ao caos, tal como as de outro ramo de actividade que está preocupado com a lei da economia de mercado: o lucro.

Nos dias correntes, existem recipientes dessas bebidas que cabem na palma da mão, no bolso, e qualquer um pode transportá-la para onde e como quiser sem ser detectado.

Outras bebidas, de rótulos internacionalidade celebrados pelos séculos de fabrico e pelas medalhas amalhadas, podem ser encontradas numa banca de qualquer esquina a preços altamente atractivos, de fazer inveja a qualquer bottle store. É o mercado, dizem. Até nas barracas do museu, como se aventou em tempos, uma pessoa “grande” deste país tinha (ou tem) um contentor num passeio, onde cidadãos de classe média, alta, baixa, se concentravam ao final do dia – ou mesmo nas horas normais de expediente – para ir sorver os “duplos” mais baratos de “whisky”, “gin”, e “amarula” da praça maputense.

O Governo parece ter a consciência de que encerrar aqueles lugares que atentam contra a postura urbana em qualquer ponto do globo pode ser o seu fim político, por isso, talvez, tem estado a tolerar esse mal que flagela a sociedade, uma vez que não são só os bêbados que sofrem as consequências da embriaguez.

Publicidade

Em tempos não muitos recuados, um spot publicitário que ofendeu movimentos feministas no país dizia assim no seu gigantesco “outdoor”: “Esta Preta está melhor do que nunca”. A garrafa que era apresentada tinha o formato de uma mulher e as senhoras que deparavam com ela sentiam-se ultrajadas.

Todos os dias os bebedores de álcool e os aspirantes a tal são incitados, sempre que estão em frente das televisões, a experimentarem novos produtos que as cervejeiras querem colocar no mercado em busca do lucro.

São estes e outros estímulos que um povo que cada dia mais excluído do mercado das oportunidades de emprego, dentre outros benefícios, encontra aconchego para, como se tem dito amiúde nesses lugares, não apanhar trombose “de tanto pensar, meu”.

Refira-se que mesmo nas cerimónias de entronização do mais alto magistrado da Nação evocamos os antepassados com aguardente, ao que se diz da mais pura qualidade, oriunda dos alambiques em extinção.

<p>ARTIGO 5 (Restrições à venda de bebidas alcoólicas)</p> <p>1. É proibida a venda de bebidas alcoólicas:</p> <p>a) Aos menores de 18 anos de idade, as pessoas com perturbação mental, as pessoas com sinais de embriaguez;</p> <p>b) Nas instituições públicas;</p> <p>c) Nas imediações dos estabelecimentos de ensino;</p> <p>d) Nas vias e espaços públicos (parques, jardins, estradas, passeios, paragens de autocarros praças de táxis);</p> <p>e) Nas bombas de abastecimento de combustível e nas respectivas lojas de conveniência;</p> <p>f) Nos mercados;</p> <p>g) Por ambulantes;</p> <p>h) No intervalo compreendido entre as 20hr e às 9hr do dia seguinte em todos os locais autorizados para venda, excepto nas casas de pasto, discotecas, bares, pubs e outros recintos similares.</p> <p>ARTIGO 6 (Restrições ao consumo de bebidas alcoólicas)</p> <p>É interdito o consumo de bebidas alcoólicas:</p> <p>a) Aos menores de 18 anos, pessoas com sinais de embriaguez e pessoas com perturbação mental;</p> <p>b) Em todas as Instituição públicas;</p> <p>c) Nas imediações dos estabelecimentos de ensino;</p> <p>d) Nas bombas de abastecimento de combustível e nas respectivas lojas de conveniência;</p> <p>e) Nos transportes públicos rodoviários e terrestres;</p> <p>i) Nas vias e espaços públicos (parques, jardins, es-</p>	<p>tradas, passeios, paragens de autocarros, praças de táxis);</p> <p>f) Nos mercados.</p> <p>ARTIGO 10 (Publicidade de bebidas alcoólicas)</p> <p>1. É proibida a publicidade de Bebidas Alcoólicas nas seguintes situações:</p> <p>a) Onde apareçam imagens de menores de idade e de mulheres;</p> <p>b) Em eventos culturais, musicais e desportivos, cujo patrocínio, apoio ou colaboração provenha das indústrias produtoras e/ou estabelecimentos que comercializam bebidas alcoólicas;</p> <p>c) Nos estabelecimentos escolares e nas suas imediações;</p> <p>d) Nas instituições públicas, transportes públicos terrestres e rodoviários, colectivos e semi-colectivos;</p> <p>e) Por meios de comunicação radiofónicos, audiovisuais (televisão e cinemas), internet, mensagens telefónicas (SMS) e outros canais de transmissão (i.e. facebook) e impressos;</p> <p>f) Em painéis gigantes, cartazes, murais, estações de transporte públicos ou similares que se encontrem na via pública.</p> <p>ARTIGO 15 (Aplicação das Sanções)</p> <p>1. A primeira infracção às disposições do presente Regulamento é punida com pena de Advertência, exceptuando os actos proibidos por lei;</p>	<p>2. As infracções às disposições do presente Regulamento são puníveis com penas de multas assim graduadas:</p> <p>a) A violação do disposto no artigo 4, do presente Regulamento, é punida com multa correspondente à 40 salários mínimos pagos nos sectores de comércio e prestação de serviços e apreensão do/s produtos/s relacionados com à infracção e que estejam na posse do infractor, revertendo-se à favor do Estado.</p> <p>b) A violação do disposto no artigo 5 do presente Regulamento é punida com multa correspondente a 20 salários mínimos pagos no sector do Comércio e Serviços;</p> <p>c) A violação do disposto no artigo 7, do presente Regulamento, é punida com a multa correspondente a 80 salários mínimos, pagos nos sectores do Comércio e Serviços;</p> <p>d) A violação do disposto no artigo 9, do presente Regulamento, é punida com a multa correspondente a 50 salários mínimos pagos nos sectores do Comércio e Serviços;</p> <p>e) A violação do disposto na alínea c) do artigo 10 do presente Regulamento é punida com a multa correspondente a 80 salários mínimos pagos no sector do Comércio e Serviços;</p> <p>3. Em caso de reincidência, a multa será elevada ao triplo daqueles valores, além da confiscação do equipamento e material do estabelecimento a favor do Estado.</p> <p>4. Se da violação do previsto no número anterior resultarem danos a terceiros será aplicado o previsto na legislação penal em vigor.</p> <p>5. Os quantitativos das multas referidas no presente artigo poderão ser actualizadas pelo Governo.</p>
--	---	---

Estoura guerra interna na Al Shabab

A organização radical islâmica Al Shabab foi considerada durante anos a força mais unida e poderosa na falida Somália, mas agora desmorona como um castelo de cartas por profundas divisões internas. Esse é o diagnóstico de Abdiwahab Sheikh Abdisamad, professor de história e ciência política na Universidade Queniana, em Nairobi. A Al Shabab está a dividir-se em “pequenos grupos que lutam entre si por diferenças ideológicas e está à beira de uma guerra civil interna”, disse à IPS.

Texto: Muhyadin Ahmed Roble/IPS • Foto: Abdurrahman Warsameh/IPS

Em Setembro a organização reivindicou a ocupação por quatro dias do centro comercial de Westgate, no Quênia, que terminou com mais de 70 mortos. Também assumiu um atentado à bomba, na semana passada, em Adis Abeba, capital da Etiópia, no qual morreram dois somalis, que se acredita seriam os próprios responsáveis pela explosão. Contudo, o grupo, formalmente vinculado à Al Qaeda a partir de 2012, encontra-se dividido em duas facções que disputam entre si a liderança: os jihadistas (combatentes islâmicos) estrangeiros e os somalis nacionalistas.

Abdisamad afirma que essas divisões são uma oportunidade de ouro para que o governo federal somali se aproxime dos elementos menos extremistas da organização. Se Mogadíscio não capitalizar a situação e não se aproximar da facção nacionalista, os jihadistas ganharão a luta interna e ficarão mais fortes, alertou. “Então, o futuro da Somália será incerto, a estabilidade da região estará em risco e também a do resto do mundo”, ressaltou o professor.

Segundo Abdisamad, essa guerra interna ficou evidente quando dois co-fundadores e líderes do grupo, Ibrahim Haji Jama e Moalim Burhan, foram assassinados em Junho, ao que parece pelos seus próprios companheiros. Contra Jama, mais conhecido por Al-Afghani (O Afegão) por ter sido treinado pela Al Qaeda no Afeganistão, havia um pedido de captura com uma recompensa de cinco milhões de dólares, mas o xeque Abdiaziz Abu Musab, porta-voz da Al Shabab, negou as divisões e disse que Jama e Burhan morreram num tiroteio quando resistiram à prisão determinada por um tribunal somali.



No mês passado, foram assassinados por membros da Al Shabab dois jihadistas estrangeiros: o norte-americano Omar Hammami, conhecido por Abu Mansoor al Amriki, um dos mais procurados pelo Escritório Federal de Investigações (FBI) dos Estados Unidos e por quem também era oferecida recompensa de cinco milhões de dólares, e o britânico de origem paquistanesa Osama al Britani.

Al Amriki talvez tenha sido quem mais fez propaganda da Al Shabab graças aos seus vídeos de Rap em inglês. Em 2012, foi o primeiro membro a revelar por meio da Internet que se afastava do grupo porque a sua vida estava em perigo. Al Amriki escapou e sobreviveu a várias tentativas de assassinato por parte da unidade Amniyat, divisão de inteligência da Al Shabab encabeçada pelo líder supremo do grupo, Ahmed Abdi Godane, também conhecido por xeque Mujtar Abu Zubeyr. Por fim, Al Amriki foi assassinado em Setembro.

Abdisamad afirmou que Godane é partidário de uma jihad (luta) mundial e acredita que a Somália pertence aos muçulmanos de todo o planeta. “A facção jihadista global tem uma agenda que vai além da Somália, e quer propagar o Islão da China ao Chile, da Cidade do Cabo ao Canadá”, ressaltou. Outro membro do grupo vinculado à facção nacionalista, o xeque Hassan Dahir Aweys, fugiu da maior base que ainda resta à Al Shabab, em Barawe, 180 quilómetros ao sul de Mogadíscio. Decidiu render-se antes ao governo somali depois dos assassinatos de Jama e Burhan.

Abdisamad afirma que os nacionalistas são menos extremistas, e a sua intenção é estabelecer um Estado islâmico apenas na Somália, sem intervir noutros países. “A facção religiosa nacionalista é contra a globalização do conflito somali, os assassinatos indiscriminados e a morte de clérigos, eruditos islâmicos e qualquer um que não esteja a favor dos combatentes. Há anos estão em campanha para substituir Godane, mas têm fracassado”, detalhou o académico.

Acredita-se que as divisões internas contribuíram para que o grupo perdesse cidades e povoados estratégicos no sul e centro da Somália, incluindo a capital, Mogadíscio, onde o mercado local de Bakara era uma importante fonte de financiamento. Os radicais extorquiam os empresários e obtinham grandes somas de dinheiro. As forças

somalis e as tropas da Missão da União Africana na Somália (AMI-SOM) expulsaram a Al Shabab de Mogadíscio em 2011. Exactamente um ano depois, o grupo perdeu a sua última e mais importante fonte de renda: o porto de Kismayo, no sul do país.

Segundo a Organização das Nações Unidas (ONU), a Al Shabab obtinha anualmente entre 35 milhões de dólares e 50 milhões de dólares dos portos de Kismayo e Marko, agora sob controlo das forças somalis e da AMISOM. “A perda de fontes económicas e as divisões internas levaram centenas de combatentes a desertarem da Al Shabab e a entregarem-se ao governo”, explicou à IPS o jornalista somali Mohammad Abdi. O grupo já não pode pagar regularmente os seus combatentes “como costumava fazer”, afirmou.

As limitações financeiras e as divisões afectaram o moral dos combatentes. Centenas entregaram-se ao governo ou fugiram para países vizinhos. Entretanto, o parlamentar somali Abdisamad Moalim Mohamud, ex-ministro do Interior e de Segurança Nacional, afirmou à IPS que o grupo ainda é uma ameaça não só para o seu país, como também para a região e o mundo.

“Perderam muitos combatentes e já não podem enfrentar directamente as forças somalis e da AMISOM, mas são capazes de realizar uma guerra de guerrilha com atentados suicidas e ataques surpresa como o de Westgate, em Nairobi, e no complexo da ONU em Mogadíscio”, afirmou Mohamud. O legislador acredita que a região deve trocar informações de inteligência e adoptar estratégias antiterroristas comuns para prevenir essa ameaça.

Interpol procura ex-militar e empresário angolano, Bento Kangamba, por tráfico de mulheres

No Brasil foi desmantelada uma quadrilha internacional de tráfico de mulheres, chefiada pelo ex-brigadeiro da Aeronáutica de Angola, o empresário Bento dos Santos Kangamba, procurado pela polícia internacional. Em Moçambique, este cidadão angolano é conhecido como o empresário da juventude, patrocinador e organizador de espectáculos musicais grandiosos para a emergente classe média/alta.

Texto: Adaptado DW • Foto: ANGOP

As mulheres eram enviadas do Brasil para África do Sul, Portugal, Áustria e Angola. Cinco dos sete envolvidos no esquema internacional de tráfico de mulheres, desmantelado pela Polícia Federal do Brasil, foram, entretanto, presos. Restam por deter dois homens angolanos, contra os quais foi dada voz de prisão no Brasil e que são agora procurados pela polícia internacional, Interpol. Um deles é Bento dos Santos Kangamba, apontado como chefe do grupo.

À frente da operação, o delegado da Polícia Federal do Brasil, Luiz Tempestini, explica à DW África: “A investigação começou através de uma fonte humana nossa que trabalha na noite paulistana. Chegou-nos a informação de que haveria um grupo que estava traficando mulheres para Angola. E o destino seria um grande empresário de Angola, conhecido como “Tio Bento”, e ele é patrocinador de clubes de futebol, grande empresário, político e deputado federal, anti-



go brigadeiro da Aeronáutica e casado com a sobrinha do Presidente da República”.

Abuso sexual e exploração económico

Segundo o delegado Tempestini, as mulheres sofriam abusos sexuais às mãos de Kangamba, que as colocava também à disposição de parceiros de negócios e amigos. O delegado espera agora pela prisão do general e do braço direito dele, o também angolano, Fernando Vasco Inácio Republicano. Segundo Tempestini, o Brasil passou dois mandados de captura contra estes suspeitos e requereu a assistência de Interpol, estando confiante que os indivíduos serão detidos e extraditados de qualquer país que

tenha tratado nesse sentido com o Brasil.

Neste país, o trabalho criminoso era executado pelo músico brasileiro Wellington Edward Santos de Souza, também conhecido como Latyno, sob as ordens do chefe angolano, “Tio Bento”, acrescenta Tempestini.

Numerosas vítimas

Ainda segundo o delegado da Polícia Federal Brasileira, cerca de 1500 mulheres foram vítimas deste esquema de exploração sexual. Parte delas era atraída pela promessa de pagamentos, que variavam entre dez mil a 100 mil dólares para programas de sexo no exterior. O delegado detalha, no entanto, que a quadrilha aliciou mulheres

com perfis diversos, de famosas a pobres, que nem sequer sabiam que estavam indo para fora do país para se prostituir. Em média, cada mulher brasileira era obrigada a manter cerca de 15 a 20 relações por dia, sem proteção. Quando chegavam, davam-lhes uma bebida que alegadamente prevenia contra a SIDA, evidentemente uma falsidade, já que, como salienta o delegado, semelhante bebida de prevenção e cura milagrosa não existe na medicina: “Pese embora que não temos conhecimento de nenhuma infecção, mas o risco é grande, porque os países da África são conhecidos como tendo os maiores índices de SIDA entre a população”.

Tráfico no valor superior a 45 mil milhões de dólares

A quadrilha movimentou, inicialmente, mais de 45 mil milhões de dólares neste esquema de exploração sexual, mas a Polícia Federal Brasileira acredita que o lucro já dobre esta estimativa.

Segundo declaração na agência angolana Angop, o empresário Bento dos Santos Kangamba não recebeu, até à data, qualquer notificação policial sobre o assunto. O empresário nega ter mantido contato, desta forma, com cidadãos do Brasil, África do Sul, Portugal, Angola e Áustria. No desmentido, feito por fonte oficial não identificada, a Angop afirma ainda que a acusação ao empresário foi para atingir e caluniar outras personalidades angolanas.

Mundo

“Guiné-Bissau está perigosamente perto de ser um Estado fracassado”

A Guiné-Bissau está “perto de ser um Estado fracassado”, mas isso não é culpa da violência étnica nem religiosa, que jamais existiu nesse pequeno país da África ocidental, afirma o prémio Nobel da Paz e enviado da Organização das Nações Unidas (ONU), José Manuel Ramos-Horta.

Texto: Mario Queiroz/IPS • Foto: Lusa

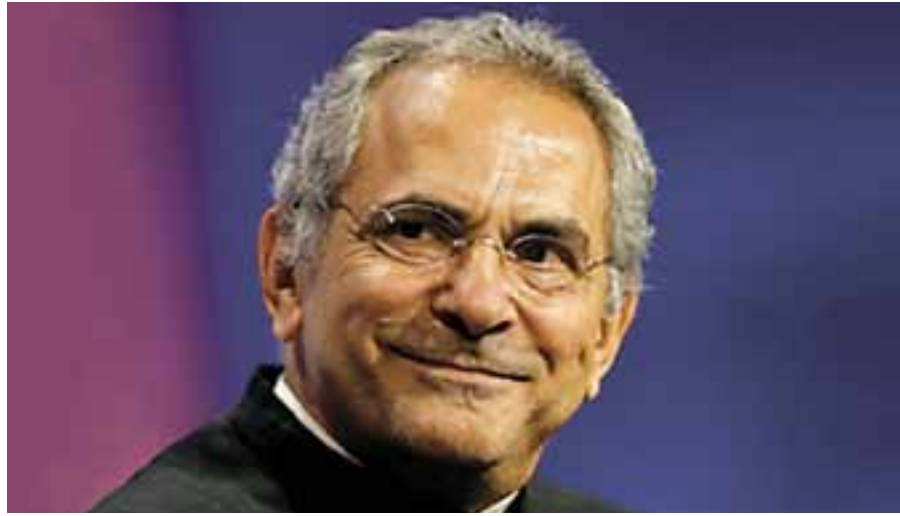
A “direcção política do país jamais conseguiu ter boas relações com os militares e vice-versa. E pode-se dizer que hoje a Guiné-Bissau está perigosamente próxima de se converter num Estado fracassado”, disse o ex-presidente, ex-primeiro-ministro e ex-ministro dos Negócios Estrangeiros de Timor Leste em entrevista à IPS durante a sua passagem por Lisboa.

O secretário-geral da Organização das Nações Unidas (ONU), Ban Ki-moon, nomeou Ramos-Horta seu representante para negociar a democratização da Guiné-Bissau, que viveu o seu último golpe de Estado em Abril de 2012, tendo em conta as suas credenciais pessoais e políticas na Comunidade de Países de Língua Portuguesa (CPLP).

Mas o cronograma inicial para que esse país retome o caminho democrático, que previa eleições em 24 de Novembro, não poderá ser cumprido por problemas políticos e de organização, reconheceram em Setembro os ministros dos Negócios Estrangeiros de sete dos oito países da CPLP (Angola, Brasil, Cabo Verde, Moçambique, Portugal, São Tomé e Príncipe e Timor Leste), que não dialoga com o regime da Guiné-Bissau.

IPS: Existe uma possibilidade real de paz nesse país?
José Manuel Ramos-Horta (JMRH): Sou realista e optimista. Ao contrário do ocorrido noutras partes do mundo, incluindo a Europa, na Guiné-Bissau nunca existiu violência étnica ou religiosa. Jamais foram incendiadas ou destruídas igrejas e mesquitas ou cemitérios foram profanados, como acontece até na União Europeia (UE). Para garantir a paz e assentar a democracia, o que se necessita urgentemente é que os políticos e os militares não pressionem demasiadamente o povo.

IPS: Parece que o último golpe foi a gota que fez transbordar a paciência da comunidade internacional.
JMRH: É verdade. Esse último golpe não tinha a menor ex-



plicação, excepto esta responsabilidade das duas elites, política e político-militar, nesta sequência de violência iniciada por João Bernardo “Niño” Vieira em 1980, quando derubou o Presidente Luís Cabral, anulando seis anos de sucesso na Guiné-Bissau após a independência de Portugal. Há 20 ou 30 anos, os golpes em África eram quotidianos. Hoje, a União Africana (UA) tem posturas até mais radicais do que a UE sobre a defesa da democracia. Entretanto, é preciso dialogar com quem tem as armas, pragmaticamente. Se não há diálogo, para que serve a democracia? Foi justamente para contar com canais de entendimento que o secretário-geral das Nações Unidas me nomeou seu representante e já foram registados resultados.

IPS: Pouco depois do golpe, a UA, a CPLP, a UE, os Estados Unidos e a ONU consideraram que a Comunidade Económica de Estados da África Ocidental (CEDEAO) teve uma atitude vacilante diante da acção militar. Após nove meses de missão, como vê isso?

JMRH: As posturas dessas instituições e desses países eram totalmente correctas, mas também é necessário destacar que a CEDEAO interveio com pragmatismo para evitar que a situação se agravasse mais e impediu a dissolução do parlamento e a eliminação da Constituição. Eles investiram muito dinheiro, mas esta situação é insustentável. O importante nesta etapa é realizar eleições o mais rápido possível, espero que no prazo de cinco a seis meses, para restabelecer a ordem democrática e uma estratégia de recuperação do país.

IPS: Quem dialoga hoje com o regime guineense?

JMRH: Não houve reconhecimento por parte de governos ou organizações importantes, mas existe uma relação do dia a dia com os Estados Unidos e a Grã-Bretanha, que dialogam com o regime. A Espanha manteve o seu embaixador e a França está sempre activa através de um encarregado de negócios. A UE impôs algumas sanções, mas manteve todos os programas sociais e humanitários. Portugal realiza uma cooperação por meio de organizações não governamentais e igrejas. Esta postura portuguesa deve-se a algo muito simples: a relação secular com o povo guineense, que está ali e continuará a estar, independente do regime.

IPS: Além da grande fragilidade do Estado, quais são os principais problemas da Guiné-Bissau?

JMRH: A pobreza extrema, com baixíssimos indicadores sociais, a instabilidade política persistente, as debilidades e fissuras do exército, a intervenção frequente dos militares na política, e, nos últimos anos, a penetração dos cartéis latino-americanos da droga, tanto na Guiné-Bissau como em muitos outros Estados da região, o que exacerba as dificuldades desses países com o surgimento de novas áreas de delinquência, tensões e perigos.

IPS: Sobre este último problema, diz-se que a Guiné-Bissau está a converter-se num “narco-Estado”.

JMRH: Isso é um disparate de alguns académicos que escrevem estudos pouco assentes na realidade, repetidos por meios de comunicação sem o menor rigor. Um académico faz uma análise, uma agência de notícias de um grande país do Norte divulga-a e depois todos os jornais vão à mesma fonte, que pode ou não ser objectiva e imparcial, já que ninguém fez uma investigação exaustiva. A Guiné-Bissau é apenas um pequeno país vítima dos cartéis da droga da América Latina e das máfias da UE e da Rússia. Esses são os verdadeiros responsáveis. Como representante do secretário-geral da ONU, não posso mencionar cidades que são verdadeiros centros de lavagem de dinheiro da droga, onde é evidente uma grande opulência, com mansões, prédios e automóveis de luxo, enquanto em Bissau (capital) o que se vê nas ruas são ruas com cabras e vacas.

IPS: Outro problema mencionado com frequência são as “cotas étnicas” dentro das forças armadas, com clara predominância dos balantas nas cúpulas.

JMRH: Quando se levanta falsos problemas criam-se grandes dificuldades. A Guiné-Bissau é multi-étnica, multicultural e com várias religiões. Esta é uma riqueza, e não uma desvantagem. Os balantas historicamente dedicaram-se à agricultura e à criação de gado. Mas também são um povo de grande tradição guerreira, que se afirma como combatente, o que faz parte da sua própria história. Há outros grupos que não gostam das armas, mas do comércio, e outros que preferem ser funcionários do Estado. Porém, muitas vezes especialistas ocidentais, sem conhecerem a realidade, afirmam que é preciso ter equilíbrio étnico nas forças armadas. Isto não é nada realista, porque não se pode exigir de um comerciante que seja militar.

Turquia realiza sonho de sultão otomano com túnel entre Europa e Ásia

A Turquia inaugurou, na passada terça-feira (29), a primeira ligação ferroviária subterrânea entre dois continentes, conectando a Ásia à Europa e permitindo ao Primeiro-Ministro Tayyip Erdogan realizar um sonho projectado pelos sultões otomanos há mais de um século.

Texto: Redacção /Agências

A façanha da engenharia estende-se por 13 quilómetros ligando a Europa à Ásia, a 60 metros abaixo do Estreito de Bósforo. Designado Marmaray, o túnel vai permitir o transporte de passageiros de metropolitano de Istambul, a maior cidade da Europa, e eventualmente servirá também para comboios de alta velocidade e composições de carga.

“O projecto Marmaray une... os continentes da histórica Rota da

Seda”, disse o ministro dos Transportes, Binali Yildirim, antes da inauguração, que coincidiu com o 90º aniversário da fundação da moderna República Turca.

O túnel, no valor de 5,5 biliões de liras (2,8 biliões de dólares) faz parte dos “megaprojectos” de Erdogan, como são chamadas as obras do Chefe do Governo destinadas a mudar a cara da Turquia.

A lista inclui um canal de 50 quilómetros que visa rivalizar com o Canal de Suez, que transformará metade de Istambul numa ilha, um aeroporto que será o mais movimentado do mundo e uma mesquita gigante no topo de uma montanha de Istambul.

Centrais de energia atómica também estão nos planos. Uma terceira ponte sobre o Bósforo, cuja construção já levou ao corte de 1 milhão de árvores, está em andamento.

Os projectos inflamaram os opositores de Erdogan, que os apelidaram de “faraónicos”, sintoma de um estilo de governo cada vez mais autoritário, e alertaram para a catástrofe ambiental numa

das nações do mundo mais propensas a terremotos.

Eles acusam Erdogan, ainda amplamente popular depois de dez anos no poder, de ignorar os urbanistas da cidade e passar por cima da história para abrir caminho a projectos da sua preferência numa cidade antiga que foi a capital do Império Bizantino e, depois da conquista muçulmana, em 1453, se tornou o centro do poder otomano.

Um pequeno esforço ambientalista para salvar um parque de Istambul, no final de Maio, acabou por se tornar o maior protesto antigovernamental em décadas. Além de projectos de obras de engenharia, Erdogan tem imposto uma mudança social radical, rompendo o tradicional poder do Exército secularista e atraindo acusações de alguns de que tem em meta uma agenda islamizadora, algo que ele nega.

Erdogan argumenta afirmando que as suas políticas atendem à necessidade de uma população em rápida expansão e com crescente poder aquisitivo.

“Estradas são civilização”, disse ele na semana passada. “Os nossos valores não vêm obstáculos para estradas. Se uma mesquita estiver num lugar por onde deve passar uma estrada, nós vamos derrubar essa mesquita e erguê-la noutro lugar.”

Erdogan definiu Marmaray como o projecto do século e disse que a obra cumpre um velho “sonho dos nossos ancestrais”.

Planos para um túnel ferroviários sob o Bósforo datam de pelo menos 1891, quando o sultão otomano Abdulhamid, um patrocinador de obras públicas que Erdogan evoca com frequência, contratou engenheiros franceses para desenharem o projecto de um túnel submerso sobre colunas, que nunca foi construído.

Hoje, o chamativo Marmaray é um tubo imerso colocado no fundo do mar, construído pela Japan's Taisei Corp, do Japão, com os parceiros turcos Nurol e Gama. A maior parte do financiamento veio do Banco do Japão para a Cooperação Internacional.

Oposição avança na Argentina e sela início do fim da era Kirchner

A oposição foi a grande vencedora das eleições legislativas do passado domingo (27/10) na Argentina. O principal candidato opositorista, Sergio Massa, da coligação peronista-conservadora Frente Renovadora, venceu com ampla vantagem na província de Buenos Aires, a mais populosa do país.

Texto: Deutsche Welle • Foto: Picture-alliance/dpa

O também conservador Proposta Republicana (PRO), partido do prefeito da capital, Maurício Macri, saiu vitorioso na cidade de Buenos Aires e elegeu senadores pela primeira vez. Logo após a divulgação dos primeiros resultados, na noite de domingo, Macri anunciou que é candidato à presidência em 2015. Massa não foi tão longe, mas o seu discurso após a convincente vitória da sua coligação estava permeado de alusões que levam a crer que ele também concorrerá ao cargo mais alto do país.

No total, o kirchnerismo perdeu em 15 dos 24 distritos (incluindo os cinco mais importantes), mas conseguiu manter-se como principal força no Congresso. As eleições renovaram metade da Câmara dos Deputados (127 assentos) e um terço do Senado (24 cadeiras).

Governo vê vitória

Kirchner filia-se à tradição de Juan Domingo Perón, um dos políticos mais importantes da história do país. Nos anos 1940, ele colocou-se à frente de um movimento de forte apelo popular, criando um estilo político desde então conhecido como peronismo. Este caracteriza-se por ter um líder – ou uma líder – populista, de amplo apoio popular, e que actua a favor das “pessoas simples”.



Mauricio Macri, prefeito de Buenos Aires, já se tornou candidato à presidência

As eleições primárias em Agosto já haviam resultado numa amarga derrota para a coligação do governo. No domingo, a tendência confirmou-se, e o “peronismo de esquerda” da Frente para la Victoria (FPV) sofreu outro duro golpe. Ainda assim, a coligação governamental mantém uma frágil maioria nas duas casas do Parlamento, o suficiente para o governo interpretar o resultado das eleições como uma vitória.

O vice-Presidente Amado Boudou fez questão de expressar euforia ao falar no comité central de campanha da FPV. “É com alegria que constatamos ser a principal força política do país, antes e depois destas eleições”, afirmou. Ele admitiu derrotas significativas em algumas províncias, mas disse que a FPV vai recuperá-las.

Trata-se de uma visão muito optimista, já que os kirchneristas foram derrotados nas cinco principais províncias do país: a capital, a província de Buenos Aires e as províncias nortistas de Córdoba, Mendoza e Santa Fé.

O fim da era Kirchner

Com o resultado das eleições, uma coisa é certa: Kirchner não terá um terceiro mandato. A FPV já não possui a maioria necessária para propor uma emenda constitucional que permitiria uma segunda reeleição.

O principal candidato governamental, Martín Insaurralde, fracassou nas eleições. Ele concorria como principal deputado na província de Buenos Aires. A Presidente não pôde tomar parte na campanha, pois submeteu-se a uma cirurgia de emergência e teve de ficar em repouso absoluto. Kirchner não pôde mesmo viajar até o seu domicílio eleitoral em Rio Gallegos, na Patagônia, para votar.

Cristina Kirchner esteve presente na campanha apenas em fotos e cartazes. A saúde debilitada da Chefe de Estado e o mau resultado nas urnas levaram alguns observadores a decretar o fim da era Kirchner. Ela e o seu falecido marido e antecessor, Néstor Kirchner, governaram o país durante dez anos. O “modelo” dos Kirchner, uma combinação de intervencionismo estatal e proteccionismo feroz, já não é atraente para muitos argentinos. Uma nova classe média, que não se sente ligada ao peronismo, procura alternativas. Massa e Macri, os vencedores do pleito do domingo, beneficiaram dessa tendência.

Próxima campanha já começou

Sergio Massa, de 41 anos, usou um discurso marcado por declarações típicas de um estadista. Ele enfatizou que “o futuro é mais importante do que o passado, por isso convoco todas as forças políticas a pensar numa política nacional. Deixemos para trás as discórdias e pensamentos mesquinhos e voltemo-nos para projectos concretos que estejam para além dos interesses partidários”.

No entanto, ainda é incerto até que ponto as duas forças estarão de facto dispostas a trabalhar juntas. Após as eleições, Macri não perdeu a oportunidade de provocar os seus potenciais adversários, e anunciou que nenhum político que já fez parte do governo concorrerá em 2015 pelo seu partido, o PRO. “Não iniciamos essa trajectória para manter os mesmos elementos que aí estão. Queremos uma mudança verdadeira”, afirmou, em alusão ao facto de Massa ser um antigo integrante do governo Kirchner.

Publicidade



formação no sector de recursos minerais para jovens licenciados

A **eni east africa** – filial de Moçambique, operadora da concessão de exploração de petróleo e gás – Área 4, jazida de Rovuma offshore, em colaboração com o Governo de Moçambique, dá continuidade este ano ao programa de formação de 200 Graduados em Economia, Ciências da Saúde, Ciências Biológicas, Engenharia, Química, Informática, Direito, para inserir num projecto de formação. Os programas de treinamento realizar-se-ão na Itália, com uma duração variável de 12 a 18 meses.

Os requisitos para se candidatar são os seguintes:

- Graduado e/ou finalista numa das áreas indicadas acima;
- Idade não superior a 32 anos;
- Nacionalidade moçambicana;
- Não ter participado nas selecções anteriores realizadas pela **eni east africa**.

Documentação necessária para a candidatura:

- Formulário do site **eni.com**, secção “Jobs&Careers”, devidamente preenchido com “enimoz3”, no campo da referência;
- Curriculum Vitae;
- Uma foto tipo passe;
- Documento de identificação.

Os candidatos deverão apresentar-se com os documentos indicados acima nas sessões de selecção que serão realizadas nas seguintes cidades:

- Pemba, no dia 4 de Novembro na Universidade Lúrio, Bairro Eduardo Mondlane – Campus de Pemba.
- Beira, no dia 8 de Novembro na Universidade Católica de Moçambique – Rua Marquês de Soveral, 960, Palmeiras II.
- Maputo, no dia 12 de Novembro (para as disciplinas de Química e Engenharia) e no dia 15 de Novembro (para as disciplinas de Economia, Ciências da Saúde, Informática, Direito, Ciências Biológicas) na Universidade Mondlane no Complexo Pedagógico – Av. Julius Nyerere – Campus Universitário Principal.

Só é permitida a participação dos candidatos, para efeitos de selecção, em uma única cidade.

A selecção será dividida em duas fases. Aos candidatos, pede-se que escolham o local onde pretendem submeter a sua candidatura, devendo apresentar-se no local escolhido, nas datas acima indicadas, às 8h30 e permanecerem à disposição até às 20h00, para efectuarem a primeira parte da selecção.

A segunda parte da selecção realizar-se-á nos dias imediatamente subsequentes, conforme um calendário que será comunicado oportunamente.



eni
eni.com

Tempestades atingem com violência norte da Europa

As primeiras grandes tempestades de Outono, que atingem a Europa desde o início da semana, já causaram pelo menos 16 mortos e deixaram várias cidades do continente em situação caótica. Os ventos e chuvas obrigaram a atrasos e cancelamentos no transporte aéreo e ferroviário e causaram acidentes rodoviários. Entre os principais países atingidos estão a Alemanha e o Reino Unido.

Texto: Deutsche Welle • Foto: Reuters

Na Alemanha, ventos de mais de 170 quilómetros por hora deixaram sete mortos numa série de acidentes. Caminhões tombaram devido ao vento, e voos tiveram de ser cancelados. No Reino Unido, três pessoas morreram. Na Dinamarca e na Holanda, foram duas vítimas, e na França, uma. No norte da Alemanha, na França e no Reino Unido, centenas de milhares de casas ficaram sem energia eléctrica.

A tempestade “Christian”, que chegou à categoria de furacão, começou a ser sentida no Reino Unido na noite de segunda-feira (28/10) e deslocou-se em direcção à Alemanha, atingindo com violência o norte do país. Outro fenómeno, o ciclone “Burkhard”, também causou instabilidade na região. O Serviço Alemão de Meteorologia (DWD, na sigla em alemão) afirma que em algumas regiões os ventos chegaram a 173 quilómetros por hora.

O Centro Meteorológico Internacional registou ventos de 191 quilómetros por hora no Mar do Norte, o que seria um recorde para a região.

Uma tempestade atinge o litoral da França, onde muitas casas ficaram sem electricidade.

Sete mortes na Alemanha

As tempestades atingiram a Alemanha com violência. Em Gelsenkirchen duas pessoas morreram quando uma árvore caiu sobre o automóvel em que estavam. O mesmo ocorreu com outro motorista, morto numa rodovia na região da Baixa Saxónia, e com um homem na cidade de Flensburg, no Estado de Schleswig-Holstein. Na mesma região, uma mulher morreu no seu jardim



depois de ser atingida pela queda de um muro.

No domingo, num lago na região de Colónia, um velejador morreu após o seu barco virar. Em Sundern, na região da Renânia do Norte-Vestfália, um pescador perdeu a vida, suspeitando-se que pelo mesmo motivo.

O norte do país sofreu severas complicações no tráfego ferroviário. No início da noite de segunda-feira, a linha Dortmund-Hanover-Berlim ficou praticamente interrompida. A região mais afectada foi a de Schleswig-Holstein, onde uma série de árvores caiu, bloqueando o tráfego regional por um longo período. Algumas rotas ainda permaneciam fechadas nesta terça-feira.

O aeroporto de Düsseldorf teve diversos voos cancelados na segunda-feira, enquanto em Hamburgo, 15 aeronaves com cerca de 1.500 passageiros não puderam aterrar. Muitos voos para a cidade foram cancelados.

De acordo como o DWD, a tempestade move-se para o leste, aliviando as condições do tempo na Alemanha. No decorrer da semana os ventos deverão amainar. As tempestades são aguardadas apenas no litoral, no norte do país.

Caos no Reino Unido

Na região sul do Reino Unido, as tempestades deixaram pelo menos quatro

vítimas e dois desaparecidos. Duas pessoas morreram em consequência da queda de árvores, além de duas outras atingidas por uma explosão de gás em sua residência em Londres. No aeroporto de Heathrow, 130 voos foram cancelados – em torno de 10% da capacidade dos terminais.

Árvore caída interrompe o trânsito em Londres, e quedas de árvores deixaram dois mortos na Inglaterra e três na Alemanha

O transporte ferroviário chegou a ser paralisado no sul do país. O serviço de transporte marítimo entre França e Reino Unido teve de ser temporariamente interrompido.

Mais de 450 pessoas ficaram presas em balsas do lado de fora do porto de Dover, que permaneceu fechado por mais de duas horas. Na segunda-feira, 580 mil residências ficaram temporariamente sem energia eléctrica.

Em Amesterdão as autoridades holandesas pediram aos cidadãos que ficassem nas suas casas. Diversas linhas de comboio ficaram avariadas devido a quedas de árvores, e cabos eléctricos foram rompidos. Cerca de 50 voos foram cancelados no aeroporto internacional de Schiphol.

Na Ilha de Belle-Ile, na costa oeste da França, uma mulher morreu por ter sido arrastada ao mar por uma rajada de vento. No oeste do país, 75 mil casas ficaram sem electricidade na manhã de segunda-feira.

Na Dinamarca um homem morreu ao ser atingido por um tijolo na queda de um muro. Cerca de 50 de passageiros ficaram presos dentro de aviões no principal aeroporto de Copenhaga, porque os fortes ventos não permitiam conectar as escadas às aeronaves para o desembarque. A Polícia dinamarquesa pediu aos moradores de Copenhaga que não deixassem as suas casas, já que eram esperadas tempestades em países banhados pelo Báltico.

Dez imigrantes morrem e 50 estão desaparecidos em travessia no Saara

Cerca de 10 imigrantes do Níger morreram de sede e 50 estão desaparecidos depois de um dos veículos em que viajavam se ter avariado no deserto do Saara, afirmou o governador da região de Agadez, no norte do país, nesta terça-feira.

Texto: Redacção/ Agências

Embora o número de africanos ocidentais que procuram chegar à Europa tenha caído nos últimos anos, a rota que cruza o Saara ainda é usada por alguns imigrantes da região e de áreas mais distantes. Centenas de pessoas que chegaram ao Mediterrâneo morreram afogadas ao tentarem atravessar o mar nos últimos meses.

“Dois veículos partiram para um país vizinho e, quando um deles avariou, dez pessoas infelizmente morreram”, disse o governador da região desértica de Agadez, Garba Maikido, na televisão estatal.

“Cerca de 50 pessoas ainda estão desaparecidas e apenas cerca de 15 foram salvas”, acrescentou Maikido. “Este problema da imigração é um grande desafio para a região.”

No começo do dia, o prefeito de Arlit, Maouli Abdouramane, ao norte da capital de Agadez, disse que os sobreviventes que conseguiram voltar para a cidade haviam alertado as autoridades.

Os imigrantes começaram a travessia do Saara em meados de Outubro em direcção à Argélia, mas dispersaram-se à procura de água, e depois o veículo avariou, disse Abdouramane.

Mais de 32 mil imigrantes africanos chegaram ao sul da Europa até agora neste ano. Refugiados da guerra civil na Síria têm aumentado o fluxo de imigrantes que procuram uma vida melhor na Europa.



Desporto

Neidy Ocuane: Um talento que (já) conquistou África

A capitã da selecção nacional de sub-16, Neidy Ocuane, foi eleita Jogadora Mais Valiosa (MVP) da última edição do Campeonato Africano de Basquetebol juvenil feminino, prova que decorreu em Maputo de 07 a 12 de Outubro último. A nova promessa da "bola ao cesto" do país é a nossa entrevistada nesta semana.

Texto: Duarte Siteo • Foto: Miguel Mangueze

Neidy nasceu na cidade de Maputo a 22 de Junho de 1997. É residente no bairro do Jardim local onde, por influência de amigos, começou a jogar basquetebol. Gosta de assistir a jogos desta modalidade e sente-se mal quando não pode, por algum motivo, estar na quadra. É base da selecção nacional de sub-16 e a sua fonte de inspiração é a sénior Deolinda Ngulela, jogadora com quem sonha em jogar na mesma equipa. Cursa a 11ª classe numa escola privada situada no bairro da Machava, município da cidade da Matola.

@V – Como é que despertou a sua paixão pelo basquetebol?

Neidy Ocuane – Como todas as crianças, eu tive uma infância muito alegre. Sempre gostei de praticar exercícios físicos duas vezes por dia, ou seja, ao raiar e ao pôr-do-sol. Assistia a jogos de basquetebol até certo dia em que, por influência de amigos e colegas de escola, decidi tocar na bola e gostei.

A minha porta de entrada foram os Jogos Desportivos Escolares da cidade de Maputo, a convite do mister Dezasseis, o meu actual treinador adjunto na selecção nacional de sub-16. Lembro-me de que ele veio chamar-me para formar uma equipa da Escola Primária que na altura iniciou com um total de 100 alunos. Muitos desistiram ao longo do caminho e, por incrível que pareça, desse número, apenas quatro é que continuam a jogar basquetebol.

@V – Fale-nos um pouco mais do seu trajecto como jogadora de basquetebol.

NO – Depois dos Jogos Escolares da cidade fui convidada a participar num projecto denominado "mini-basket". Foi neste torneio que o meu amor pelo basquetebol se revelou. Fui solicitada, no mesmo ano, 2011, a fazer parte da equipa dos iniciados de basquetebol do Clube dos Desportos da Costa do Sol onde senti, pela primeira vez, o valor de ser federada.

Na mesma época em que entrei no clube canarinho representei a cidade de Maputo no décimo Festival Nacional dos Jogos Desportivos Escolares que teve lugar na cidade da Matola, em que ganhei a minha primeira medalha de ouro.

Em 2012 passei para os juvenis, sem abandonar os iniciados do Costa do Sol, sendo que no sábado jogava por uma equipa e no domingo por outra.



@V – E como é que foi essa experiência?

NO – Nos primeiros dias sentia-me castigada, confesso. Mas ao longo dos tempos fui notando que jogar num escalão diferente do meu contribuía para o melhoramento da minha performance como atleta.

@V – E estando hoje no escalão de juvenis, como se sente?

NO – Muito bem. Não posso correr contra o tempo. Ainda tenho muito a aprender e a fazer. Mas sonho ascender ao escalão júnior.

Queria ter ganho o "Afrobasket"

@V – Qual é a avaliação que faz da participação de Moçambique no "Afrobasket"

NO – O meu sentimento é ambíguo. Diria que foi boa por ter conquistado a medalha de bronze e o prémio de MVP da competição. Mas triste por não ter corrido conforme queria.

Como disse a seleccionadora nacional, semana passada no vosso jornal, o nosso objectivo era o pódio. Mas quando estivemos perto sentimos que podíamos ir mais longe e, quem sabe, levantar o troféu. Mas, infelizmente, as coisas não correram bem.

@V – Qual foi o melhor momento da participação de Moçambique neste "Afrobasket" de sub-16?

NO – Para mim, o momento mais alto da prova foi do jogo para a atribuição do terceiro e do quarto lugares. No último período, o nosso adversário estava a sufocar-nos. Mas, graças ao apoio do público que esteve presente, embora tardiamente, conseguimos assentar o nosso basquetebol. Sentimo-nos realmente em casa e as coisas foram fáceis no fim. Conquistámos a terceira posição e eu fui eleita a MVP da competição.

@V – E qual foi o pior momento?

NO – O jogo dos quartos-de-final contra o Mali, sem dúvidas. Jogávamos, primeiro, com a melhor selecção de África neste escalão. Segundo, porque não estive bem e não consegui ajudar as minhas companheiras a darem também o seu melhor.

No decurso da partida cheguei a chorar, inconsolavelmente, porque até pareceu que estivemos a jogar de mãos atadas. Precisávamos de nos libertar de uma força que nos impedia de marcar pontos. De resto é um confronto que jamais gostaria de disputar na minha carreira.

"Trocara o galardão por uma medalha de ouro"

@V – Foi eleita a MVP do "Afrobasket" de sub-16. Qual foi o sentimento que se apossou de si quando ouviu, no pavilhão do Maxaquene, ser anunciado o seu nome?

NO – Confesso que fiquei surpresa, mas ao mesmo tempo satisfeita porque vi que estava a ser reconhecida a luta travada pelo grupo durante a prova. Se não ganhámos a medalha de ouro, tinha de haver outra forma de se gratificar a nossa selecção, penso eu.

Tenho que agradecer às minhas companheiras porque, sem elas, este galardão não estaria nas minhas mãos. Ninguém é jogador, ou seja, ninguém se torna melhor se não estiver inserido num grupo de trabalho. Fui eleita a MVP graças às minhas companheiras.

@V – O representa este prémio de MVP?

NO – Um incentivo para que eu possa continuar a trabalhar para alcançar os meus

objectivos como jogadora de basquetebol. Mas eu trocava este prémio se fosse por uma medalha de ouro que seria recebida por todas as minhas colegas de trabalho.

@V – Quais são os anseios de Neidy no mundo do basquetebol?

NO – Como toda a atleta, eu quero jogar na maior liga de basquetebol do mundo, a WNBA dos Estados Unidos de América. Quero, portanto, seguir os passos de Clarisse Machanguana, uma pessoa que admiro muito. Mas estou ciente de que terei de trabalhar muito e manter os pés bem assentes no chão como tem ensinado a "mamusca" Lucília Caetano.

@V – Depois do "Afrobasket" houve uma indicação, quase certa, de que ia para o estrangeiro. Teve conhecimento disso?

NO – Houve rumores, como era de se esperar. Não recebi nenhum convite, até porque seria benéfico para mim ir para um país onde o basquetebol é mais desenvolvido. Penso que estaria em melhores condições técnicas de ajudar Moçambique a triunfar nas próximas competições.

Infelizmente, os sussurros não passaram disso. E isso não me vai desvirtuar. Vou continuar a trabalhar para que um dia seja realmente convidada para o estrangeiro.

"Gostaria de jogar na mesma equipa que a Deolinda Ngulela"

@V – Qual é a sua fonte de inspiração?

NO – Adoro a Deolinda Ngulela. Ela é espectacular e exuberante. Gosto muito de vê-la a jogar. Ela é, sem dúvidas, a minha fonte de inspiração. A forma como ela conduz uma equipa, como é capaz de tornar um jogo veloz ou lento quando necessário, como constrói as jogadas e como comanda a equipa faz-me confiar a mim mesma que quero ser como ela.

@V – Muitos afirmam que Neidy é a nova Deolinda Ngulela. Concorda?

NO – Se as pessoas dizem isso é muito bom para mim. Sinto-me lisonjeada. É o meu ídolo e é muito bom quando as pessoas começam a fazer este tipo de comparações. Inspira-me ainda mais.

Mas tenho muito que trabalhar para chegar até onde ela chegou. É certo que jogamos na mesma posição, base, mas o talento dela é notável e agrada a qualquer um que percebe de basquetebol. Gostaria de um dia jogar na mesma equipa que ela.

@V – Quais são os outros títulos que ganhou?

NO – Como afirmei anteriormente, o meu primeiro troféu foi uma medalha de ouro em 2011 nos Jogos Desportivos Escolares que tiveram lugar na cidade de Maputo. Com o Costa do Sol fui campeã da cidade por duas vezes, em juvenis e uma em iniciados.

Desporto

BONS MOMENTOS DE FUTEBOL COM A 2M

SEJA RESPONSÁVEL, BEBA COM MODERAÇÃO.

Moçambola 2013: Liga Muçulmana vence mas ainda não é campeã

A Liga Desportiva Muçulmana de Maputo derrotou, na tarde de último domingo (27), o Desportivo de Nacala por 1 a 0 em partida da 23ª jornada do Moçambola, edição 2013. A festa da conquista do título dos muçulmanos foi adiada por mais uma semana em virtude da vitória do HCB sobre o Vilankulo FC.

Texto & Foto: Francisco Júnior/ Virgílio Dêngua

No Estádio 25 de Junho da cidade de Nampula, casa emprestada ao Desportivo de Nacala, os dois conjuntos protagonizaram uma partida bastante equilibrada em termos de oportunidades de golo, sobretudo nos minutos iniciais, em que a Liga Muçulmana não fugiu ao seu futebol eloquente assente na circulação de bola em toda a largura do campo e na construção de jogadas de ataque a partir de centro. Os canarinhos limitaram-se, simplesmente, a jogar no contra-ataque.

Reginaldo Faite, extremo-esquerdo dos muçulmanos, não deu tréguas ao sistema defensivo montado por Nacir Armando, sobretudo quando Josimar e Sonito se aproximavam para lhe fazer a “sombra”, completando um triângulo ofensivo perfeito. Do lado do Desportivo de Nacala, Daúdo, Coutinho e Gito não paravam de dar dores de cabeça aos defesas contrários a cada investida ofensiva.

A primeira oportunidade de golo surgiu aos 22 minutos da primeira parte e pertenceu à turma da casa. Depois de um cruzamento de Coutinho do lado esquerdo, o guarda-redes Milagre abandonou os postes para salvar a sua equipa do pior. Aos 24, a vez foi de os muçulmanos atacarem a baliza contrária mas Reginaldo, isolado por um passe de calcanhar de Sonito, perdeu tempo e permitiu um corte de Mahumane para a linha final.

O Desportivo não cruzou os braços e respondeu. Pouco tempo depois da primeira hora, após percorrer largos metros encostado na linha lateral esquerda, Daúdo passou por todos os adversários que teve na frente e, na tentativa de cruzamento para o seu colega de equipa, Gito, o central Chico antecipou-se para desviar a bola.

Nesta etapa, o público contestou a actuação do quarteto de arbitragem liderado por Arlindo Silvano por ter cometido tremendos erros de ajuizamento nalguns lances, em benefício e em prejuízo de ambas as equipas. Porém, foram os desacertos contra os anfitriões que levantaram uma série de protestos que, do minuto 42 ao 45, interromperam a partida. O público arremessou objectos sobre a relva.

Quando a situação foi regularizada, a partida retomou sem lances dignos de realce. Com o nulo a prevalecer no marcador foi-se ao intervalo. Ainda assim, durante o quarto de hora que dura o interregno, os adeptos exigiram a cabeça dos árbitros, fazendo com que a Polícia redobrasse as condições de segurança dos homens do apito.

Uma segunda parte que só “deu” Liga Muçulmana

No reatamento, os muçulmanos entraram a todo o gás e sufocaram



por completo a turma adversária. Foram atrás do golo e, decorridos treze minutos da segunda parte, Josimar Machaisse por pouco violou as redes de Victor.

A bola foi endossada no interior da grande área por Eusébio e o extremo não teve calma suficiente acabando rematar, de primeira, para fora. Estava lançado o primeiro aviso aos canarinhos do norte do país.

Não gostando da forma como os seus rapazes atacavam, ainda que sem dar tréguas aos rivais, Litos Carvalha, treinador da Liga Muçulmana, tirou Reginaldo e colocou Imo a jogar do lado esquerdo. Esta substituição deu outro ânimo ao jogo ofensivo da Liga e o Desportivo teve maiores dificuldades até no contra-golpe.

Nacir Armando respondeu ao introduzir dois médios, nomeadamente Helfidio e Lamã, a quem atribuiu a responsabilidade de fazerem a ponte para o meio-campo contrário.

O minuto 76 foi decisivo para a história do jogo. À entrada da grande área, Josimar sofreu uma falta quando só tinha um central pela frente. O mesmo jogador foi chamado a cobrar e, como mandam as regras naquela posição, desferiu um remate colocado em que a bola foi parar no fundo das malhas de Victor. O guarda-redes não passou de um mero espectador para o silêncio total do Estádio 25 de Junho.

E como é normal no futebol moçambicano, depois do golo, a Liga Muçulmana baixou bruscamente de rendimento e limitou-se a gerir a vantagem de 1 a 0. O Desportivo de Nacala, que não queria perder os três pontos, passou a comandar a partida e encurralou o oponente no seu próprio campo.

Aliás, as mexidas de Litos, chamando ao jogo Muandro e Zé Luís para ocuparem os lugares de Cantonã e Josimar, foram a prova cabal de que os muçulmanos queriam que o minuto 90 chegasse logo.

Ainda assim, no minuto 84, num lance de contra-ataque rápido, algo característico da Liga Muçulmana, Liberty teve na perna a oportunidade de dilatar o marcador. Mas o seu portentoso remate foi defendido e desviado para fora pelo guarda-redes Victor. Na sequência do pontapé de canto, Zé Luís cabeceou por cima da baliza.

Com o resultado de 1 a 0, o juiz da partida, Arlindo Silvano, deu por encerrado o jogo que não testemunhou mais casos de violência

porque, diga-se, em abono da verdade, o quarteto de arbitragem esteve melhor nos últimos 45 minutos.

HCB de Songo estraga a festa dos muçulmanos

Apesar da vitória por 1 a 0 diante do Desportivo de Nacala, não foi desta que a Liga Muçulmana pôde festejar a conquista do campeonato nacional, a três jornadas do seu término. É que na mesma tarde, o HCB de Songo, segundo classificado, derrotou o Vilankulo FC pelo mesmo resultado, com golo apontado por Fabrice ao minuto 36 da primeira parte.

A equipa da Hidroeléctrica de Cahora Bassa manteve os setes pontos de diferença em relação ao líder, que agora só depende de si para confirmar o seu terceiro título nacional. A Liga Muçulmana defronta no próximo o domingo (03) o Matchedje de Maputo.

Quadro de resultados

Têxtil de Púnguè	1	x	1	Maxaquene
HCB de Songo	1	x	0	Vilankulo FC
Matchedje	1	x	0	Estrela Vermelha
Desp. de Nacala	0	x	1	Liga Muçulmana
Costa do Sol		adiado		Fer. de Nampula
Fer. da Beira		adiado		Fer. de Maputo
Clube de Chibuto		adiado		Chingale de Tete

Próxima Jornada

Fer. de Maputo		x		Fer. de Nampula
Maxaquene		x		Fer. da Beira
Chingale de Tete		x		Têxtil de Púnguè
Vilankulo FC		x		Clube de Chibuto
Estrela Vermelha		x		HCB de Songo
Matchedje		x		Liga Muçulmana
Desp. de Nacala		x		Costa do Sol

L	Clubes	J	V	E	D	GM	GS	DG	P
1º	Liga Muculmana	22	14	5	3	40	13	27	47
2º	HCB de Songo	23	11	7	5	29	15	14	40
3º	Fer. da Beira	23	11	5	7	28	24	4	38
4º	Maxaquene	23	11	5	7	27	22	5	38
5º	Costa do Sol	23	9	8	6	27	20	7	35
6º	Clube de Chibuto	23	10	5	8	24	25	-1	35
7º	Fer. de Maputo	23	9	6	8	23	20	3	33
8º	Desp. de Nacala	23	8	9	6	18	15	3	33
9º	Fer. de Nampula	23	8	6	9	20	24	-4	30
10º	Estrela Vermelha	23	6	8	9	17	24	-7	26
11º	Chingale de Tete	23	6	6	11	11	17	-6	24
12º	Têxtil de Púnguè	23	5	8	10	15	29	-14	23
13º	Vilankulo FC	23	6	4	13	15	25	-10	22
14º	Matchedje	23	3	4	16	13	35	-22	13

Moçambola: Victor Pontes regressa ao Clube de Chibuto

Uma semana depois do seu demissão, o treinador português Victor Pontes está de volta ao comando técnico do Clube de Chibuto. Esta decisão foi tomada no último domingo (28) pela direcção daquela colectividade.

Texto & Foto: Redacção

Segundo contou Junaid Lalgy, vice-presidente para a Administração e Finanças daquela colectividade de Gaza, tudo ficou decidido na reunião extraordinária da direcção que teve lugar na manhã daquele dia. O “peso de consciência” é apontado como a principal razão da readmissão do técnico português.

“Tivemos uma semana bastante complicada depois de termos despedido o mister em função dos resultados não satisfatórios da equipa nos últimos dias. Porém, como somos humanos, percebemos que havíamos cometido um grande erro” revelou ao @Verdade aquele dirigente, acrescentando que no referido encontro se avaliou, também, o percurso do clube chegando-se à conclusão de que Victor Pontes deu outra dinâmica ao mesmo.

Segundo a garantia de Lalgy, Mussá Osman irá manter o posto de treinador adjunto do Clube de Chibuto depois de assumir o cargo que foi deixado por Victor Pontes há mais de uma semana.



Desporto

Poule: O lugar do Desportivo de Maputo é no Moçambola!

Depois de confirmada a presença do Ferroviário de Pemba no Moçambola, edição 2014, o Ferroviário de Quelimane lidera, isolado, a Poule Centro de apuramento. Na Zona Sul, o Desportivo de Maputo humilhou a Associação Desportiva da Maxixe, por 7 a 0, e está a uma vitória de confirmar o seu regresso.

Texto: David Nhassengo • Foto: Miguel Mangueze

No campo do Maxaquene, na baixa da cidade, a partida iniciou com um susto em virtude de a Associação Desportiva (AD) da Maxixe ter chegado tardiamente ao local, a cerca de 10 minutos do fim do período regulamentar, o que iria dar azo a que se averbasse uma falta de comparecência à equipa de Inhambane.

Assim, o jogo iniciou trinta minutos depois da hora prevista, ou seja, às 15h30, o que não impediu o Desportivo de Maputo de revelar a sua maturidade, depois de ser eliminado da Taça de Moçambique no último sábado (26).

Bastaram apenas quatro minutos para Joca, da turma alvinegra, abrir os caminhos da goleada ao apontar um golo magistral. Aos seis, a vez foi de Siyabonga ampliar a vantagem.

A AD da Maxixe, visivelmente cansada, se calhar porque viajou de Inhambane até a cidade de Maputo naquela quarta-feira (30) para defrontar o Desportivo, não soube responder e no primeiro quarto de hora “ofereceu” uma grande penalidade aos donos da casa. Anibal, chamado a cobrar, fez o 3 a 0 para a festa do público que, apesar de ser um dia de trabalho, não quis ficar em casa ou nos postos de trabalho.

Ainda na sequência do golo, Tchitcholas, da Maxixe, agrediu Anibal simplesmente por ter festejado com euforia a conversão do castigo máximo. Por isso foi expulso pelo árbitro da partida.

Com uma unidade a mais em campo, o Desportivo de Maputo chegou com toda a naturalidade ao 4 a 0, com um golo de calcanhar de Jojó, transcorridos 34 minutos, resultado que durou até ao intervalo.

No reatamento, o ídolo do Desportivo de Maputo, Lanito, que não esteve bem na primeira parte, precisou apenas de nove minutos para apontar o seu nome na lista dos goleadores da tarde. A equipa da Maxixe, praticamente inexis-



tente, não foi capaz de rematar com perigo, uma vez só, contra a baliza do adversário.

A turma alvinegra não desistiu e nos últimos cinco minutos do encontro ampliou a “humilhação” ao apontar mais dois golos, ambos da autoria de Calton. O público que testemunhou a goleada gritou, dançou e festejou por um Desportivo de Maputo que o fez recuar muito no tempo para encontrar um desfecho do género, ou seja, que foi à moda antiga.

Para Artur Semedo, treinador principal daquela colectividade, este resultado desnivelado é o espelho da diferença abismal entre os dois conjuntos, chegando a afirmar, mais uma vez, que o lugar do Desportivo de Maputo é no Moçambola. Contudo, os alvinegros precisam de vencer na próxima jornada o segundo classificado, o Estrela Vermelha de Maputo. Sete pontos separam os dois emblemas.

Ferroviário de Quelimane firme na luta pela ascensão ao Moçambola

A locomotiva do chamado “pequeno Brasil” conquistou mais três pontos na recepção ao FC da Beira, ao vencer por 2 a 0. Com este resultado importantíssimo, o Ferroviário de Quelimane conservou a liderança da fase Centro de apuramento ao Moçambola com um total de 22 pontos, a dois do FC de Chimoio, equipa que no último fim-de-semana derrotou o Textáfrica, por 2 a 1, no derby da província de Manica.

O técnico António Sábado foi despedido do comando técnico da turma fabril de Chimoio e para o seu lugar foi contratado Miguel Júnior, antigo jogador daquela colectividade. O Textáfrica de Chimoio ocupa a terceira posição, com 18 pontos.

Sem nada a ganhar, o Ferroviário de Pemba empata sem golos

Com o seu regresso ao Moçambola confirmado, o Ferroviário de Pemba empatou, sem abertura de contagem, diante do Benfica de Monapo na sua deslocação à província de Nampula para o embate da décima e última jornada da prova. A Universidade Pedagógica e a Associação Desportiva de Cuamba não foram para além de um empate a um golo, enquanto o Desportivo de Mueda pautou pela falta de comparência ao jogo que iria opô-lo à locomotiva de Nacala.

ZONA SUL

Desp. de Maputo	7	X	0	AD da Maxixe
MG da Matola	2	X	0	S. Machel de Chókwè
Incomati de Xinavane	0	X	1	E. Vermelha de Maputo
Fer. de Inhambane	0	X	1	Fer. de Gaza

Próxima Jornada

E. Vermelha de Maputo	X	Desp. de Maputo
AD da Maxixe	X	MG da Matola
Fer. de Gaza	X	S. Machel de Chókwè
Fer. de Inhambane	X	Fer. de Inhambane

ZONA CENTRO

Chimoio FC	2	X	1	Textáfrica de Chimoio
Águias de Angónia	2	X	1	Pal. de Quelimane
Sporting da Beira	5	X	0	FC de Angónia
Fer. de Quelimane	2	X	0	FC da Beira

Próxima Jornada

Textáfrica de Chimoio	X	Águias de Angónia
Pal. de Quelimane	X	Fer. de Quelimane
FC de Angónia	X	FC da Beira
Sporting da Beira	X	Chimoio FC

ZONA NORTE

Benfica	X	Ferroviário de Pemba
UP de Lichinga	X	AD de Cuamba
Ferroviário de Nacala	X	Desp. de Mueda (F. comparência)

Taça de Moçambique: Ferroviário da Beira e Clube de Chibuto numa final inédita

O Clube Ferroviário da Beira e o Clube de Chibuto vão defrontar-se, a 24 de Novembro próximo, na final da edição 2013 da Taça de Moçambique, a segunda maior prova futebolística do país. O jogo terá lugar no Estádio Nacional do Zimpeto.

Texto: David Nhassengo

A equipa da província de Gaza foi a primeira a garantir a presença na final desta competição depois de empatar, sem abertura de contagem, diante do Desportivo de Maputo. A partida teve lugar no campo 1º de Maio, na cidade de Maputo.

Neste jogo, os alvinegros quiseram, a todo o custo, fazer história depois da humilhação sofrida na primeira volta em que perderam por 4 a 0 no campo Municipal de Chibuto. Por isso entraram a jogar deliberadamente ao ataque, procurando exercer o domínio do jogo, diante de um Clube de Chibuto que lutava para manter invioláveis as suas balizas e segurar a vantagem folgada conquistada na primeira “mão”.

Apesar da excessiva pressão ofensiva exercida sobre o adversário, a equipa de Artur Semedo não foi capaz de fazer melhor no ataque, à semelhança do que acontecia na defensiva em que soube “trancar” as incursões da tripla Johane, Stanley e Nhabanga.

O nulo prevaleceu até ao minuto 90, um resultado que coloca o Clube de Chibuto pela primeira vez na final da Taça de Moçam-

bique, mercê do agregado de 4 a 0.

No domingo (27), o Ferroviário da Beira recebeu o seu homónimo de Nampula, desfazendo o nulo verificado na primeira “mão”, que teve lugar no Estádio 25 de Junho.

Neste confronto, a equipa da casa entrou disposta a carimbar a presença na final e logo no primeiro minuto colocou-se no ataque, contra um Ferroviário de Nampula manso e que se limitou apenas a reagir às investidas ofensivas do adversário.

Transcorrido o primeiro quarto de hora, na sequência de um livre directo do lado esquerdo da grande área, Timbe marcou o primeiro golo. Neste lance, o guarda-redes Simplex tentou esticar-se para defender, mas o certo é que não viu o esférico a partir em direcção à sua baliza, tendo saído mal na “fotografia”.

Num “papel químico” daquilo que aconteceu na primeira parte, ou seja, com o Ferroviário da Beira a dominar o seu homónimo de Nampula que se limitou a jogar somente no contra-ataque, Mário fechou as contas da eliminatória, ao apontar o segundo tento da sua equipa, no minuto 65. Numa jogada de insistência, depois de dois remates que não surtiram o efeito desejado, o número 10 da turma do Chiveve fintou um central contrário e rematou para o fundo das malhas de Simplex.

Com este resultado, a equipa do Chiveve apura-se para a final “milionária” em que irá defrontar o Clube de Chibuto, no desa-

fio que irá indicar, também, a equipa representante de Moçambique na edição 2013 da Taça CAF.

MEIAS-FINAIS

Desp. de Maputo	0	X	0	Clube de Chibuto (Agreg. 0 – 4)
Fer.da Beira	2		0	Ferroviário de Nampula (Agreg. 2 – 0)

FINAL

Clube de Chibuto	0	X	0	Fer. de Nampula
------------------	---	---	---	-----------------



Desporto

Vettel triunfa na Índia e faz história como mais jovem tetra da Fórmula 1

No dia 26 de Setembro de 1993, Alain Prost terminava o GP de Portugal em segundo e, aos 38 anos, conquistava o seu quarto título mundial, algo raro na Fórmula 1. Vinte anos depois, no domingo, 27 de Outubro, um “miúdo” chamado Sebastian Vettel re-escreve a história da categoria e iguala o renomado “Professor” em número de títulos. E tudo isso com apenas 26 anos. O alemão da RBR agora é o tetracampeão mais jovem da história, superando o seu compatriota, o hepta Michael Schumacher, que levantou a sua quarta taça aos 32, em 2001.

Texto: Redacção/Agências • Foto: LUSA

A conquista veio com três etapas de antecedência, no GP da Índia do passado domingo, válido pela 16ª fase da temporada. E com mais uma vitória, a terceira em três corridas no Circuito Internacional de Buddh, a décima no ano e a sexta de forma consecutiva. Mas diferentemente das corridas anteriores na pista indiana, quando venceu de ponta a ponta e liderou todas as voltas, o triunfo desta vez foi de outra forma: na estratégia.

A Red Bull Racing (RBR) apostou em chamar o alemão para os boxes logo na segunda volta, para se livrar logo dos pneus macios, já que pelo regulamento é obrigatório usar os dois tipos de compostos na corrida. Com pneus médios pelo restante da prova, Vettel protagonizou uma meteórica escalada e rapidamente voltou para as primeiras posições. E na metade da corrida, o alemão voltou à liderança, onde ficou até cruzar a bandeira xadrez. Nico Rosberg (Mercedes) chegou em segundo e Romain Grosjean (Lotus), que largara em 17º, terminou em terceiro. O francês precisou de segurar a pressão de um inspirado Felipe Massa, que foi um dos destaques da prova, quase beliscando um pódio.



E mesmo com a quebra de Mark Webber a poucas voltas do fim, quando era segundo classificado, a RBR também assegurou o tetra do “Mundial” de Construtores. Dia de festa nas boxes da equipa austríaca.

Depois de tanta concentração e de tensão com a iminência do título, era a hora de Vettel respirar aliviado e comemorar. Faltaram palavras para o novo tetracampeão após cruzar a meta. Mas ele compensou com um espectáculo. Primeiro, “zerinhos” na pista. Em seguida, ajoelhou-se em frente do carro, reverenciando a máquina que o complementa com tanta perfeição. Depois, subiu à rede de protecção para sentir o calor dos adeptos que acolheu com tanto carinho um piloto que reinou absolutamente nas três vezes que a categoria passou pelo país.

“Fiquei sem palavras. Cruzei a linha e estava ‘vazio’. Levei anos a pensar em algo para dizer, e é um daqueles momentos que se deseja dizer tanta coisa, mas não se consegue. Rocky, meu engenheiro, chamou-me para os procedimentos usuais e eu pensei: ‘Dessa vez não’. Havia muita gente nas arquibancadas, tive que fazer aquilo. Eu não tinha programado nada. Simplesmente aconteceu”, disse o tetracampeão.

Red Bull conquista quarto título consecutivo de construtores

A juntar ao “Mundial” de pilotos a marca austríaca Red Bull Racing conquistou o seu quarto

título consecutivo de Construtores, a equipa chegou aos 470 pontos, mais 161 que a italiana Ferrari. Faltando três corridas para o campeonato terminar, estão em jogo apenas 129 pontos.

Os campeões do mundo de Construtores desde a criação desta categoria, em 1958, oito anos após a criação do “Mundial” de Pilotos, foram os seguintes até hoje:

Ferrari:	1961, 1964, 1975, 1976, 1977, 1979, 1982, 1983, 1999, 2000, 2001, 2002, 2003, 2004, 2007 e 2008.
Williams:	1980, 1981, 1986, 1987, 1992, 1993, 1994, 1996 e 1997.
McLaren:	1974, 1984, 1985, 1988, 1989, 1990, 1991 e 1998.
Lotus:	1963, 1965, 1968, 1970, 1972, 1973 e 1978.
Red Bull:	2010, 2011, 2012 e 2013.
	Cooper: 1959 e 1960.
Brabham:	1966 e 1967.
Renault:	2005 e 2006.
Vanwall:	1958.
BRM:	1962.
Matra:	1969.
Tyrrell:	1971.
Benetton:	1995.
Brawn GP:	2009.

Pol Espargaró: Campeão do Mundo de Moto2

O sucesso de Pol Espargaró em 2013 representa o primeiro título de Campeão do Mundo do piloto. Aos 22 anos o espanhol torna-se no quarto Campeão da Moto2™ e o 107º piloto diferente a conquistar um ceptro na história do Campeonato do Mundo.

Texto: Redacção/ Agências • Foto: Reuters

De 27º da grelha, Pol acabou por terminar a corrida de 125cc em 13º tornando-se o mais jovem de sempre a somar pontos no Campeonato do Mundo, praticamente uma semana depois de ter feito 15 anos. A rodar no lugar do lesionado Andrea Iannone nas últimas seis corridas, Espargaró impressionou com o sexto posto no final da época em Valência. A sua primeira temporada completa teve lugar em 2007, trocando da Derbi para a Aprilia e conquistando o primeiro pódio no Estoril ao terminar a dois décimos do vencedor Héctor Faubel, em segundo.

Espargaró regressou à Derbi para a última das suas três temporadas nas 125cc. Em 2008 somou mais três pódios e garantiu a primeira pole em Barcelona. Ele acabou a época em quarto em 2009, melhorando depois com o terceiro posto final ao falhar o pódio apenas por cinco vezes em 2010. Marc Márquez acabou por vencer o título antes de ele e Espargaró saltarem para a Moto2™ em 2011. A primeira campanha de Espargaró na categoria intermédia foi feita com maquinaria FTR e revelou-se difícil, sem somar um pódio até Indianápolis, seguindo-se outro na Malásia. Ele terminou o ano de forma modesta com o 13º lugar no campeonato e mudou para a Kalex em 2012.

Recordado pela batalha entre Pol Espargaró e Marc Márquez, o Campeonato do Mundo de Moto2 de 2012 não foi livre de controvérsia. Espargaró somou oito poles e quatro vitórias, incluindo na segunda ronda do ano em Jerez, que foi interrompida com bandeira vermelha. Os outros três triunfos surgiram em Silverstone, MotorLand Aragón e Phillip Island, com o sucesso na Austrália a ser dominador graças a uma margem de quase 17 segundos no final. Contudo, houve um incidente algo problemático em Barcelona quando Espargaró caiu após ser tocado por Márquez, que estava a recuperar de um incidente. Ele acabou por terminar o ano em segundo, a 56 pontos de Márquez.



Favorito ao ceptro em 2013, Espargaró deixou claro ao que vinha ao vencer a ronda de abertura sob as luzes artificiais do Qatar, mas só depois de animada batalha com Scott Redding. Ele não manteve a liderança por muito tempo, caindo no primeiro Grande Prémio das Américas duas semanas mais tarde. Seguiu-se um terceiro lugar em Jerez e depois nova queda em Le Mans e o quarto lugar em Mugello; só então surgiram as duas vitórias consecutivas de Barcelona e Assen. O ponto mais baixo

foi o oitavo lugar em Silverstone, com o rival ao ceptro Redding a disparar para uma popular vitória em casa, mas os triunfos de Misano e Phillip Island foram mais que bem-vindos. O ponto de viragem foi a qualificação na Austrália, quando Redding caiu e fracturou o pulso esquerdo, o que o deixou de fora por uma corrida.

Espargaró conquistou o título em Motegi, a 27 de Outubro, ao vencer o Grande Prémio do Japão depois dos rivais mais próximos, Redding e Titio Rabat, se terem envolvido numa colisão múltipla na primeira volta. Em 2014 vai passar para o MotoGP™ com a Monster Yamaha Tech3 e espera-se que lute por posições no pódio enquanto faz dupla com Bradley Smith.

Alguns factos

Pol Espargaró tornou-se o sexto espanhol a conquistar o título mundial da categoria intermédia, juntando-se a: Sito Pons (1988 e 1989), Dani Pedrosa (2004 e 2005), Jorge Lorenzo (2006 e 2007), Toni Elias (2010) e Marc Márquez (2012)

Espargaró venceu o título ao recuperar de um défice de 38 pontos em relação a Scott Redding, depois da 11ª corrida do ano, em Silverstone

Das 16 corridas de Moto2™ já disputadas em 2013, Espargaró foi quem mais pole positions conquistou (cinco), mais pódios (dez) e mais vitórias (seis).

A CONTECEU

A verdade em cada palavra.

Seja um Cidadão e Reporte a Verdade

SMS: 90440 WhatsApp: 84 399 8634

@Verdade

O Jornal mais lido em Moçambique.

Um artista mole que cria assombrações

“Lá na morgue” há (sons de) assombrações que apavoram quem – não trabalhando no necrotério – por lá passa. São sonoridades típicas de cenários fúnebres e macabros que, por essa razão, são incomuns em espaços diferentes do cemitério e dos já mencionados. Quanto à obra aludida, o desafio de Reinaldo Jaime Cardoso (Mole) foi produzi-los. Saiba como...

Texto: Inocêncio Albino • Foto: Jens Vilela

Há muito tempo que o teatro moçambicano começou a evoluir. Os actores e encenadores exibem muito mais do que uma simples dramaturgia. Preocupam-se com o cenário, a iluminação e a sonorização das suas criações. É que neste contexto artístico se implantaram novas necessidades que enriquecem a produção. Geram-se histórias na diegese-básica – aquela que se pretende destinar ao público.

Por essas razões, no teatro, a luz e a sonorização também narram alguma história. No âmbito das peças de teatro, geram-se factos relacionados com a sonoplastia e a iluminação que demandam e criam possibilidades de novas investigações. Trata-se de um desafio que não somente diz respeito aos artistas – como também aos jornalistas culturais. Como interpretar a informação contida na linguagem visual e sonora? Será que também nós, os jornalistas culturais, precisaremos de alguma capacitação nessas áreas?

“Lá na morgue” – a última obra de Dadivo José encenada por Maria Atália com a participação do referido dramaturgo, e de Milsa Ussene e Reinaldo Jaime Cardoso, como actores – o desafio do último artista, que foi director musical, tinha a ver com a necessidade de gerar sons acústicos que nos recordassem cenários de assombração como o cemitério, a morgue, bem como a selva e as florestas à noite.

Ousado no tema – as relações humanas entre mortos e vivos – “Lá na morgue” teve o mérito de ter sido a primeira produção teatral que nos fez ‘vasculhar’ as (possíveis) peripécias que decorrem no necrotério. Mas, aqui, o nosso assunto é outro – a música no teatro e a experiência de um artista cujo nome é Mole.

A arte encrusta-se no Homem

Reinaldo Jaime Cardoso tem 30 anos e, em 2010, ingressou na Escola de Comunicação e Arte da Universidade Eduardo Mondlane (ECA/UEM), onde cursa música e, recentemente, por mérito próprio, tornou-se membro da Moticoma – uma banda jovial que toca música tradicional moçambicana. No entanto, esclareça-se, a sua relação com a arte não começa na ECA. Ela é muito mais antiga.

“Logo que nascemos, a arte confronta-nos. E a minha relação com ela obedeceu a essas regras socioculturais e artísticas. Para mim, a arte é uma forma humana de ser e estar no espaço social”, começa por dizer Mole que – se não tivesse trocado o campo pelo palco – podia ter sido uma estrela no futebol moçambicano. Mas isso, também, é um assunto marginal.

O facto é que “o meu envolvimento – intenso e profissional – com a música, começa em 2002, quando me envolvi no Festival de Música Crossroads porque foi lá onde ganhei a visão do que pretendia fazer na vida”.

O Crossroads é um certame de descoberta de talentos na área da música. No entanto, “muito antes desse evento, durante o segundo quinquénio dos anos 90, eu já possuía algumas composições musicais. Ainda que sem nenhum acompanhamento, tinha a preocupação de compor músicas, tocar guitarra e cantar empiricamente”.



Se se tomar em consideração a quantidade de instrumentos com que Reinaldo Jaime Cardoso – que também é professor de Matemática, formado pela Universidade Pedagógica em Quelimane, a sua terra natal – se relaciona, não restam dúvidas de que se está diante de um instrumentista completo.

Mole toca guitarra, ximbvoco-mbvoco, xizambi, mutoriro – que é um aerofone – chocalhos, mbira, tambores, incluindo outros instrumentos que se enquadram nos de percussão. De uma ou de outra forma, a ferramenta musical que chamou a nossa atenção é outra.

O conduíte

Mole considera que no mundo das artes “o meu desafio tem sido descobrir novas ferramentas e, como instrumentista ou percussionista, apropriar-me delas”.

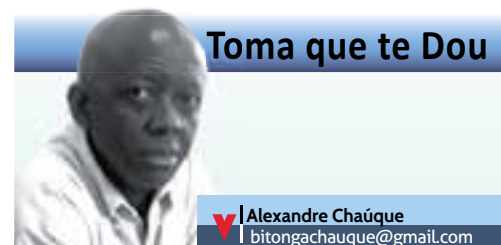
Nesse sentido, “interessei-me pelo conduíte – aquele tubo que transporta água e ar nos frigoríficos e nos ares-condicionados – porque podia utilizá-lo de formas distintas e obter resultados diferentes. Ele pode ser empregue como um reco-reco porque possui ondas que, uma vez friccionadas, produzem um som. Mas também quando se sopra gera outra sonoridade diferente. No entanto, girando-se cria uma outra e nova sonância”.

Mas qual era a preocupação básica, em relação às demandas da peça? A verdade é que “eu queria um instrumento a partir do qual pudesse gerar um assobio sem que o mesmo fosse produzido por mim. Além do mais era necessário gerar uma nuance do campo, recordando às pessoas o som produzido pelos pássaros e todo o cenário da floresta”.

Nesse sentido, “aquele instrumento que eu considero aerofone – porque a base da emissão do seu som é um tudo oco conhecido pelo nome conduíte – foi adequado”.

Integração nos Moticoma

Reinaldo Jaime Cardoso é o membro que integrou-se, muito recentemente na banda Moticoma, que, em 2013, celebra 12 anos desde que foi criada em 2001. Como é que essa relação sucede?



Toma que te Dou

Alexandre Chaúque
bitongachauque@gmail.com

Uma carta à Alice Mabota

Olá, Alice! Como vai a tua vida? Sonhei contigo ontem, e por isso decidi escrever-te esta carta desalinhada, sem nenhum assunto substancial. Na verdade vais perceber, ao longo das palavras, que no fundo não disse nada, ou no mínimo não disse nada que seja novo. Tudo o que vou dizer será por demais redundante, por demais óbvio que não valerá a pena estares a perder o teu tempo a ler os meus disparates.

Também não sei porque que te escrevo, talvez não o devesse fazer, ainda por cima para roubar o teu tempo tão precioso. Mas vou fazer o quê se sonhei contigo ontem? E há algo que me impele e enveredar por este gesto. Fazer o quê, Alice? Se o meu coração não aguenta estar calado perante tão forte emoção de sonhar contigo. Não a fazer amor, ou seja, a fazermos amor juntos como dois anjos do mesmo sexo que se amam, para depois contaminarem esse sentimento aos outros.

É isso, Alice, o sonho que tive nunca saberei explicar. Perturba-me, e ao mesmo atormenta-me porque enquanto reboávamos abraçados no espaço, sem colchão, nem almofadas, à nossa volta pairava um cheiro estranho que me parecia de morte. Senti que tremias de medo mesmo sentindo o meu sangue quente penetrando-te a alma inteira.

Também fiquei com medo quando te vi assim, frágil, agarrando-me com força desesperada, querendo que fosse eu a proteger-te. O teu olhar, que eu encarava com serenidade, perdia intensidade cada vez que subíamos e descíamos no espaço, fazendo daquela levitação um baloço divino.

Seguravas-me nas costas, deslizando as mãos pela cútis do meu corpo que também tremia. Mexias os lábios e dizias qualquer coisa que eu não percebia. Em princípio pensei que quisesses um beijo, mas depois entendi que a nossa missão naquela transformação não se compadecia com os sentimentos da carne. O amor que fazíamos não era daqui. Era uma parábola, porque tudo aquilo tinha em vista silenciar as armas, apagar o fogo que se está a alastrar devagar no nosso país, como a chuva de 2000 que caía lentamente até promover o dilúvio ainda latente dentro de nós.

Mexias os lábios e eu não percebia nada. Encostei mais o meu ouvido à tua boca, e... nada! Não ouvia nada. Mas como as parábolas não se ouvem, percebi depois que me dizias para intensificarmos o amor que fazíamos. Tu pedias-me que te apertasse mais ao meu peito, e que assim nos transformaríamos em isqueiro para acender as velas. Pedias que eu te afagasse o peito para libertar os pombos que trazés dentro de ti.

Afaguei-te o peito, Alice, com muita suavidade, e tu não te excitavas. Ficavas com mais medo porque os pombos que depois saíram dos teus seios foram mortos no primeiro voo. Saíram outros e também esses sucumbiram às balas.

Ó, Alice! Já não me lembro como esse sonho terminou. O que me ficou na memória foi o último bando dessas aves alvas saindo dos teus seios hirtos, depois varridos pela pólvora. Foi como se estivessem a balear o amor que fazíamos.

É isso, Alice. Um beijo!

continua Pag. 29 →

Uma dança desportiva que retrata a poligamia

Pela primeira vez no país, a Associação de Atletas de Dança Desportiva (AADD) exibiu um espectáculo inspirado no livro Niketche da escritora africana Paulina Chiziane. Nos próximos parágrafos, acompanhe a entrevista com o coreógrafo moçambicano Ademar Chaúque, que montou a peça, sobre a iniciativa e aspectos afins...

Texto: Inocêncio Albino • Foto: Miguel Manguze

@Verdade: Ademar, o que é a dança desportiva?

Ademar Chaúque: É uma modalidade constituída por dez ritmos de dança de salão que se dividem em duas categorias – as latinas e as clássicas. No primeiro grupo, temos a Valsa inglesa, o Tango, o Quickstep e o Foxtrot enquanto nas danças latinas se incluem o Chá-chá-chá, a Rumba, a Salsa, o Samba e o Jive. Trata-se de uma modalidade que existe há meio século no mundo. A dança desportiva é extremamente cara devido ao tipo de material que se usa – as roupas, os sapatos e o salão – embora não se trate de nada que não existe no nosso país.

Em Moçambique, esta modalidade existe há cinco anos. No princípio ela era praticada de uma forma autónoma, porque começámos como um conjunto de atletas que aprendeu a dança desportiva e, depois, os membros da colectividade – por razões várias – dispersaram-se. Em 2011, decidimos juntá-los a fim de criar a AADD. Chamamos o grupo de atletas por causa da componente desportiva, mas, na verdade, nós somos bailarinos.

@Verdade: Isso significa que a dança desportiva se enquadra mais no bailado?

Ademar Chaúque: Felizmente, nós temos a sorte de esta modalidade poder ser incluída em ambas as partes – o desporto e o bailado. Se nós estivermos num pavilhão desportivo a competir, estamos no desporto. Agora se a manifestação for realizada num salão, numa cerimónia essencialmente cultural, estamos a realizar uma coreografia que se enquadra em todas as leis das actividades artístico-culturais.

Já realizámos uma série de criações que exibimos ao longo do tempo que existimos. Por exemplo, neste ano participámos num festival de especialidade na Escócia, para onde levámos uma criação com o título Metamorfose. Nela fizemos uma simbiose entre alguns ritmos da dança desportiva e da tradicional moçambicana como, por exemplo, o Samba e a Marrabenta, respectivamente.

Esta pluralidade que a dança desportiva possui faz com que algumas pessoas a confundam, sob o ponto de vista de enquadramento. Se ela é dança ou desporto. No entanto, representa as duas dimensões. Por essa razão, dependendo do contexto em que é exposta, pode ser definida como desporto ou arte.

@Verdade: Talvez o vosso mérito está no facto de terem sido os primeiros a montar uma coreografia inspirada na obra Niketche no país. Como nasce essa ideia?

Ademar Chaúque: Tivemos um convite do Grupo de Elinga Teatro que produz o Festival de Teatro e Artes, em Luanda, para exhibir as nossas criações. Ora, tratando-se de um festival de teatro, nós não queríamos estar alheios a essa manifestação, levando apenas a dança. É verdade que, nessa modalidade artística, estamos se-



guros de que fazemos um bom trabalho. Entretanto, já não se pode dizer o mesmo em relação ao teatro.

A partir daí, pensámos em criar um musical que se baseasse na literatura moçambicana. Felizmente, o livro eleito foi o de Paulina Chiziane que já é conhecido por todos os bailarinos. De qualquer modo, novamente, estávamos diante do mesmo problema – nós não somos actores. Nesse sentido, convidámos o actor e encenador moçambicano, Elliot Alex, para trabalhar connosco no aspecto do teatro.

A produção foi exibida, em estreia, na cidade de Luanda, em Maio, onde fomos bem-sucedidos. A partir daí percebemos que, de facto, tínhamos um bom produto. Quando retornámos a Maputo, decidimos apresentar a criação ao público local até porque seria injusto que isso não acontecesse.

@Verdade: Terá havido um critério para a selecção do texto e do encenador?

Ademar Chaúque: Em relação à selecção do livro não houve critério específico. O facto é que quase todos nós já tínhamos lido a obra que – possuindo uma história peculiar sobre a poligamia – é muito conhecida. Por isso, para nós foi uma nova experiência retratá-la em forma de coreografia.

É interessante notar que quando decidimos criar o musical com base em Niketche, Elliot Alex estava a trabalhar sobre o mesmo livro com o Teatro Luarte. Penso que ele foi felizando na medida em que criou duas peças, a partir do mesmo texto, para áreas distintas.

@Verdade: Niketche é uma dança ritualística que se realiza no norte de Moçambique. Como é que se ponderou esse facto tendo em conta que a dança desportiva tem regras que – ao que tudo indica – não prevêm a introdução de outro tipo de bailado?

Ademar Chaúque: Excluímos a dança Niketche, mas retratámos o ritual que se faz no referido contexto, fazendo-o com base nas regras da dança desportiva. Para o efeito utilizámos o Samba. A nossa ideia não era levar, ao palco, o que está no livro, mas a partir disso inovar sem desrespeitar as nossas tradições.

@Verdade: Pode-se falar de dificuldades nesse processo criativo?

Ademar Chaúque: Nós dançamos todos os dias – por isso a única dificuldade enfrentada pelos bailarinos tem a ver com a parte teatral. Como dizer o tex-

to perfeitamente? Qual é a dicção adequada? Trabalhámos durante dois meses, primeiro quando fomos a Luanda e, recentemente, para expor a obra em Maputo.

@verdade: No final, a coreografia relança o debate que Paulina Chiziane iniciou há muito tempo – a poligamia – incluindo as relações humanas no campo da vida marital.

Ademar Chaúque: A peça tem no seu 'background' uma série de valores, mas nós não queríamos, necessariamente, criar nenhum debate em torno disso. Podemos ter suscitado alguma reflexão nas pessoas, mas a nossa ideia não era trazer ao de cima o debate sobre a poligamia.

Artistas de alto gabarito

@Verdade: Há projectos para a realização de uma temporada com esta coreografia?

Ademar Chaúque: O nosso maior sonho é realizar esta peça envolvendo todos os artistas moçambicanos cujas músicas são exploradas, a fim de fazer um musical propriamente dito. A maior parte das músicas utilizadas na peça – com a excepção de um tango – pertence a músicos moçambicanos. Gostaríamos de partilhar o palco com eles, possibilitando que Mingas cante a sua Rumba, Moreira Chonguiça toque a sua Valsa, incluindo o Foxtrot de Sérgio Muiambo.

Sucedem, porém, que para que isso aconteça, precisamos de ter melhores condições sob o ponto de vista de financiamento, porque eles são artistas de alto gabarito. E nós não temos condições para levá-los ao palco. De qualquer modo, eu tenho a certeza de que um dia concretizaremos este sonho.

@Verdade: Penso que, a avaliar pelos resultados obtidos, tiveram um bom financiamento.

Ademar Chaúque: Não tivemos apoios. Sabes o que são apoios? Já foste a um concerto de Lizha James? Se quiseres perceber o que são apoios à produção artístico-cultural, conta o número de empresas que são mencionadas no cartaz de publicitação de um 'show' dessa cantora. Perceberás que tens cerca de 20.

No nosso cartaz são mencionados os nomes Kukaracha – que é uma escola membro da nossa associação que funciona no Centro Cultural Brasil-Moçambique –, a gráfica Insaca, a fotógrafa Júlia Mena e o Teatro Avenida que nos cedeu a sala.

Na verdade, eu não sei como é que se fez o 'marketing' para a divulgação da nossa obra. O facto é fomos bem-sucedidos. Imprimimos cerca de 500 bilhetes que se esgotaram. Estamos diante de um bom sinal porque o 'feedback' das pessoas da arte – os bailarinos e os actores – foi muito favorável.

Há vândalos da paz em Nampula

A crise político-militar que se regista no país, com incidência na região de Muxúnguê, na província de Sofala, inspirou o Grupo Teatral Axinene, na cidade de Nampula, a criar a peça Vandalismo e os Vândalos da Paz.

Texto & Foto: Sebastião Paulino

A nova obra do Grupo Teatral Axinene, Vandalismo e os Vândalos da Paz, inspira-se no sofrimento enfrentando pelos moçambicanos que se encontram nas proximidades da região do Muxúnguê. Ela foi criada a fim de se mostrar até que ponto a situação que se vive na província de Sofala é uma ameaça generalizada para o povo.

A paz é um bem comum, por isso a sua preservação demanda a participação de todos os moçambicanos.

De acordo com os integrantes do Grupo de Teatro Axinene, “queremos a paz. Por isso, compreendemos que a música e as palestras não são as únicas formas de fazer esse apelo, o teatro também é uma das maneiras de não somente apelar ao Governo para a manutenção de um ambiente de paz, como também de mostrar os efeitos catastróficos da guerra. Só um ambiente sem conflito militar é que possibilita o desenvolvimento”.

Na obra em alusão, critica-se o Governo devido, supostamente, à forma arrogante com que trata o assunto. Diz-se que se está a fingir – perante os moçambicanos – que há uma preocupação em relação à preservação da concórdia com a Renamo.

Além do mais, os actores estão sensibilizados com as peripécias que decorrem no centro de Moçambique, muito em particular quando se toma em consideração que são pessoas inocentes que estão a perder a vida. Presentemente, receia-se uma possível eclosão de uma guerra que se pode generalizar em todo o país, se o Governo não tomar medidas enérgicas para abortar esta situação.

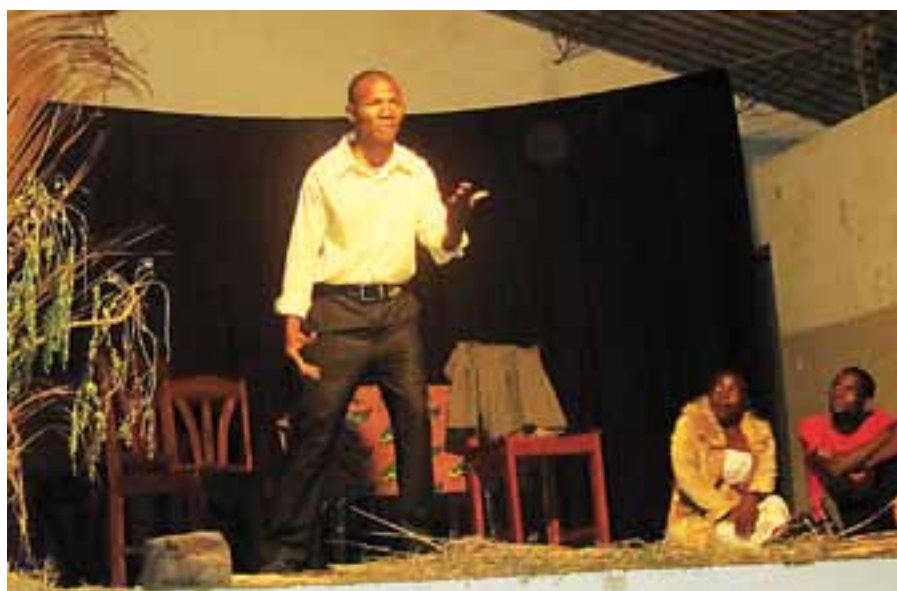
O outro objectivo associado à manutenção da paz é que o Grupo Teatral Axinene está preocupado em convencer os jovens que ignoram o teatro – muitos dos quais consideram os actores palhaços – a perceber que o mesmo é uma forma eficaz de transmitir mensagens de grande impacto social.

“Somos considerados palhaços porque as nossas peças refletem as preocupações das populações. Outro problema é que – sempre que exibimos as nossas obras – determinados membros do Governo criticam-nos, pura e simplesmente, porque abordamos temas que tornam as pessoas despertas em relação à forma como são governadas”.

É neste sentido que, através do teatro, os Axinene pretendem estimular a comunidade local a envolver-se, cada vez mais, nas actividades artístico-culturais, com enfoque para as artes cénicas, muito em particular porque se ignora aquela área. Assim, com a peça Vandalismo e os Vândalos da Paz, a colectividade quer potenciar uma forma de arte pouco desenvolvida em Nampula.

Dada a relevância temática que possui, esta peça será exibida nas cidades da Beira e Quelimane. Trata-se de um trabalho promovido à luz do intercâmbio cultural que existe entre os Axinene e as colectividades teatrais das referidas urbes. Na verdade, o plano do Grupo Teatral Axinene era exibir a sua obra em todas as capitais provinciais. O drama é que não se reúne o dinheiro para custear as viagens.

De acordo com o director da referida formação, Juvenal Pilica, “não temos dinheiro para circular em todo o país. Solicitámos o



apoio do governo provincial, a fim de materializar a ideia, no entanto, o nosso pedido não foi acolhido favoravelmente”.

Entretanto, além da obra Vandalismo e os Vândalos da Paz, o Grupo Teatral Axinene já apresentou aos nampulenses a peça O Que Pensam de Nós que retrata a desilusão dos funcionários públicos em relação às reformas salariais implementadas pelo Governo. O pretexto é o de que os mesmos são miseráveis.

O Grupo de Teatro Axinene produz obras revolucionárias de carácter reivindicativo em relação às políticas de governação vigentes. É por essa razão que as suas duas últimas peças têm os títulos O Que São Sete Porcento? e Comandante de 14 Anos. Presentemente, a colectividade está a produzir outras obras que serão exibidas em Dezembro. De qualquer modo, os artistas não ignoram o quotidiano dos moçambicanos – com enfoque para a comunidade local.

Génese dos Axinene

Em Nampula, o teatro não é uma expressão artística evoluída. Por isso, a criação do Grupo Teatral Axinene (cujo termo equivalente na língua portuguesa é Os Donos), em 2011, configura-se uma resposta à realidade. Pretende-se reactivar a visibilidade das artes cénicas na capital do norte de Moçambique.

A ideia surgiu no contexto de uma conversa entre estudantes universitários locais – com alguma sensibilidade para aquela forma de arte.

O Grupo de Teatro Axinene é composto por jovens oriundos das cidades de Quelimane, Chimoio e Beira. Inicialmente, houve uma preocupação, por parte dos referidos jovens, de se integrarem na Casa Velha. Por lá permaneceram por um período de seis meses, até que as incompatibilidades de horário os impeliram a abandonar a instituição.

Os actores estão resolvidos a desenvolver as artes cénicas. “Mesmo sem apoio, lutaremos para que o teatro seja uma realidade em Nampula, por isso estamos a pensar em realizar o Festival Nacional de Teatro em Dezembro”.

Há insatisfação

Uma das preocupações manifestadas pelos actores é a apatia do público local perante as exhibições teatrais. Para contrariar tal comportamento, a estratégia encontrada pelos Axinene é a exibição de peças teatrais gratuitamente.

“Quando organizamos programas vespertinos, em que exibimos as peças teatrais, o público tem sido pouco participativo. As pessoas já não gostam de ver as obras teatrais nas casas de pasto. No entanto, preferem comprar discos piratas a fim de verem as obras nas suas casas a partir da televisão”, afirma Juvenal Pileca que acrescenta que é normal que uma peça teatral seja vista por apenas dez pessoas.

O problema é que o Grupo de Teatro Axinene ainda não reúne condições para gravar as suas peças teatrais no formato de vídeo. O fraco consumo das peças e a inexistência de espaços adequados para a apresentação das mesmas são os factores apontados como os que não contribuem para o desenvolvimento daquela forma de arte em Nampula.

Falta de anfiteatros

Na cidade de Nampula, os preços para arrendar os salões para a exposição de actividades culturais são muito altos. Por essa razão, afugentam os grupos que querem exibir as suas obras.

Assim, a falta de anfiteatros é uma das questões que inquieta os artistas. O mais grave é que os principais centros de exposição das artes foram transformados em centros de culto religioso.

Por exemplo, presentemente, os Cinemas Moçambique e Almeida Garrett foram ocupados pela Igreja Universal do Reino de Deus. Por sua vez, o Cinema Militar e o Salão do Conselho Municipal de Nampula são arrendados por hora aplicando-se valores monetários muito altos. Trata-se de uma situação que desaponta os artistas locais.

“É inacreditável que numa cidade como esta, os espaços que foram concebidos para a exibição das artes sejam, actualmente, transformados em centros de culto religioso com a conivência do Governo”.

A verdade em cada palavra.

Seja um Cidadão e Reporte a Verdade

SMS: 90440

WhatsApp: 84 399 8634

O Jornal mais lido em Moçambique.

Alice Munro: Uma contista com o sentido de romancista

A contista canadiana, Alice Munro – a quem chamam o Tchekov dos nossos dias – venceu o Nobel da Literatura. Entretanto, o japonês Haruki Murakami e a bielorrussa Svetlana Alexievich terão de aguardar pela próxima oportunidade.

Texto & Foto: **Jornal Público de Portugal**



Nascida na província canadiana de Ontário, em 1931, a escritora Alice Munro venceu o Prémio Nobel da Literatura, atribuído pela Academia Sueca, que nela reconheceu uma “mestra do conto contemporâneo”. Ao longo da sua carreira, Munro já recebeu alguns dos mais importantes prémios literários, incluindo, em 2009, o prestigiado Man Booker International Prize, e era há muito tempo uma candidata recorrente ao Nobel da Literatura.

Entretanto, quando o secretário-permanente da Academia Sueca, Peter Englund, se dirigiu aos jornalistas para anunciar o Nobel da Literatura de 2013, o nome de que se falava era o da jornalista de investigação e prosadora bielorrussa Svetlana Alexievich, que tinha acabado de ultrapassar o japonês Haruki Murakami nas cotações das casas de apostas.

Quando recebeu o Man Booker International Prize, o júri justificou a escolha afirmando que a autora, “embora seja essencialmente conhecida como contista, Alice Munro mostra a profundidade, a sabedoria e a precisão que a maior parte dos ficcionistas só consegue alcançar numa vida inteira a escrever romances”. Foi Cynthia Ozick, uma talentosa contista, que, reconhecendo a consumada mestria de Munro na história breve, lhe chamou há alguns anos “o Tchekov do nosso tempo”, uma aproximação que, desde então, muitos críticos têm glosado.

Tal como nos contos do mestre russo, o enredo é relativamente secundário nas histórias desta canadiana, povoadas de personagens e assuntos triviais, e cuja força está muitas vezes no súbito impacto de um momento iluminante e revelador. Quase todos os seus contos têm como cenário a região sudoeste da província canadiana de Ontário, o que tem levado a que seja comparada com outros ficcionistas cujas obras se centram na vida de pequenas cidades, como Sherwood Anderson, Flannery O'Connor ou Carson McCullers.

A notícia do Nobel chegou ao Canadá à noite, quando Munro dormia. A autora contou à televisão canadiana CBC que foi acordada pela filha. “Sabia que era uma das candidatas, mas nunca pensei que fosse ganhar.”

Munro disse ainda que ganhar o prémio é “formidável” e mostrou-se feliz por o mundo descobrir a sua escrita.

Nascida numa família de criadores de raposas, Alice Munro começou a escrever na adolescência, tendo publicado o seu primeiro conto, *The Dimensions of a Shadow*, em 1950, quando frequentava a universidade. Ao mesmo tempo, ganhava dinheiro em empregos ocasionais, trabalhando em restaurantes, na apanha de tabaco, ou como bibliotecária.

A sua primeira colectânea de histórias, *Dance of the Happy Shades*, publicada em 1968, foi um sucesso imediato, tendo ganho o mais importante prémio literário canadiano e recebido o elogio unânime da crítica. O livro seguinte, *Lives of Girls and Women* (1971), é ainda hoje o seu único romance, e não falta quem ache que se trata, na verdade, de uma sucessão de contos articulados entre si.

Munro publicou mais de uma dúzia de colectâneas de histórias curtas, muitas delas editadas em Portugal pela editora Relógio d'Água, incluindo a mais recente, *Amada Vida* (*Dear Life*, 2012), traduzida pelo poeta José Miguel Silva.

Outros livros de Munro disponíveis em edição portuguesa são *O Progresso do Amor* (*The Progress of Love*, 1986), *O Amor de Uma Boa Mulher* (*The Love of a Good Woman*, 1998), *Fugas* (*Runaway*, 2004), *A Vista de Castle Rock* (*The View from Castle Rock*, 2006) e *Demasiada Felicidade* (*Too Much Happiness*, 2009).

continuação Pag. 26 → **Um artista mole que cria assombrações**

Ao longo deste ano, o Centro Cultural Franco-Moçambicano promoveu uma formação de instrumentistas moçambicanos, ministrada por um artista francês, que consistia na criação de música para cine-concertos. No evento, participaram vários instrumentistas dentre os quais os membros da referida banda e Mole. “A tarefa que nos incumbiram – num dos dias – foi olhar para um cenário mudo e imaginar que som se podia criar para o mesmo. Criávamos sonâncias para acompanhar as imagens que víamos. Havia todos os tipos de instrumentos ao nosso dispor”.

Ora, quando comecei a tocar um dos instrumentos, Zandy Mundolas – o vocalista e instrumentista da banda Moticoma – “ficou impressionado com o resultado do meu trabalho. A sua colectividade já havia trabalhado com outros instrumentistas, mas nenhum deles havia gerado resultados similares aos que eu estava a criar – tocar a guitarra para produzir um ritmo tipicamente africano. Isso significa que eu posso tocar Jazz e ter dificuldades de interpretar outro estilo de música tradicional”.

Em resultado disso, como a banda estava a ensaiar para o Festival Azgo 2013, solicitou-se que Mole fizesse parte do elenco. “A experiência tem sido muito boa”.

Constrangimentos e contra-sensos

Reinaldo Jaime Cardoso, que se afirma um eterno sonhador, acha que é um contra-senso afirmar que o mundo das artes é muito duro. “Penso que também é muito divertido”.

“Não vejo como a arena artística é complicada. A razão é simples: as artes são o que são. Existem para que sejam vividas. Por isso, as pessoas não devem relacionar-se com elas a pensar que vão enfrentar dificuldades. Todos os que têm a ambição de se tornar artistas não devem ver a arte como uma simples forma de diversão, mas como uma maneira de ser e estar na sociedade. E que ela precisa de ser vivida, devendo haver pessoas para praticá-la, independentemente de ser difícil ou não”.

De acordo com Mole, em Moçambique a produção artística enfrenta vários constrangimentos. “É que o artista não tem um grande espaço de expressão na sociedade, e é embaçado por uma série de obstáculos inerentes ao sistema. Sinto uma espécie de desunião da classe que se percebe a partir do momento em que a maior parte dos músicos não está associada à respectiva agremiação. Também temos falta de financiamento para o sector”.

De qualquer modo, “quando se vive em harmonia com a arte, essas dificuldades não se sentem”. Por essa razão, “a minha missão é fazer e relacionar-se com ela de modo saudável”.

Publicidade

KPMG
cutting through complexity™

Serviços de Auditoria Interna

KPMG é uma empresa com bastante know how em serviços de contratação e terciarização de contratos de auditoria interna, tanto a nível local como na arena internacional. O nosso objectivo é ser líder nos mercados que servimos e, especificamente, ser o número um em reputação no mercado moçambicano.

Os serviços de Auditoria Interna da KPMG Moçambique podem ser diferenciados pelos seguintes factores principais:

- Somos a líder no mercado moçambicano em auditoria interna;
- Usamos auditorias internas estrategicamente focadas na gestão de risco;
- Temos uma equipa qualificada e experiente em auditoria interna com experiência também em auditoria local e regional;
- Temos especialização na indústria e auditores treinados em diversos sectores que vão desde telecomunicações a ONG's;
- Acesso a competências especializadas para complementar o serviço de Auditoria Interna em áreas técnicas que exigem habilidades de especialistas, como a fiscal e legal.

A KPMG tem a capacidade, competência, profissionalismo, entusiasmo e motivação para parcerias no desenvolvimento de soluções de auditoria interna que agrega valor significativo para as organizações e contribui activamente para a consecução de seus objectivos estratégicos e do negócio.

Contacte-nos!

KPMG Auditores e Consultores

Rua 1.233, nº 72C, Edifício Hollard, Maputo
Tel.: +258 21 355 200 | Fax: +258 21 313 358E-
-mail: mz-fminformation@kpmg.com



Lazer

ENTRETENIMENTO

PARECE MENTIRA...

A lua vem retardando, de modo lento porém seguro, o movimento da rotação da Terra. Por esse motivo, aumenta a duração do dia na proporção de um milésimo de segundo por século. A duração do mês também se estende, embora com mais lentidão. Segundo cálculos feitos, quando a dia solar for 47 vezes maior do que é actualmente, o dia e o mês terão a mesma duração.

A cidade mais fria do mundo chama-se Yakuts, capital de Yakutia, situa-se num local remoto da Sibéria Oriental, e foi conquistada pelos russos na década de 1630. A título de exemplo, o simples acto de usar óculos é extremamente penoso pois, aos 45º negativos, as lentes estalam, o metal cola-se ao rosto e às orelhas e rasga pedaços da pele. Os operários trabalham a temperaturas que atingem os 50º centígrados abaixo do zero, não podendo ir alguém disso pois o metal, nessas condições, torna-se quebradiço. As aulas só são interrompidas quando os termómetros chegam aos 55º negativos.

PENSAMENTOS...

- Os dedos dos homens escondem muitas coisas.
- Os curandeiros não vendem remédios uns aos outros.
- Depressa e bem, há pouco quem.
- A vindimadores não se oferecem uvas.
- Não depenes uma ave estando de pé.
- Não acordes cão que dorme.
- Não te rias da cobra por andar de rastros.
- Não aguces os dentes antes de ver a carne.
- Não sujes a água que hás-de beber.
- Não abras a boca do boi que berra.

RIR É SAÚDE

- Eh pá, explica-me lá o que é isso de comunismo.
- O comunismo é... é sermos todos iguais, é termos todos o mesmo.
- Isso é bestial! Mas como é? Como é que pode ser isso?
- Olha, por exemplo: se eu tenho dois prédios e tu não tens, dou-te um. Ficamos iguais, não é? Eu tenho dois carros; tu não tens nenhum: dou-te um. É assim.
- É porreiro, pá. Mas é assim com tudo? Com coisas mais pequenas também? Por exemplo... com galinhas. Se tiveres duas dá-me uma?
- Bom, pá... isso agora com galinhas... é já outra coisa. Nem vale a pena. Além disso, pá, tu compreendes, não é? É que eu tenho mesmo duas galinhas...

O cirurgião - Se Eva foi extraída da costela de Adão, isso indica que Deus foi cirurgião.
O arquitecto - Pois sim. Mas antes da criação dos nossos primeiros pais, a ordem nasceu do caos. Isso prova que Deus é arquitecto.
O político - Ah sim?! E quem criou o caos, quem foi?

Um político é condenado à morte e dizem-lhe que será executado na guilhotina.
Diz ele:
- Que pena. E pensar que há oito dias fui operado às amígdalas!

Um famoso político da nossa praça diz numa roda de amigos, em parte certa:
- A minha primeira mulher morreu por ter comido cogumelos venenosos, coitada...
- Oh, que horror! E a segunda?
- A segunda morreu de uma pancada na cabeça.
- Como foi isso?
- Ela não queria comer os cogumelos...

Nos tempos em que os correios desempenhavam um papel muito importante nas comunicações, um membro subalterno dum partido, querendo ganhar as graças do chefe, apressa-se a despachar uma carta sem reparar que ainda não tinha endereço.
- Levaste a carta ao correio, seu pedaço de asno? Não viste que faltava escrever a direcção? - berra o secretário do partido.
- Desculpa, camarada chefe. Pensei que não quisesse que eu soubesse a quem se dirigia.

Numa loja:
- O senhor diz que este tecido é de seda, mas na peça está escrito que é de algodão.
- Nós trocamos os nomes para enganar as traças...

SOPA DE PALAVRAS

Na selva há um equilíbrio que não se verifica onde habita o ser racional. Naquela (selva), o ecossistema funciona na perfeição e os animais só se matam para o seu sustento e nunca por ódio.

Descubra nesta sopa de palavras os termos destacados na frase acima.

B	Z	C	B	E	F	H	A	R	M	I	O	C	J	K	L	B	S	E	L	V	A	I	P	D	M	G	A	D	N
F	L	E	Q	U	I	L	Í	B	R	I	O	S	P	T	A	B	P	F	Q	S	N	G	V	H	D	G	I	A	K
T	D	V	A	G	E	X	O	B	R	O	K	U	O	M	V	D	S	T	D	P	D	R	A	C	I	O	N	A	L
K	V	E	C	O	S	S	I	S	T	E	M	A	B	K	C	V	D	U	S	I	S	R	U	C	J	X	R	Ô	H
C	E	J	F	Q	A	Z	P	S	U	K	A	U	T	A	R	Q	U	I	A	S	M	A	T	A	M	W	J	D	E
W	E	F	S	Q	R	S	U	S	T	E	N	T	O	J	D	E	F	G	O	Q	A	R	U	F	S	V	B	I	M
S	E	N	P	D	U	I	W	S	E	A	R	E	C	M	E	N	T	O	R	U	C	J	D	E	K	W	S	O	K

HORÓSCOPO - Previsão de 01.11 a 07.11



carneiro

21 de Março a 20 de Abril

Finanças: As questões financeiras aconselham alguma prudência. Evite as despesas desnecessárias, tente ultrapassar este momento com espírito positivo esta, será a melhor forma de abrir novas e mais favoráveis perspectivas.

Sentimental: Os aspetos de ordem sentimental poderão ser um suporte para ultrapassar este período, menos bom. Para que tal suceda, aproxime-se do seu par, abra o seu coração e liberte as suas preocupações. Sentirá um apoio total e a aproximação física, libertará todos os fluidos, menos positivos.



touro

21 de Abril a 20 de Maio

Finanças: No referente ao aspeto financeiro, poderá considerar-se uma semana, francamente, animadora. Como resultado de trabalhos efetuados, anteriormente, começará a beneficiar de entradas de dinheiro que lhe permitirão resolver algumas situações e estabilizar a sua vida económica.

Sentimental: As relações sentimentais dos nativos do Touro serão caracterizadas por uma situação de impasse e indecisão. Liberte-se de algumas preocupações que só lhe dificultam a relação.



gêmeos

21 de Maio a 20 de Junho

Finanças: A alternarmos entre a estabilidade e a preocupação, com algumas despesas, inesperadas. Não faça investimentos, nem aplicações de capital, durante toda a semana. Mantenha um grande rigor nas suas despesas.

Sentimental: No aspeto amoroso, esta semana, apresentase um pouco turbulenta, tanto pela positiva, como pela negativa. Um bom relacionamento, com base na confiança e no diálogo, criará momentos muito agradáveis. O ciúme poderá causar alguns problemas difíceis de ultrapassar.



caranguejo

21 de Junho a 21 de Julho

Finanças: Questões de ordem financeira não deverão ser motivo para preocupação e poderão ser alvo de grande melhoria. Compromissos por regularizar encontrarão, neste período, o momento certo para serem resolvidos. Estarão favorecidos os investimentos de baixo risco.

Sentimental: O aspeto amoroso recomenda que seja carinhoso com o seu par. Estarão beneficiados os diálogos que tenham como objetivo um melhor entendimento. Esta será uma semana muito favorecida para os que não têm compromisso poderem iniciar uma relação.



leão

22 de Julho a 22 de Agosto

Finanças: As finanças estarão em alta e a oportunidade de crescimento será grande. Será um bom momento para investimentos e aplicações de capital. Poderá verificar-se uma, razoável, entrada de dinheiro, durante este período.

Sentimental: O aspeto sentimental apresenta um quadro muito positivo e o entendimento com o seu par deverá ser muito agradável; tudo dependendo da forma como se relacionar, em termos de comunicação. Seja tolerante e compreensivo com as possíveis limitações do seu par.



virgem

23 de Agosto a 22 de Setembro

Finanças: Nas finanças, tudo o que envolva transações, aplicações de capital, salários e solução de problemas anteriores, será beneficiado por um clima, extremamente, favorável. Aproveite este aspeto, durante toda a semana, para retirar dele o máximo rendimento.

Sentimental: A vida sentimental atravessa um bom momento e será evidente durante toda a semana. O entendimento com o seu par será bastante intenso. Aqueles que se encontram, ainda, numa fase inicial da relação, verão os seus sentimentos consolidar-se.



balança

23 de Setembro a 22 de Outubro

Finanças: As suas finanças deverão caracterizar-se pelo equilíbrio e, até um certo desafogo, que lhe irá permitir algumas despesas em objetos para decoração da sua casa; no entanto, será de salientar que os investimentos não serão aconselháveis.

Sentimental: Um relacionamento amoroso intenso, com provas dadas por ambas as partes do casal, de que amar não é difícil. Os que não estão comprometidos, durante este período, poderão iniciar uma relação que poderá ser marcante para as suas vidas.



escorpião

23 de Outubro a 21 de Novembro

Finanças: O dinheiro constituirá um problema que, por não ter uma solução imediata, aconselha a que se mantenha atento a tudo o que envolva finanças e os seus respectivos movimentos. Seja prudente e não gaste mais do que pode.

Sentimental: Os aspetos de ordem amorosa conhecerão um período de grande aproximação; no entanto, algumas dificuldades em matéria de entendimento poderão levar a situações que, caso não sejam bem esclarecidas, poderão ser causadoras de afastamentos e desencantos.



sagitário

22 de Novembro a 21 de Dezembro

Finanças: A semana deverá decorrer sem sobressaltos e poderá proceder a algumas aquisições, para decorar a sua casa; será muito salutar, sempre que se possa renovar o ambiente de forma a que nos sintamos mais confortáveis. Poderá proceder a alguns investimentos, desde que não sejam exagerados e o seu risco seja baixo.

Sentimental: Algumas questões deverão ser colocadas, de uma forma frontal, para evitar problemas originados por falta de diálogo. Caso esclareça este aspeto, a união poderá ser bastante agradável.



capricórnio

22 de Dezembro a 20 de Janeiro

Finanças: Não se poderá dizer que este aspeto o favoreça. Despesas necessárias irão alterar o seu orçamento, sendo aconselhável que proceda com a maior precaução.

Sentimental: No amor, a tendência será para manter um certo distanciamento do seu par, durante todo este período; esse afastamento, só a si lhe compete alterar, tendo presente que situações deste género, na maioria das vezes, acabam mal.



aquário

21 de Janeiro a 19 de Fevereiro

Finanças: Não deverão verificar-se grandes alterações; no entanto, poderão suceder algumas entradas de dinheiro. Mantenha-se atento a oportunidades que poderão ter contornos duvidosos.

Sentimental: No amor, tente não ser tão dominador e conheça também o prazer de se deixar conduzir. Analise, de uma forma lúcida, as suas reações e abra caminho a novos horizontes.



peixes

20 de Fevereiro a 20 de Março

Finanças: As questões que envolvam dinheiro não deverão ser motivo para grande preocupação; poderá, até, verificar-se uma melhoria, substancial, que permitirá a compra de equipamentos necessários para a sua casa.

Sentimental: No amor, será um período um pouco turbulento com dúvidas e desconfianças a poderem criar situações de algum melindre. Não se deixe influenciar por terceiros.

Cartoon



Selo d’@Verdade

Balanço de Governação do Presidente Armando Guebuza (2)

“Agora não é tempo de andar, mas sim de acelerar o passo”.
(Armando Guebuza, 02.02.2005)

Desenvolvimento económico e social

Não há dúvidas de que o país está a crescer a olhos vistos, com o PIB nominal quase a duplicar nos últimos dez anos. O Orçamento do Estado cresce a cada ano que passa e o défice orçamental vai diminuindo gradualmente, fruto de uma maior capacidade de colecta de receitas fiscais e não só. Essa capacidade é resultado do crescimento económico.

Muitos académicos, sendo Carlos Nuno Castelo Branco o expoente máximo, referem que o país poderia estar a ganhar muito mais em receitas fiscais caso o Estado tributasse na medida certa os megaprojectos. A ActionAid Moçambique juntou-se ao movimento, através de um estudo publicado que revela, de forma sucinta, as perdas do Estado devido às políticas de isenções fiscais aos megaprojectos.

O Presidente da República tem-se desdobrado em sossegar os moçambicanos que só em 2018 é que o país vai começar a usufruir dos resultados de exploração das suas riquezas, mas a ansiedade é tanta que ninguém quer esperar. O Instituto Nacional de Estatística publicou os resultados do IOF (Inquérito aos Orçamentos Familiares) que foram bastante incómodos para o próprio Executivo, ao revelar que a pobreza havia aumentado nos últimos anos.

Várias são as razões de tal facto, sendo a (má) distribuição da riqueza uma delas. Mas existem outros factores não menos importantes: os níveis de desemprego ainda são muito altos; os salários pagos aos moçambicanos assalariados são baixos e ainda não garantem boa qualidade de vida; Moçambique tem uma das mais altas taxas de natalidade do mundo (só nos últimos 16 anos nasceram cerca de 7 milhões de moçambicanos, todos eles ainda sem capacidade para o trabalho).

O PNUD provocou a ira do Executivo moçambicano quando publicou o IDH (Índice de Desenvolvimento Humano) no ano transacto, colocando o país nas últimas três posições do ranking mundial. Ouviram-se questionamentos sobre os critérios utilizados por aquela agência das Nações Unidas, tendo Luísa Diogo respondido, quase desabafando, que todos devemos respeitar as instituições internacionais e sérias, como o PNUD e o INE, respectivamente, ao invés de nos incomodarmos com os resultados dos seus estudos.

Os efeitos mais elucidativos do sofrimento e descontentamento populares deram-se nas cidades de Maputo e Matola, naquilo que o sociólogo Carlos Serra apelidou de “sismos sociais” em Setembro de 2010 e

Fevereiro de 2011, bem como em Cateme (Tete), Palma (Cabo Delgado) e partes do Município da Matola.

Existem também os dossiers “madjermans” e “desmobilizados de guerra”, cujos desfechos se desconhecem, mas contribuem para o descontentamento de determinados grupos sociais que constituem a população moçambicana.

Infra-estruturas económicas e sociais

Para mim Guebuza merece o título de “Construtor de Moçambique”. Se considerarmos o desenvolvimento como consequência de crescimento e as infra-estruturas como suporte desse desenvolvimento, diríamos que Guebuza teve uma visão de longo prazo e preparou os alicerces para o desenvolvimento efectivo do país. A SADC define hoje as infra-estruturas como cruciais para o desenvolvimento da região, coisa que o Presidente já tinha definido em 2004, ou seja, há quase dez anos.

É verdade que durante os primeiros anos do seu primeiro mandato se limitou a inaugurar as grandes infra-estruturas deixadas pelo seu antecessor, Joaquim Chissano, como são os casos das pontes sobre o rio Limpopo (Guijá), Rovuma, a própria ponte Armando Guebuza e a reversão da Hidroeléctrica de Cahora Bassa para Moçambique (a que ele apelidou de segunda independência, dado o seu significado histórico), entre outros.

Mas cedo Guebuza iniciou uma grande epopeia na edificação de infra-estruturas económicas e sociais de grande impacto, tais como a segunda ponte sobre o Rio Zambeze, em Tete, o Aeroporto de Nacala, a ampliação e modernização do Aeroporto Internacional de Mavalane, o Estádio Nacional do Zimpeto, a Circular de Maputo e a contestada ponte Maputo-Ka Tembe, a estrada Guijá-Chicualacuala, o Hospital Provincial de Maputo, o Hospital Central de Quelimane, a linha férrea Tete-Nacala, entre várias outras. Incluem-se também os sistemas de abastecimento de água e de drenagem nas cidades de Maputo, Beira, Nacala, Nampula e Quelimane, as escolas e unidades sanitárias de nível primário que cresceram exponencialmente, aumentando as coberturas aos moçambicanos.

Grande parte dos distritos do país está ligada à rede nacional de energia eléctrica (embora com a qualidade que deixa muito a desejar) e há que destacar o papel do FUNAE (Fundo Nacional de Energia) na electrificação rural. Pela primeira vez na história, regiões como Changanine e Murrure passaram a ter energia eléctrica a partir de painéis solares.

Não há dúvidas de que neste aspecto o Presidente deixou um legado histórico. Claro que ainda há muito por fazer e, por vezes, os executores não cumpriram todas as normas impostas pelos financiadores, como

são os casos dos projectos financiados pelo Millennium Challenge Corporation. Surgiu também a questão da qualidade das obras, onde despoeta a Vila Olímpica, mas as culpas não podem recair sobre a figura do Presidente, pois não é ele quem fiscaliza a execução das obras.

Combate à corrupção

Uma das grandes promessas do Presidente Guebuza foi o combate cerrado contra a corrupção e neste aspecto eu dou nota positiva. Pela primeira vez na história, altos dirigentes do Estado foram levados à barra da Justiça e condenados por crimes de desvio de fundos ou de aplicação. São disso exemplos os casos “Aeroportos, INSS e MINT”. Até hoje a imprensa está cheia de casos de corrupção à escala nacional. Isso pode dar a (falsa) ideia de que a corrupção cresceu, mas eu prefiro pensar que os mecanismos da sua detecção é que melhoraram porque sempre houve corrupção, em grande escala, em Moçambique. Hoje até se descobre a corrupção em órgãos de soberania como o Conselho Constitucional e o Tribunal Administrativo.

Mas cedo alguns “corruptos” descobriram que o Estado estava mercantilizado e o Presidente, como autor dessa mercantilização, já não tinha moral para puni-los. É por isso que existem casos que consubstanciam crimes de corrupção envolvendo membros do Executivo que nunca foram investigados. O próprio Partido FRELIMO acabou de oficializar a corrupção, ora apelidando-a de acidente de percurso, ora considerando-a como gratificação, ao defender e apoiar o aspirante a edil de Moatize, que tentou subornar uma magistrada do Ministério Público.

Veja-se que, neste caso, até procura-se culpabilizar a procuradora por um suposto mal-entendido! Ou seja, neste aspecto o Presidente assemelha-se ao peixe, que vive e morre pela boca. De qualquer modo, as instituições de combate à corrupção estão criadas e consolidadas, cabendo ao futuro presidente melhorar o que já foi feito até ao presente momento.

O que mais manchou a era Guebuza foi a falta de transparência nos negócios do Estado, desde os contratos com as multinacionais que exploram os recursos naturais, as concessões de terra para o Prosavana, o negócio com a Semlex para a produção de bilhetes de identidade e passaportes biométricos, até ao recente negócio de aquisição de navios para pesca e patrulhamento da costa marítima moçambicana. Esta falta de transparência alimenta as mais variadas especulações do envolvimento de altos dirigentes do Estado em negociatas. Os mais críticos, incluindo a poderosíssima e auto-confiante Maria Alice Mabota, apelidaram o Presidente de Mr. 5%.

Mahadulane

Prémio Mo Ibrahim

Há muitos motivos de celebração neste importante ano para África: o 50.º aniversário da fundação da Organização da Unidade Africana. O nosso continente é o que está a crescer mais rapidamente ao nível económico. Poucas vezes a atenção global foi tão grande ou mais positiva.

A criação da organização constituiu um ponto de viragem na história e no desenvolvimento de África. O seu aniversário proporciona a oportunidade de reflectirmos sobre os progressos obtidos ao longo do último meio século e de nos concentrarmos naquilo que é necessário alcançar para que no futuro se concretizem as arrojadas ambições dos seus arquitectos.

Na segunda-feira, a minha Fundação publicou o Índice Ibrahim de Governação Africana de 2013 (IIAG), que esperamos possa vir a informar sobre esta discussão. Os resultados, que nos permitem analisar as tendências recuando até ao ano 2000, lançam uma luz sobre o estado da governação em todo o continente e os importantes desafios que enfrentaremos ao longo das próximas décadas.

O IIAG demonstra que África alcançou progressos em muitas das áreas-chave e revela que 94% das pessoas do continente vivem num país que é mais bem governado agora do que há 13 anos. Registaram-se avanços notáveis em termos de desenvolvimento económico sustentável, género, saúde e educação. Estas são óptimas notícias.

Mas, por mais tentador que seja, temos de resistir a retirar conclusões demasiado simplistas ou optimistas a respeito de África e da direcção que está a seguir. Temos de analisar com alguma distância manchetes como “África em Crescimento” ou “O Continente da Esperança”, tal como no passado era incorrecto subestimar África como um “Caso sem Solução” ou um “Continente sem Esperança”. Na verdade, temos de nos afastar decisivamente tanto das manchetes afro-optimistas como das afro-pessimistas e caminhar para o afro-realismo.

Para compreender genuinamente o nosso vasto continente e contribuir para o alcance de melhorias eficazes e sustentáveis na governação, é essencial dispor de dados fiáveis e correctos. Este é também um aspecto que tem estado ausente em muitos países africanos. O IIAG, com quase 90.000 dados, está a contribuir para colmatar esta lacuna de informação e revela que as tendências da governação em África são simultaneamente complexas e diversas.

Em primeiro lugar, se a esmagadora maioria dos africanos beneficiou de uma melhor governação desde o virar do século, não podemos esquecer os 6% de africanos que vivem em países em que a governação se deteriorou. Madagáscar, Eritreia, Guiné-Bissau, Somália, Líbia e Mali recordam-nos que as tendências globalmente positivas testemunhadas pela maior parte do continente não são partilhadas por todos.

Em segundo lugar, apesar de se terem registado melhorias nas categorias do IIAG de Desenvolvimento Humano e Desenvolvimento Económico Sustentável, poucos progressos foram alcançados na categoria de Participação e Direitos Humanos. Mais preocupante ainda é o facto de as classificações na categoria de Segurança e Estado de Direito terem sofrido quedas de ano para ano desde 2010.

Os dados do IIAG sugerem que os factores subjacentes às recentes quedas na categoria de Segurança e Estado de Direito incluem ameaças crescentes à Segurança Pessoal e um agravamento no Tráfico de Seres Humanos e na Agitação Social. Estas conclusões são simplesmente inaceitáveis. Devem ser encaradas como um claro sinal de alerta para o facto de o futuro poder ser caracterizado por menos conflitos regionais, mas por uma maior agitação social e violência a nível nacional.

Em terceiro lugar, apesar dos progressos gerais constatados no continente, verifica-se um fosso crescente a nível de desempenho entre os países melhor e pior governados do continente – os “ricos” e os “po-

bres”. A pontuação das Ilhas Maurícias, situada no topo da tabela, é mais de dez vezes superior à da Somália, que se encontra na cauda da lista.

Há que retirar uma lição fundamental deste facto. Através de uma colaboração mais estreita, é possível partilhar as melhores práticas, incluindo as políticas, as estruturas e as abordagens que são mais eficazes para um país e os seus cidadãos.

A partilha está no espírito africano. Está imbuída nas nossas comunidades, através das nossas empresas, aldeias e redes familiares locais. Mas a verdade é que ao longo dos últimos 50 anos os africanos não partilharam entre si uma quantidade suficiente dos seus conhecimentos, dados ou mesmo bens através do comércio no interior do continente.

Hoje, a ajuda tradicional dos doadores está a diminuir. A dependência de parceiros estrangeiros para comprarem os nossos bens e nos enviarem recursos financeiros tem de terminar. África é suficientemente rica para ser autónoma, mas é necessário fazer mais trabalho. Não é possível haver uma unidade africana sustentável sem construir uma forte coesão e solidariedade no interior do continente. Daremos resposta às esperanças daqueles que apelaram à unidade africana há 50 anos sem a terem.

De uma maneira geral, uma avaliação honesta do continente, conforme ilustram os dados do IIAG de 2013, deve salientar os enormes progressos alcançados em África, mas incluir também um reconhecimento pragmático da distância que ainda resta percorrer.

O IIAG demonstra que o panorama nada tem de homogéneo e que nem o afro-pessimismo nem o afro-optimismo fazem jus à África moderna.

Mo Ibrahim

Fundador e presidente da Fundação Mo Ibrahim

Cidadania



goste de nós no
facebook.com/JornalVerdade

Jornal @Verdade

CIDADÃO REPORTA:

#Acidente de #viação na #Matola zona do EKA depois da cadeia BO em direção a T3, envolvendo 2 viaturas uma delas tipo mini bus que, pelo impacto acabou pendurada numa residência. Houve feridos.



Thaphynnys Polana Estams a pdr mais informação cmo um jornal v6 escreverm muito pouco nao achm? · 26/10 às 8:03



Pensador Armando Alexandre
Chauque Alguem reportou... · 26/10 às 10:00



Thaphynnys Polana opah que aprofund mais · 26/10 às 10:01



Osvaldinhu Maria primeiro: isto é uma pagina no face não um jornal segundo: alguem reportou esse caso e o jornal publicou. · 26/10 às 11:17



Azarias Savanguane bata trez vezes na twa testa thaphynnys tham · 26/10 às 11:21



Thaphynnys Polana hoh cmo um jornal normal deveria apurar os fatos e aprofundr jura Azarias ha cme on Gosto · 26/10 às 11:23



Benigno Gustavo Cossa Motorista talentoso, merce premio pelo levantamento trazeiro · 26/10 às 8:05



Francisco Ponguane Exacto Benigno esse motorista merece mesmo Gosto · 27/10 às 9:02



Joao Malo so le falta premio, deve ser o primo de MACGAIVA · 28/10 às 8:21



Leo Leopoldo ya me rendo, comentariox do fb sao sinistros.. Acredito k 85% das pexoas axou piada, poucos foram ox k lamentaram o ocorrido e kizeram saber da situaxao dox feridox.. Axu k tamox a precisar mudar d mentalidade.. · 7 · 26/10 às 9:43



Neto Dos Santos Macanja tiveste mto tempo pa rir, valeu a pena... entao ao escrever fikaste pronto pa critica. forca · 26/10 às 9:52



Carlitos Chambal Talves falta ética em algumas pessoas. · 26/10 às 10:00



Leo Leopoldo neto dos santos.. N axei piada nenhuma no k vi.. Fikei preocupado c as pexoas feridas e principalmnt c ox outrox 2 carros envolvidox k foram praticament skedidos.. Ninguem perguntou sobr ox feridox.. S stao graves ou n, kem sao as pexoas envolvidas, pk enkuanto nus divertimox c a imagem pod ser um conhecido noxu k stah nu hspital nest momento.. · 26/10 às 10:14



Yolanda Das Dores Realmente enquanto uns estao a chorar outros se divertem e nem tem a consciencia da gravidade do assunto. Ha coisas que precisamos de ser feitos uma lavagem cerebral e pormos os pes n chao,hoje sao eles,e hoje mesmo pode acontecer conosco. · 26/10 às 13:10



Ydaia Chemane tem pssoas k as vzs so xcrevem n facebok ants d pnsar hoj alguem ta ferid amanha soms nos + ha km tm coragem d rir e forcas p lancar piadas sincerament · 27/10 às 14:37



Fito Van Panabaker Os acidentes e incidentes estão a ser muito frequentes ultimamente, até parece que os automobilistas decidiram ou combinaram do tipo vamos vandalizar e ceifar vidas é nas estradas, ruas, escolas até nas próprias residências como mostra a imagem,

onde era suposto estar seguro na sua própria casa!!! Sinceramente mas sinceramente. Socorrooooooooooooooooooooo · 26/10 às 9:03



Raúl Machaieie Junior Isso dai é montagem! · 26/10 às 7:43



Neto Dos Santos Macanja concordo contigo · 26/10 às 9:50



Monteiro Matola Esta claro isso · 26/10 às 10:35



Luis Fabião Melembe não é montagem bro... Eu vi. · 26/10 às 13:06



Raúl Machaieie Junior Brada conta outra, pois essa nao cola! · 26/10 às 13:12



Charizade Mussagy nao é montagem, é real. · 27/10 às 0:18



Samira Raul Ai vce se egana pk iso acoteceu · 27/10 às 0:27



Veremos Moisés Simango Simango Na verdade, isso talvez pode ser a motagem tecnologico, da viacao terrestre areo, sem motor areo, isto significa e mas riscos , meus companheiros para vidas das pessoas. · 27/10 às 3:33



Djany Muthemba Mtb Esse tipo ao em vez de ter carta de conducao tem licenca pra matar · 26/10 às 8:01



Yatsura Ottyo Aly Muzemuque So podia envolver Chapa Mesmo... · 26/10 às 7:44



Grande Chefe conduzem bem, então as estradas sem buracos ajudam muito, quem já conduziu nessas estradas todas esburacadas sabe o quanto custa conduzir em muitas zonas ai · 26/10 às 19:24



Tomas Ulisses Vejo que está a parecer piada mas é sério eu também vi de perto esta situação só não tenho detalhes do incidente. · 26/10 às 10:59



Emídio Francisco Zualo Temos k dar mérito ao motorista, pois está manobra é incrível · 27/10 às 19:54



Francisco Ponguane Gente temos q termos em mente q nem todos os acidentes sao provocados pelo excesso de alcool mas sim por uma disraicao. · 27/10 às 9:09



Marinela Nela Tovelinha "Houve feridos" graves ou nao? Q sinistro... tomara q nenhum dos feridos esteja mt mal. Eish parece coisa d "fast and furious" · 26/10 às 11:23



Sergio Zandamela Isso e muito estranho um carro em cima duma casa como? · 26/10 às 11:20



Nelio Moiane essa zona tem uma estrada de cobra... · 26/10 às 11:18



Alberto Cardoso Me parece que a cada di que passa os automobilistas poem em risco a vida de muita gente so por causa da falta de pruencia e responsabilidade na via publica. Vamos tentar mudar de comportamento. · 26/10 às 10:43



Elca Cristina de Jesus txiiiiiii...essa casa cmo sofre.... nao é primeira vez k isso acontece...+...isso eh de hj??? · 26/10 às 10:31



goste de nós no
acebook.com/JornalVerdade

Jornal @Verdade

26/10 às 22:07 ·

CIDADÃO Orlando REPORTA:

De há uns anos para cá eram os académicos e jornalistas que estavam na mira do Presidente Guebuza; a partir de hoje a lista passou a integrar as organizações da sociedade civil que, no dizer do seu porta-voz, Edson Macuácu, "servem interesses e objectivos inconfessáveis". É caso para perguntar: quem serão os próximos "apóstolos da desgraça



Anselmo Ivan Se fosse possivel o guebas acordava com a boca cheia de formigas e o cano duma akm enfiada atras e assim livravamos desse capitalista sem coracao · 26/10 às 22:15



Aurélio Bull Guebuza o maCÚacua foi infeliz ao expressar isso. · 26/10 às 22:10



Andre Dimas eh pago para falar, nao a pensar..! · 26/10 às 22:12



Aurélio Bull Guebuza Então, nao pensa antes de falar, pois nao? · 26/10 às 22:14



Marufo Ali Ele nao é culpado è um simples porta voz .. macaco pimpim fala e ele fomenta. · 26/10 às 22:20



Aurélio Bull Guebuza Aquela cara arrogante que ele apresentou quando expressou isso era d Guebaz? · 26/10 às 22:24



Daniel Saide A que no FB os parentes devem estar distantes. Porque podem morrer de desgosto ou podem pensar em perseguir os outros. Mas a festa é nossa porque aqui não nas tvs onde se pode pagar os PCAs e as tvs passarem a apresentar informações tendenciosas e conturbadas. O dono do Facebook é americano, e vive lá. Por ano ele tem um rendimento de 5bilioes de dólares americano. será que há mola para irem lhe pagar lá e começar a limitar o acesso? · 26/10 às 23:22



Emanuel Paulo Manguiza Agora ja da pra ver que o que Diamantino Miranda disse sobre os Mocambicanos tinha muita razao, ele nao falou a toa... · 26/10 às 22:44



Rody Chizenga Discordo de tua opinião. Diamantino disse entre outras coisas k somos "ladrões". Pelo menos eu não aceito porque não sou ladrão nem me vendo por um prato de sopa... · 26/10 às 23:31



Emanuel Paulo Manguiza Ele quis se referir a aqueles chefes,so que ele nao se especificou falou de um modo geral,o problema dele foi esse... · 27/10 às 7:17



Robert Nhamarezi a verdade doi por iso ele ta na rua · 27/10 às 7:50



Celso Gabriel Langa Langa Que se a lixe esse dai n tem legitimidade pra falar da nacao mocambicana,se è homem k va diminuir o rabao k enxer as calcas e o confundi com as da baixa,vai satisfazer tua esposa que os rapazes ja se fartaram macaco · 26/10 às 22:19



Steven Reds Esse vosso presidente perdeu o controlo do pais por ambição demais. · 27/10 às 8:38



Vitoria Carlos Tem muito razao,de criador de patos pra president da republica. · 27/10 às 7:26



Fred Joaquim O pais ta d mal a pior cm o governant k so serve os proprios intereses · 26/10 às 22:39



José Francisco Narciso Menos jornalistas, porque esses decente ou indecentemente defendem o seu Pão, mas sobre os demais estou plenamente de acordo com a tese do Presidente da República. E ademais fazem descaradamente a INSENCIBILIDADE desses manipuladores supostos SOCIEDADE Civil. Crianças Moçambicanas em perigo de morte por malvados dessa mesma sociedade civil que dizem defender. · 26/10 às 22:22



Sebastian Oliveira Lange Vilanculo mas eh claro k ninguem mais (jovem) vai kerer seguir estes palhaxos... Ja era a xtoria deles, nao contem mais com os academicos · 27/10 às 17:59



Alcino Langa Sempre vao procurar alguém para acusar porcausa da má governacao deles, eles querem estar sempre certos mas desta vez falharam feio pq nao havia motivo para akele ataque · 27/10 às 11:54



Nina Mandlate Niyna Presidnte sem xperiecix>porke nao deixam ux juvenx governarem u paix pah>ou melhr fikarmx sem prezdente pah>toda hora keixax roubux sequextrox isu tud pur ma governaxao · 27/10 às 11:46



Laercio Eder Kamal Pelo menos fico satisfeito por ele saber que o povo ja nao gosta dele, porico ele esta a se vingar,sera que ele tem visto os debates da stv, tim, os do facebook? Eu acho que ele so tem visto da tv.m. · 27/10 às 8:48



Mubaraca Saide Mombassa Os ratos estao à roer tudo, guebas chegou , dèsgraca chegou e por ai vai.(perdoem me k estou a citar uma musica de um compositor mocambicano.). · 27/10



Elidio Carlos Araujo Xta complicado. Qndo as coisas akecem as pessoas xkecem k foram elas a provocar tudo isso e o povo e k sofre. Que Deus nos acuda · 27/10 às 1:49



Hafiso Bin Nizarito Que fale o seu desjo pois, pra que exixte a liberdade de exprexao? Macuacua sempre falou mal pois por defender o seu pao, mas ixo 1 dia qualquer vai acabar mal principalmente ao lado dexas infelizes, corruptos sem noção. · 26/10 às 23:37



Vitoria Carlos Esse ali esta no A.C outros no na estrada a morrer. merda. · 26/10 às 22:50



Manuel De Alice Caetano Maior problema do governo é k dscubriram k noxxo subsolo ta xeio d riqueza. Guebuza nao pensa é alimentar o compadre d paz. Em causa está o povo inoscente colocado cmo refén. · 26/10 às 22:41



Fernando Seda Caros. O País esta em Serio perigos esse é de dizer nao · 26/10 às 22:40



Gilbert Words Rhymes Alex Esse macuacua tal como outros lambebotas do Guebuza vende sua consciência em troca de promoção,por via disso vem a publico proferir estultícias...mas que merda!! Gosto · Responder · 1 · 26/10 às 22:36 através de telemóvel



Francisco Eusebio Matos Por tanto qualquer ser pensante capaz de ter uma opinião formada, e de argumentar torna-se incomodo, ele só gosta daquele povo não informado facilmente manipulável · 28/10 às 18:03



Mig Saranga Se ele é portavoz do chefe d Estado tem a obrigação d falar tudo oqui sai da bouca do "presidenti Guebuza", ele não é culpado por transmitir a infomação. · 28/10 às 6:01



Babone Augusto D'lizzy meus irmax estes homem se o femd muito se invenjam muito ate oproprio tio guebas atribui empresas a filh o fho cunhado ta mal · 27/10 às 20:39